



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL**

**TRILHAS E ESTRADAS:**

**a formação dos bairros Fátima e Jockey Clube (1960-1980)**

**CRISTINA CUNHA DE ARAÚJO**

**TERESINA, PI**

**2009**

**CRISTINA CUNHA DE ARAÚJO**

**TRILHAS E ESTRADAS:**

**a formação dos bairros Fátima e Jockey Clube (1960-1980)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Juliana Lopes Elias.

**TERESINA, PI**

**2009**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

A663t Araújo, Cristina Cunha de.

Trilhas e estradas: a formação dos bairros Fátima e Jockey Clube (1960-1980) [manuscrito] / Cristina Cunha de Araújo. – 2009.

128 f.

Cópia de computador (printout).

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Mestrado em História do Brasil, 2009.

“Orientadora: Profa. Dra. Juliana Lopes Elias”.

1. História - Piauí. 2. Piauí - Teresina - Povoamento. 3. Bairro Fátima – Urbanização. 4. Bairro Jockey Clube - Urbanização.

I. Título.

CDD 981.22

**CRISTINA CUNHA DE ARAÚJO**

**TRILHAS E ESTRADAS:**

**a formação dos bairros Fátima e Jockey Clube (1960-1980)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr. Juliana Lopes Elias.

Aprovada em 22 de Junho de 2009, pela Comissão Examinadora

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Juliana Lopes Elias  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)  
Orientadora

---

Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto  
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)  
Examinador

---

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)  
Examinador

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a Deus, meu Pai, Criador e Sustentador da minha vida. Sem Sua presença seria impossível buscar meu lugar ao sol, voar com o vento do novo dia e ir em busca dos meus sonhos e esperanças. À minha família e aos meus amigos.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus por estar sempre ao meu lado, não me deixando nada faltar, que nos momentos mais decisivos mostrou que caminhos trilhar. Quero agradecer a minha mãe que criou a mim e meus 11 irmãos com muita força e respeito nos ensinando os princípios de ética e cidadania e a busca constante de nossos ideais, sob ao seu modo e como, as circunstâncias lhe permitiram nos guiar na busca de nossos ideais. Agradeço também aos meus irmãos, sobrinhos e afilhados pela torcida e pelo carinho. Agradeço profundamente ao programa de Pós-Graduação em História do Brasil por me ter concedido a bolsa de estudo que me permitiu trilhar essa jornada de forma mais branda. Não posso deixar de citar o apoio e incentivo dos colegas companheiros de turma da graduação do curso de História da UESPI (Campus Clóvis Moura) a Cláudia Fontinelle e Marcelo de Sousa Neto pelo incentivo e amizade. A Ângela Maria pela amizade, respeito e incentivo ao longo destes anos. Ao Benilton Torres de Lacerda pelos conselhos, incentivo e amizade. Agradeço a minha orientadora Juliana Lopes Elias pelas leituras incansáveis nos meus “textos, rabiscos de idéias” seu trabalho, paciência e compreensão e o devido respeito aos meus limites tornando possível a conclusão desta dissertação. Aos colegas da quarta turma do mestrado pelas conversas e conselhos sábios, aos professores do programa de pós graduação em história do Brasil, que cada um a seu modo contribuiu para a construção desse trabalho, ao professor Alcides Nascimento pelos sábios conselhos e incentivo, a dona Eliete, Leda e Marcinha por nos ajudarem sempre que precisávamos. Agradeço aos funcionários da Semplan e Arquivo Público, por nos atender tão bem durante todo o período que passamos lá. Não poderia deixar de citar o apoio da família Gradvohl Aboim pelo apoio incondicional em todas as empreitadas de minha vida. As minhas amigas pelo incentivo e por ter compreendido a minha ausência em determinados momentos durante estes dois anos. Não poderia deixar de agradecer às pessoas que gentilmente nos receberam em suas casas e nos privilegiaram com suas memórias sobre os bairros Fátima e Jockey Clube. Quero abrir um parêntese para destacar a pessoa de dona Teresinha Gomes que contribuiu para o nosso trabalho e que infelizmente veio a falecer ano passado, seu carinho e respeito serão sempre lembrados. Concluir essa etapa de minha vida não foi fácil tive que lidar com muitos desafios, privações, porém tendo uma alegria enorme por ter conseguido chegar até esse momento. Hoje tenho certeza de que para conquistarmos algo na vida não existe nada que nos impeça, basta termos a certeza daquilo que queremos e um Deus e amigos que nos auxiliem nessa busca.

## RESUMO

O presente trabalho trata da formação dos bairros de Fátima e Jockey Clube, localizados na zona Leste de Teresina, no período compreendido entre 1960-1980. A pesquisa é atravessada pelos conceitos de espaço e lugar de Michel de Certeau e de lugares de memória, de Pierre Nora. Para a tessitura do trabalho, foi utilizada a metodologia da História Oral, pesquisas em documentos oficiais e nas seguintes fontes hemerográficas: jornais O Dia, o Dominical, Jornal do Comércio e Folha da Manhã. A pesquisa evidenciou que alguns elementos foram essenciais para a formação dos bairros pesquisados: a edificação da ponte Juscelino Kubistchek, ligando a Avenida Frei Serafim à BR-343; a construção de um hipódromo na zona Leste; a elevação da Igreja de Fátima à condição de Paróquia Nossa Senhora de Fátima, a construção da sede social do Jockey Clube e ainda a edificação do mercado municipal Domingos Monteiro. Os investimentos nos bairros e os loteamentos de terras despertaram o interesse dos agentes produtores do espaço, que passaram a investir em edificação de casas de tijolo e telha. A penetração de novos moradores nos bairros provocou o surgimento de um novo perfil habitacional tanto no Jockey Clube como no bairro de Fátima. As melhorias urbanas investidas nos bairros, o forte apelo publicitário e a edificação do *Campus* da Universidade Federal do Piauí-UFPI, no Planalto Ininga contribuíram para materializar o discurso de que os bairros recortados nessa pesquisa eram o mais novo refúgio da elite local e, com isso, impulsionaram a expulsão dos primeiros moradores, os quais eram, em sua grande maioria, provenientes do interior do estado ou empregados das chácaras e sítios que havia no local.

**Palavras-chaves:** História. Cidade. Bairro.

## RESUMÉ

Ce travail La formation des quartiers Fátima et Jockey Clube situés à la zone l'este de Teresina dans les années 1960-1980. Dans cette recherche ont été les concepts d'espace et de lieu de Michel de Certeau et lieux de mémoires de Pierre Nora. Pour prouver ce travail a été utilisé La méthode de l'histoire orale, recherche dans les documents officiels, et aussi des sources historiographiques comme les journaux: O Dia, O Dominical, O Jornal do Comércio et Folha da manhã, des références bibliographiques, de la ville et de quartiers. La recherche a mis en évidence quelques éléments qui ont été essentiels pour la formation des quartiers Fátima e Jockey Clube, les premiers faits ont été: La construction du pont Juscelino Kubistek qui lie l'avenue Frei Serafim à BR – 343, La construction d'un hippodrome dans la zone l'este, La transformation en paroisse de l'église Nossa Senhora de Fátima, La construction du siège social du Jockey club et l'édification du marché Domingos Monteiro. Les investissements en construction et les lotissements dans ces quartiers ont attiré l'intérêt des agents immobiliers qui ont commencé à faire des investissements et construire des maisons avec des briques et des tuiles. L'arrivée de nouveaux professionnels dans les quartiers les améliorations urbaines et les investissements qui ont été faits, les campagnes publicitaires et l'édification de l'Université Fédérale du Piauí- UFPI au quartier Ininga ont matérialisé un discours qui parlait que les quartiers Fátima et Jockey Clube étaient le nouveau refuge de l'élite locale et a contribué directement par la sortie des premiers habitants qui étaient dans la plupart venus de la province de l'état des fonctionnaires des fermes et des fermes qui existaient déjà au lieu.

**Most-clé:** histoire-ville e quartier.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Fotografia 1:</b> Vista aérea de Teresina.....	24
<b>Fotografia 2:</b> Avenida Frei Serafim e parte da Juscelino Kubitschek .....	26
<b>Fotografia 3:</b> Ponte de concreto armado sobre o rio Poty. ....	28
<b>Fotografia 4:</b> Mapa da cidade de Teresina.....	29
<b>Fotografia 5:</b> Mapa Rodoviário de Teresina .....	34
<b>Fotografia 6:</b> O tráfego na ponte Juscelino Kubitschek .....	38
<b>Fotografia 7:</b> Praça Pedro II.....	59
<b>Fotografia 8:</b> Mulheres Despejadas .....	62
<b>Fotografia 9:</b> Mapa da cidade de Teresina .....	67
<b>Fotografia 10:</b> Esse clube chamado River .....	70
<b>Fotografia 11:</b> Centro Social N.S de Fátima .....	76
<b>Fotografia 12:</b> Residência Zona Leste de Teresina .....	82
<b>Fotografia 13:</b> Sede social do Jockey Clube .....	86
<b>Fotografia 14:</b> Fachada do Mercado do Jockey Clube .....	92
<b>Fotografia 15:</b> Residencial horto .....	100

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Total de habitações produzidas pela COHAB-PI.....	63
--	----

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
1. O TECER DE UM CENÁRIO .....	19
1.1 A cidade do desejo e a cidade do possível.....	30
1.2 O Coronel e a pista de Turfe. ....	39
2. AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA .....	43
2.1 Os anos 1950: uma nova configuração espacial em Teresina .....	46
2.2 Passos que definem a cidade visível .....	53
3. VEREDAS E CAMINHOS .....	67
3.1 O tecer de uma história por meio da vivência .....	71
3.2 Os primeiros moradores do Bairro de Fátima.....	72
3.3 A Capela e os Fiéis.....	75
3.4 A implantação do campus da Universidade Federal do Piauí no Ininga .....	79
3.5 E onde foram parar as casas de palhas? .....	81
3.6 O deputado e o Hipódromo .....	85
3.7 O Bairro Jockey Clube .....	90
3.8 A modificação do espaço por meio da apropriação .....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	104
REFERÊNCIAS E FONTES.....	107

## INTRODUÇÃO

É segunda feira. Saio às 6h30 e me apresso para chegar até a parada onde vou pegar o transporte coletivo para o centro da cidade. Espero bastante pelo ônibus, porque todos os que param já estão lotados e, quando finalmente consigo pegar o transporte, tenho dificuldade em transitar no seu interior devido à enorme quantidade de passageiros. Faço o percurso da Avenida João XXIII até a Praça da Bandeira, observando, consumindo<sup>1</sup> diferentes imagens ao longo da avenida, dentre as quais identifico variadas edificações não “tão diferentes”, isso porque a Avenida João XXIII tornou-se um local com construções bastante singulares. Ali existem farmácias, revendedoras de automóveis, postos de combustíveis, supermercados, lojas de rações, prédios públicos, bancos, lanchonetes e poucas residências. Até o entroncamento da João XXIII com a Avenida Nossa senhora de Fátima, posso dizer que a paisagem é singular, sendo o local aproveitado predominantemente para uso comercial.

Se as imagens que vislumbro em meu trajeto são singulares, não posso dizer o mesmo dos passageiros do veículo que me conduz. Eles são os mais variados possíveis, podendo se identificar suas funções e seus destinos pelas suas vestes ou pela bagagem que conduzem. Vejo que a grande maioria é estudante, havendo outros que vão para o trabalho. Ao chegar ao ponto de encontro da Avenida João XXIII com a Av. Nossa Senhora de Fátima vêem-se duas edificações modernas que se destacam dentre as demais: a primeira, do lado direito é o Shopping Riverside; do lado esquerdo, o Teresina Shopping, os quais deslocaram para a zona Leste de Teresina grandes lojas, contribuindo assim para o comércio local. Ligando a Avenida João XXIII à Avenida Frei Serafim, existem as pontes Juscelino Kubistchek e Dirceu Mendes Arcoverde<sup>2</sup>. Chegando-se a Frei Serafim percebem-se os primeiros sinais de contraste entre a cidade “velha” e a cidade “nova”, lugar onde as edificações se misturam, formando um contraste visual na paisagem da avenida que é o ponto de encontro das diferentes zonas que compõem a cidade: Sul, Norte e Leste.

Assim como a Av. João XXIII, a Frei Serafim, antigo ponto de residência da elite de Teresina, tornou-se um local eminentemente comercial, diferente da paisagem dos anos 1960, quando, segundo Francisco Alcides Nascimento, “caminhando pela Avenida desde

---

<sup>1</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1 artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

<sup>2</sup> Prefeitura Municipal de Teresina. Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação.

meados dos 1960, percebia que praticamente todas as habitações possuíam dois pisos (...)”.<sup>3</sup> Hoje, as edificações do início do século XX se misturam às modernas. A avenida que, a princípio, foi ponto de moradia de pessoas abastadas e teve como marco inicial a Igreja de São Benedito, conta, por meio de suas diferentes edificações, a história da capital piauiense.

Chegando a Praça Deodoro da Fonseca, mais conhecida como Praça da Bandeira, me deparo com o núcleo do centro histórico, onde nasceu do ponto de vista formal, a cidade de Teresina. Ao observar os diferentes “registros” dos prédios daquela época, começo a me questionar: qual a cidade que habito? Será aquela definida pelos agentes planejadores do espaço, arquitetos e urbanistas, representada pelos mapas? Ou será aquela praticada, construída por meio da caminhada dos passos dos “praticantes ordinários?”<sup>4</sup> Os passos do homem ordinário moldam o espaço construído pelos agentes legais da cidade criam espaços dentro dos lugares definidos pelos agentes legais da cidade<sup>5</sup>. Desço da condução e percorro a Praça da Bandeira, vou observando as diferentes pessoas que transitam por aquele espaço, algumas apenas trafegam outras se apropriaram da praça e a usam como local de trabalho, como verdureiros, pedintes, prostitutas, vendedores. Ao findar a travessia, chego ao meu destino: a Casa Anísio Brito.

No Arquivo Público do Piauí, aquele lugar de memória, que, segundo Pierre Nora, “são lugares capazes de cristalizar, reter a memória”<sup>6</sup>, subo os degraus e começo a ouvir o burburinho dos funcionários ocupados em diferentes funções. Sigo direto para a sala de pesquisa e peço a um dos funcionários um catálogo do acervo. Começo a folhear e a localizar os documentos que me ajudaram a tecer esta pesquisa, os quais, seleciono conforme o recorte espacial, temporal e também as minhas mais diversas inquietações. Os documentos oficiais, constituídos por códigos municipais, mapas, mensagens governamentais, relatórios me ajudam a desenhar uma imagem de uma cidade visível que existe apenas nos papéis. Após concretizar essa cidade que ora construí no meu imaginário, passo a recortá-la e a localizar meu objeto, que se encontra misturado naquela imensidão. Para retroceder no tempo e conhecer os bairros que escolhi fez-se necessário trabalhar com fontes hemerográficas, assim, tomo os diferentes documentos para tecer essa imensa colcha de retalhos; para isso escolhi algumas ferramentas. A teoria, assim como a agulha, me guiará a diferentes contornos do

<sup>3</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **As Comemorações do Centenário de Teresina: Novas sensibilidades do Viver Urbano** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL. 2008, Teresina. **Anais**, p.4.

<sup>4</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

<sup>5</sup> Ibidem

<sup>6</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**, São Paulo, n.10, p.15, dez.1993.

tecido, portanto não posso trabalhar com qualquer agulha, pois uma boa costureira escolhe a dedo aquela que melhor perfura o tecido. Nesse sentido, a teoria me forneceu sustentação para percorrer os mais diferentes caminhos. Em Michel de Certeau<sup>7</sup> busquei referência para os conceitos de espaço e lugar, assim pude perceber que os bairros Fátima e Jockey Clube tornaram-se espaços que emergiram do crescimento urbano da cidade. Contrastando com os documentos oficiais, a documentação hemerográfica se compôs dos jornais Jornal do Comércio, O Dominical, Folha da Manhã e O Dia nos quais em diferentes matérias, identifiquei duas cidades: aquela construída por meio da ação dos passos dos caminhantes, que, dentro da cidade visível, constroem a urbe invisível, a qual se forma a partir de práticas<sup>8</sup>, e a cidade visível, aquela planejada pelos urbanistas.

As diferentes informações que começo a selecionar para tecer o corpo do meu objeto são semelhantes aos retalhos que a costureira separa para formar a colcha. Devem eles ser bem recortados, separados por cores, para que, ao final não haja cores soltas, que não combinem com as demais. É com essa sensibilidade que tento organizar as informações dispersas nas fontes. Nessa minha ânsia, procuro por estilhaços de fontes que me sugiram algo sobre o meu objeto e, nesse momento, me fortaleço com Carlo Ginzburg<sup>9</sup>, quando afirma que o trabalho do historiador na construção da narrativa deve estar atento aos fios produzidos e que, para se chegar aos rastros, deve-se identificar os fios que nos conduzem a eles. Assim são as fontes que utilizei.

Após mais um dia de trabalho no arquivo, pego novamente minha condução e vou agora em direção à Universidade Federal do Piauí. Ao chegar ao cruzamento das Avenidas João XXIII e Nossa Senhora de Fátima, me encontro fisicamente com meu objeto de estudo, os bairros Fátima e Jockey Clube. A paisagem atual é bem diferente daquelas que observei nas fontes; as ruas agora estão definidas, as casas seguem uma organização das imagens que observei e que ainda estão ali. São os embriões de fundação dos dois bairros: o primeiro, a sede social do Jockey Clube, que, embora não tenha todo o glamour dos anos 1960, ainda é um espaço considerado importante; o segundo é o Complexo de Fátima (centro social e igreja), onde as mudanças são mais visíveis, pois os prédios foram deslocados para outro local para dar espaço ao prolongamento da avenida até a UFPI. Ali a paisagem mudou bastante ao longo desses anos.

---

<sup>7</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1 artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

<sup>8</sup> Ibidem

<sup>9</sup> CARLO, Ginzburg, **O Fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Ao observar o trânsito de pedestre nas ruas, percebo o quanto a rotina daqueles dois espaços mudou e daí começo a refletir sobre as inquietações iniciais que me impulsionaram a pesquisar o processo de formação dos bairros Fátima e Jockey Clube no período compreendido entre os anos 1960 e 1980.

Como moradora do bairro de Fátima durante parte dos anos 1990, passei a interessar-me em saber como os bairros se formaram. Após o ingresso na academia, o interesse só aumentou, à medida que entrei em contato com as leituras sobre cidade e alguns trabalhos que tratam de bairros de Teresina. Desse modo, pude perceber que os espaços de uma urbe são múltiplos, que existem diferentes cidades dentro de uma só e que os bairros não se formam por acaso. Com tais informações, passei a me questionar sobre os elementos que possibilitaram a formação daqueles dois bairros considerados nobres na capital.

O como fazer? Como juntar os estilhaços de informações e construir uma narrativa sobre os bairros? Então iniciei a fase de investigação e seleção dos documentos que poderiam me auxiliar nas pesquisas. Após algumas visitas ao acervo da Casa Anísio Brito, decidi delimitar o recorte temporal – inicialmente seria 1970 e 1980, mas, com o decorrer das leituras e orientação da disciplina Seminário de Dissertação, percebi a necessidade de retroceder um pouco mais, optando por trabalhar com o recorte de 1960 a 1980.

Os jornais selecionados foram: O Dia, Folha da Manhã, O Dominical e Jornal do Comércio, e, após decidir sobre as fontes hemerográficas, passei aos documentos, oficiais, identificando algumas mensagens governamentais e municipais, relatórios coletados no IBGE. Consegui ainda na Biblioteca da SEPLAM (Secretaria de Planejamento Municipal), os originais dos dois planos estruturais urbanísticos de Teresina - o PDLI (Plano de Desenvolvimento Local Integrado) e o PET (Plano Estrutural de Teresina). Nessa busca de referências bibliográficas que tratassem sobre Teresina, encontramos alguns trabalhos, como: O Crescimento da Zona Leste de Teresina – um caso de segregação? De Irlane Gonçalves de Abreu, que é um dos precursores do estudo sobre a capital; A Evolução Urbana de Teresina: agentes, processos formas espaciais da cidade Teresina, de Antônio Cardoso Façanha; Dom Avelar Brandão Vilela entre o texto e o contexto: trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956 – 1971) de Warrington Wallace Veras de Araújo; Favela COHEBE: uma história de luta por habitação popular e As Multifaces da Pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos ambos de Antônia Jesuíta de Lima.

Todas essas referências dizem muito sobre Teresina, desse modo foi importante direcionar o nosso olhar para, em meio a tantas informações, “identificar os fios para poder

encontrar a trilha dos rastros”<sup>10</sup>, em meio ao emaranhado de fontes com que me deparei ao longo da pesquisa, embora tenhamos sentido uma carência de pesquisas sobre bairros. Os poucos que encontramos foram os de Francisco Eudã: A política habitacional no Piauí e a construção do Itararé (1975-1982); o de Francisca Lidiane de Sousa Lima: Rupturas, permanências e vivências cotidianas: o Bairro Mafuá de 1970 a 1990, e ainda **Itararé: Um olhar histórico e social entre 1976 e 1983**, de João Batista Sousa do Nascimento. Tais obras nos deram uma visão ampliada sobre o crescimento urbano de Teresina na segunda metade do século XX, o que foi importante para termos uma visão panorâmica da capital. A partir daí, começamos a construir nosso caminho rumo ao lado leste de Teresina na busca por Fátima e Jockey Clube.

O trabalho com as fontes, além de apresentar dados sobre esses bairros, nos mostraram a necessidade de buscarmos outros materiais, isto é, faltavam dados nas fontes escritas, então optamos pela metodologia da História Oral, entrevistando pessoas que vivenciaram o processo de construção e transformação dos bairros recortados nesta pesquisa. Os depoimentos nos permitiram uma visão diferente da apresentada pelas fontes escritas: Segundo Verena Alberti (2006),

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinaram quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido<sup>11</sup>.

A metodologia da História Oral nos auxiliou bastante, pois ela permitiu trabalhar com pessoas que tiveram o privilégio de participar de alguma forma do processo de formação dos referidos bairros e que nos disseram, cada uma a seu modo, muita coisa que, por algum motivo, não conseguíamos visualizar nos documentos escritos. Ao buscarmos as lembranças desses indivíduos, fomos nos deparando com suas memórias e, aqui neste trabalho nos utilizamos de alguns lugares de memória os quais conforme Pierre Nora (1981),

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários,

<sup>10</sup> CARLO, Ginzburg. **O Fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>11</sup> ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais<sup>12</sup>

Optamos por trabalhar com o conceito de lugares de memória ao constatarmos, nas entrevistas, que, em vários momentos nas falas dos entrevistados, eles se referiam a um lugar para lembrar-se de algo. Um exemplo desse fato foram dois lugares que desencadearam o processo de lembrança dos entrevistados: o primeiro foi a capela que existia no Bairro de Fátima, e o segundo, a sede social do Jockey Clube. Esses pontos serviam, em alguns momentos, como referência para provocar a memória de alguns de nossos entrevistados.

Após estas etapas, finalmente tecemos nossa colcha de retalhos com o cuidado de não deixarmos nenhum ponto sem receber linha, mas como seres humanos, somos dotados de falhas. Se em alguns pontos deixamos faltar linha não foi por falta de esforço, mas, como diz Foucault<sup>13</sup>, excluímos o que nosso olho não enxerga. O trabalho está, assim estruturado em três capítulos.

No primeiro capítulo, **O tecer de um cenário** buscamos o cenário de um Brasil projetado pelos governos militares, que tinham o objetivo de alavancar a economia brasileira, sendo que para isso, era importante fabricar a imagem de um país que procurava se inserir no cenário econômico mundial, o que demandava tornar-se moderno, apto para fazer parte daquele cenário. Os investimentos para se construir “esse Brasil novo” tinham na estrutura física das grandes cidades brasileiras seu principal foco, com destaque para as capitais. Tal projeto foi materializado nas obras de construção de conjuntos habitacionais destinados às classes com renda mensal de um a dois salários mínimos, sendo a formalização desse plano sustentado com a criação de órgãos governamentais em nível federal, como o Banco Nacional de Habitação (BNH) e o Serviço Federal de habitação e Urbanismo – SERFHAU; em nível estadual, surgiram as Companhias de Habitação – COHAB. Juntos, tais órgãos tinham a meta de organizar os empreendimentos urbanísticos no Brasil, sendo que tais iniciativas deviam, conforme o discurso oficial, suprir a demanda de moradia nas grandes cidades, considerando que, à época, a procura pela vida citadina aumentara consideravelmente. Em Teresina, o reflexo desses projetos deu-se por meio da elaboração do Plano de Desenvolvimento Local Integrado – PDLI, no final da década de 1960, e da construção de um dos primeiros conjuntos habitacionais do Piauí: o Parque Piauí, na zona Sul de Teresina, o qual veio de certa forma,

<sup>12</sup> NORA, Pierre. **Entre Memória e História** a problemática dos lugares. Tradução: de Yara Aun Khoury projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós- Graduação em História e do Departamento de História da PUC – SP. (1981).

<sup>13</sup> VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, 1992, 1995, 1998.

consolidar o desenvolvimento da área, já ocupada por um pequeno número de moradias. Nesse período, o traçado inicial da cidade, elaborado por Antônio Saraiva, começa a ser rompido, e novas zonas começam a surgir. Os investimentos em infra-estrutura urbana possibilitam, então o povoamento do lado leste da capital.

No segundo capítulo, **Ação Social Arquidiocesana - ASA e as ações sociais que definiram novos espaços na cidade**, analisamos a atuação da Igreja Católica, sob o comando do Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela, na configuração do espaço urbano da cidade, através da criação dos centros sociais e de novas paróquias. Enfatizamos também as primeiras edificações urbanas em Teresina, resultantes ainda da interventoria de Leônidas de Castro Melo. Esse projeto de modernização da capital passa por uma nova roupagem no primeiro mandato do governador Alberto Tavares Silva (1971-1974), que tornou Teresina vitrine para seu projeto de desenvolvimento do estado. Nesse período, foram criados órgãos estaduais com a finalidade de desenvolver projetos com o objetivo de alavancar a economia do Estado. As intervenções urbanas na capital adquiriram outra dimensão após a posse do engenheiro Joel da Silva Ribeiro (1971 – 1975) na chefia do Executivo municipal, sendo uma de suas principais obras a construção do anel viário de Teresina. Todas essas edificações tiveram como principal resultado a materialização da cidade visível, projetada pelos agentes legais da cidade, e da cidade invisível, construída pelos indivíduos que ficam à margem da primeira.

No terceiro capítulo **veredas e caminhos: Fátima e Jockey Clube**, tratamos do crescimento e da edificação do primeiro vão de concreto armado sobre o rio Poty, no trecho Avenida Frei Serafim e BR-343, que concretiza o desenvolvimento da zona Leste de Teresina. Esse processo é selado com a criação de um hipódromo por um dos proprietários de terras na região, o deputado coronel Otávio Miranda. Os primeiros moradores da zona do Jockey, como era conhecida a região, eram trabalhadores dos sítios que existiam no local, sendo povoamento iniciado com os primeiros loteamentos no bairro de Fátima e do Jockey Clube. A capela no bairro de Fátima foi de grande importância para o desenvolvimento da localidade, sendo que o elemento principal foi a sede social do Jockey Clube, a qual deslocou para a área o interesse dos diferentes agentes produtores do espaço, que, por meio de ações diversificadas, começam a intervir no local.

Por meio das falas dos entrevistados e das fontes hemerográficas, buscou-se desenhar a zona do Jockey dos anos 60 e 70 e perceber como as constantes ações foram dando o contorno da atualidade. Procurou-se também nomear e caracterizar as construções que foram elementos desencadeadores não só do desenvolvimento dos bairros Jockey Clube e

Fátima, como também tiveram grande importância para o surgimento de um novo perfil habitacional desses bairros, os quais, na atualidade, são conhecidos como zonas nobres de Teresina.

## CAPITULO 1

### O TECER DE UM CENÁRIO

O presente capítulo aborda o cenário de um Brasil projetado pelos diferentes governos militares, que tinham o objetivo de alavancar a economia brasileira, tornando o país moderno, apto para fazer parte do cenário mundial. Para materializar “um novo Brasil”, o governo militar concentrou investimentos no processo de urbanização e modernização das grandes cidades brasileiras da época, sendo esse projeto coordenado pelo governo federal, por meio de órgãos como o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo – SERFHAU e o Banco Nacional de Habitação – BNH. Dessa forma, este capítulo procura discorrer sobre a ação desses órgãos e os demais projetos e órgãos estaduais criados para interagir com os projetos federais. De que forma tais projetos foram executados em Teresina? Como se deu o reflexo no espaço urbano da capital? Dessa forma a cidade que abordamos nessa parte do trabalho é aquela pensada, definida e erigida pelos urbanistas.

A década de 1960 foi um período muito intenso para a história do Brasil. Em um curto espaço de tempo, vivenciamos a renúncia de um presidente da República (Jânio Quadros)<sup>14</sup>, um plebiscito para escolher o sistema de governo<sup>15</sup> e, em seguida, mergulhamos em uma ditadura militar que abalou as estruturas sociais, econômicas e políticas do país. Foram muitos acontecimentos em um pequeno espaço de tempo, quando transitamos de um governo democrático para um sistema autoritário e extremamente controlador, no qual os presidentes que se sucederam, juntamente com seus órgãos e assessores, detinham as “rédeas” dos mais diversos setores do país. É desse modo cerceador que o Brasil iniciou um intenso processo de reestruturação econômica e social. A economia contou com um forte apoio dos EUA, que viam no Brasil uma nação com possibilidade de desenvolvimento. Não é sem razão que, em 1965 o Governo Americano liberou US\$ 150 milhões<sup>16</sup> para o Brasil, tendo em vista que havia confiança por parte do Fundo Monetário Internacional no país recém-iniciado na política autoritária, sob a presidência do General Castelo Branco

---

<sup>14</sup> FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 11. ed.-São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

<sup>15</sup> Plebiscito realizado em janeiro de 1963 para decidir qual o sistema de governo, venceu o presidencialismo.

<sup>16</sup> SKIDMORE, Thomas E. **Brasil de Castelo e Tancredo, 1964-1985**. Tradução Mario Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1991.

Ao prosseguir com os planos de reestruturação da economia do país, o projeto de governo da ditadura militar apresentava as chamadas reformas de base, que eram planos de desenvolvimento e investimento em alguns setores, como o bancário, agrário, tributário e eleitoral, cada uma visando reestruturar esses setores. Dentre as reformas realizadas, destacamos a urbana, cuja meta era delinear e esquematizar o planejamento e regulamento do crescimento das cidades brasileiras. Uma das explicações para a preocupação com as intervenções nas urbes está no fato de que, nesse período, havia um deslocamento de pessoas do meio rural para as zonas urbanas. Conforme Milton Santos (2008), o quadro era o seguinte:

Entre 1960 e 1980, a população vivendo nas cidades conhece aumento espetacular: cerca de cinquenta milhões de novos habitantes isto é, um número quase igual à população total do país em 1950. Somente entre 1970 e 1980, incorpora-se ao contingente demográfico urbano uma massa de gente comparável ao que era a população total urbana em 1960.<sup>17</sup>

A procura pela vida urbana pode ser explicada também pelo aumento de produção no setor terciário, o qual movido pelo desenvolvimento econômico da época, proporcionou maior oferta de emprego qualificado, tendo como consequência direta a queda do setor primário. Movidos pela falta de oportunidades no meio rural, ocasionada pela afluente mecanização dos meios de produção, as pessoas migraram para os grandes centros em busca de oportunidades. Esse aumento populacional dos centros urbanos também foi responsável pelo acúmulo de pessoas desempregadas, provocando o surgimento de ocupações urbanas desordenadas.

A preocupação com a nova realidade das grandes cidades, aliada aos anseios de modernização do país via ditadura militar, fez com que fossem criados vários órgãos no nível federal, entre eles o Banco Nacional de Habitação – BNH e o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo – SERFHAU<sup>18</sup>. Embora criados com o intuito de organizar os empreendimentos urbanísticos, percebe-se que tais órgãos não foram muito eficazes, não conseguindo manter uma atuação forte no controle das ações urbanas. Uma explicação plausível para essa fraca atuação, pode estar relacionada à existência de outros órgãos nos níveis estadual e municipal, tais como a COHAB e os Planos Estruturais dos municípios, os quais, na maioria das vezes,

---

<sup>17</sup> SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. 5 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

<sup>18</sup> 1964 órgãos criados no governo do general Castelo Branco.

não agiam em conjunto com o SERFHAU, sem contar que cada município possuía legislação específica sobre uso e ocupação do solo<sup>19</sup>.

Uma demonstração de intervenção do Estado brasileiro nas cidades foi a construção de Brasília, inaugurada em 1960. A euforia desse empreendimento impulsionou ainda mais o projeto de urbanização no país. Em Teresina, as primeiras demonstrações desse projeto ocorrem ainda nos anos 40, durante o Estado Novo<sup>20</sup>. Os melhoramentos urbanísticos implementados naquele período proporcionaram o surgimento de novas zonas habitadas. Em 1969 o chefe do executivo municipal de Teresina, Joffre do Rego Castelo Branco (1967-1969)<sup>21</sup>, atrelado ao projeto urbanístico da época, lança o Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI), que foi o primeiro de muitos planos voltados para o desenvolvimento da capital. É importante citar que o PDLI foi concluído e apresentado à sociedade somente na gestão de José Raimundo Bona Medeiros 1969-1970.

A implantação deste plano significa o início do processo de planejamento indispensável à reorganização dos serviços internos e a capacitação da prefeitura para oferecer à comunidade teresinense os meios necessários ao seu desenvolvimento econômico e social<sup>22</sup>.

O PDLI foi elaborado a partir de estudo desenvolvido com o auxílio de arquitetos e engenheiros, sendo que a empresa responsável foi a COPLAN S.A, com participação do SERFHAU, órgão do Ministério do Interior. O estudo contemplou diferentes áreas de desenvolvimento e foi organizado em três partes: a primeira foi denominada de Entraves e Impulsos no seu Desenvolvimento; a segunda, Estratégia para o Desenvolvimento Local e a terceira, Implantação do Processo de Planejamento. Vejamos como era apresentado tal programa:

A primeira visava: identificar as causas mais profundas geradoras dos estrangulamentos do Desenvolvimento Local, como também encontrar os fatores propulsores para uma programação racional; a segunda parte era responsável pela mudança como, também os programas de ação; a terceira tratava dos programas já em andamento, dos estudos, anteprojetos e projetos a serem seguidos pela Prefeitura, e também as medidas já tomadas em função do trabalho do plano de Desenvolvimento Local Integrado<sup>23</sup>.

---

<sup>19</sup> OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: ed. da UFPR, 2000.

<sup>20</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

<sup>21</sup> FILHO, A. **Memorial da Cidade de Verde**. Teresina, 1978.

<sup>22</sup> Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina. Financiamento: Ministério do Interior SERFHAU FIPLAN BNH.

<sup>23</sup> Ibidem

Conforme a equipe responsável pela elaboração do plano, Teresina era a primeira capital a possuir um plano de desenvolvimento local, já havendo também leis que regulamentavam o espaço urbano. A primeira foi definida em 1867 e denominada Código de Postura, o qual proibia, por exemplo, a circulação de animais como bovinos e galinhas nas ruas da cidade. Mas o plano de 1969 era bem mais ousado e embora tenha sido bastante discutido entre os órgãos do Município, não entrou em ação de maneira completa, tendo apenas alguns pontos postos em prática. Uma das explicações para a não execução foi a falta de verbas, pois se tratava de um projeto audacioso. Em seu texto, o PDLI chamava a atenção para a necessidade de verbas de diferentes órgãos, além do empenho dos governos estadual e municipal:

O desafio maior, agora é a continuação da Implantação deste Plano, que exigirá capacidade administrativa e liderança excepcionais, no sentido de mobilizar a SUDENE, os ministérios, o governo do estado e a iniciativa local para reunir os recursos financeiros e humanos para a grande tarefa de construir a nova Teresina<sup>24</sup>.

A integração desses órgãos, juntamente com o compromisso das administrações estadual e municipal, seria crucial para a viabilidade do plano. Algo complicado se pensarmos, principalmente, na SUDENE, pois a mesma era quem deveria coordenar o programa na sua área de influência e assegura completo apoio ao plano, porém isso era contraditório, considerando que a SUDENE não destinava muitos recursos financeiros para os estados do Nordeste<sup>25</sup>. A SUDENE “nasceu” ainda na década de 50, quando o presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961) estava dando prosseguimento ao plano de Metas: “surgiu em resposta à crise brasileira, na qual a crescente participação das massas na política exigia a continua expansão do emprego e melhoria do nível de qualidade de vida da população”<sup>26</sup> Como mencionamos no início, a ditadura militar (1964-1985) tinha um plano de desenvolvimento urbanístico para o Brasil, porém, na prática, não conseguiu concretizar de maneira organizada o projeto, sendo que talvez um dos maiores entraves para sua materialização tenha sido a má interação entre os diferentes órgãos..

---

<sup>24</sup> Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina. Financiamento: Ministério do Interior SERFHAU FIPLAN BNH.

<sup>25</sup> BLOCH, Adolpho. **Cinqüenta Anos em Cinco. 3º volume de meu caminho para Brasília**. Rio de Janeiro, 1978.

<sup>26</sup> MARTINS, Agenor de Sousa et al. **Piauí: evolução e desenvolvimento**. Ed.rev. Teresina: Fundação CEPRO, 2003.

A preocupação de aproveitamento do solo teresinense demonstrada via PDLI é relevante se consideramos que a capital era um dos principais pólos urbanos do estado, sendo, que nos anos 50, apresentava, segundo Agenor Martins, o seguinte percentual populacional:

A população do Piauí, em 1950, alcançava 1.045.696 habitantes, com 83,7% destes na zona rural. Com isso, tinha o Estado, aproximadamente, para cada 6 habitantes, 1 na zona urbana. Os maiores aglomerados urbanos situavam-se em Teresina ( 51.418 habitantes), Parnaíba (30.174 habitantes) e Floriano ( 9.101 habitantes)<sup>27</sup>.

O Piauí apresentava, então apenas três centros urbanos, sendo o maior deles a capital, vindo logo em seguida, Parnaíba, lembrando que este município situado no norte do estado, até o início do século, exerceu um papel importante na economia do estado, uma vez que, sendo litoral, tornava-se porto de saída e entrada de importantes produtos da economia do estado e do país. Já o terceiro centro era Floriano, cidade situada no sul do estado.

O número de habitantes de Teresina só tendia a crescer em decorrência de maior investimento em melhorias nas áreas de saúde e educação, conforme os dados colhidos pela equipe responsável pelo PDLI, a população de Teresina apresentava-se da seguinte maneira:

Em 1940, 51% da população estava na zona urbana. Em 1950 aumentou para 56,6%, sendo que em 1960 passou a ser 68, 9% do total. No período 40/60 a taxa de crescimento da população urbana foi de 4,0%. Já no período 50/60 atingiu 6,7%. Neste último período a população rural cresceu à taxa de 1,2% mantendo-se constante a taxa do decênio 50/60. Haveria 79,2% da população da zona urbana do município em 1970<sup>28</sup>.

Esses números evidenciam o crescimento populacional da capital. Nos anos cinqüenta, apresentando um desenho de como suas fronteiras estavam sendo extrapoladas. Os números apontados pelo PDLI sobre o crescimento da cidade podem ser comparados com o mapa a seguir, que nos mostra um panorama da transformação da cidade:

---

<sup>27</sup> Ibidem.

<sup>28</sup> Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina. Financiamento: Ministério do Interior SERFHAU FIPLAN BNH.



Fotografia 1: Vista aérea da cidade de Teresina na década de 1950  
 Fonte: MARTINS, Edilberto. **Guia de Teresina**. Teresina: Gráfica do IBGE, 1959, p.22

A fotografia 1 mostra uma Teresina bem diferente daquela do início do século XX com muitas edificações, sendo possível perceber que todo o aglomerado urbano está situado do lado direito do rio Poty em direção à região sul. Berilo Neves, observando a imagem, fala da capital que ele conhecia na sua juventude, uma cidade pequena com suas ladeiras e velhas igrejas. A cidade de hoje, conforme Berilo (1959), nada tem a ver com aquela de sua juventude<sup>29</sup>, agora existe apenas em suas lembranças e em alguns detalhes, seja de uma rua ou prédio antigo que, embora tenha sido modificado, guarda as marcas de um tempo que passou. A cidade da juventude tornou-se invisível a olho nu, e para buscá-la, ele utiliza alguns artifícios como, por exemplo, a arquitetura, o traçado das ruas. As cidades têm essa capacidade de “guardar a história” de uma época

A vista aérea de Teresina projetada na fotografia 1 nos revela não a urbe das lembranças de Berilo, aquela que, segundo ele, fazia parte do seu imaginário sobre o lugar onde residia tempos atrás; mas sim a urbe do final dos anos 50. A imagem feita por meio da fotografia tem o poder de “congelar”, “capturar” o tempo“, tornando-se um componente de grande destaque, mesmo que nem sempre seja valorizado como fonte de pesquisa pelos próprios profissionais da história<sup>30</sup>. A imagem só veio a conquistar espaço nos trabalhos de história nos últimos 20 anos e, para nós, a iconografia será um aliado constante, na tentativa de visualizarmos a Teresina dos anos 50 e 60.

<sup>29</sup> MARTINS, Edilberto. **Guia Turístico de Teresina 1959**. Teresina, Gráfica do IBGE, 1959.

<sup>30</sup> KNAUSE, Paulo. O desafio de fazer história. **Artcultura**, Uberlândia, v.8, n.12, p.97-115, jan.-jun. 2006.

O PDLI de 1969 era bem específico quanto aos novos rumos das intervenções urbanísticas, podendo-se até inferir que nele se fez um diagnóstico de Teresina, segundo os idealizadores do projeto. Caracterizava-se a fundação da capital, em 1852, sua ocupação, tipo de relevo, clima, migração e, por fim, a perspectiva industrial. Tratando-se de um diagnóstico feito a partir da visão de quem pensava a cidade constituída sob a ótica estabelecida por meio da lei, com base no que é permitido e no que não é tendo-se uma cidade regulamentada.

A idéia de urbe regulamentada, normatizada pelo PDLI, que ficou apenas no papel, é diferente da cidade retratada nos jornais da época. Por que a Teresina desenhada nas manchetes jornalísticas era tão distante daquela proposta pelo PDLI? Por que os espaços existentes eram tão diferentes? Por que, quando comparamos a Teresina vista de cima, das fotos jornalísticas, identificamos várias Teresinas? O que ocasionou essas diferentes cidades?

Procurando definir a cidade, Raquel Rolnik diz que a mesma é múltipla, composta de várias outras cidades, pois seus habitantes a transformam conforme suas necessidades, sendo que nessas constantes modificações, vão deixando vestígios de sua existência<sup>31</sup> e denunciando as diversas cidades contidas em uma só. Teresina foi sendo modificada para atender as necessidades de seus diferentes habitantes, e tais transformações podem ser percebidas principalmente com o surgimento de novas áreas habitadas. H. Dobal, escrevendo sobre a Teresina dos anos 50, comenta sobre novos e antigos bairros que estavam surgindo:

Quanto aos bairros ninguém sabe como nasceram ou como vivem. Alguns são antigos, outros surgiram há pouco tempo. Porenquanto, na margem do Poti, onde moram pescadores, em 1920 era um “lugarejo nas proximidades de Teresina”, Vermelha, ou Planalto Vermelha como fica mais pomposo, onde há terreiros de macumba, é antigo. Piçarra, que prosperou muito e tem mercado e grupo escolar, cabarés, é novo e populoso. Ao lado está se formando um bairro elegante, ainda sem nome, Cajueiros ou Santa Luzia dos Cajueiros. [...] Palha de Arroz, mal afamado e perigoso, na margem do Parnaíba, de malandros, marinheiros, mulheres-dama, faz vida noturna, vende peixe frito, cachaça, panelada, frutas, danças e brigas. Brigas muitas vezes sangrentas. [...] Em todos estes bairros, em casebres de palha, vive uma humanidade muito pobre e em todos eles existe uma quantidade espantosa de crianças e cachorros. Hoje os bairros estão diferentes e podem realizar os seus forrós com tranqüilidade.<sup>32</sup>

Lendo o trecho de Dobal, percebe-se, que a cidade de seus relatos é uma urbe nostálgica, saudosista, que cresceu quase pelo acaso, sem nenhuma perspectiva de organização, com habitantes bastante diferenciados. São bairros como o Porenquanto, que era apenas um “lugarejo” nas proximidades de Teresina e hoje se pode dizer que faz parte do centro da capital. Em meio aos bairros antigos, vão surgindo os novos espaços, os quais vão

<sup>31</sup>ROLINK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1995.

<sup>32</sup> DOBAL, H. **Obra Completa II. Prosa**. 2 ed. Teresina: Plug, 2007.

agregando novos moradores, que aos poucos tecem seus novos hábitos e vão reconfigurando uma nova capital sob os vestígios da saudosa Teresina do relato do poeta.

Os novos espaços da cidade vão redesenhando a antiga paisagem da cidade, sendo um exemplo claro, além do já citado pelo poeta (os bairros), a expansão de antigas avenidas, como a Frei Serafim, que também já foi conhecida pelo nome de Avenida Getúlio Vargas. No final dos anos 40, aquela artéria passou por reforma e passou a abrigar casas de pessoas da elite local. Um elemento importante para a pavimentação daquela área foi a edificação do Hospital Getúlio Vargas, no período um dos maiores do Brasil, após a qual o desenvolvimento da área fluiu com maior rapidez. Um dos prédios pioneiros da Frei Serafim foi a sede do Colégio Sagrado Coração de Jesus, mais conhecido como “Colégio das Irmãs”, inaugurado ainda na primeira década do século XX, além da sede do Paço Episcopal e do Convento São Benedito. Esse conjunto arquitetônico constitui as edificações mais antigas do local, que teve seu prolongamento associado à construção da Igreja São Benedito. No final do século XIX, surgiu também um cruzeiro já bem próximo às margens do Rio Poty, para onde os peregrinos tinham o hábito de se dirigir. A figura 2, a seguir nos dá uma idéia das condições da avenida no final dos anos 50.



Fotografia 2: Avenida Frei Serafim e parte da Juscelino Kubitschek.  
Fonte: MARTINS, Edilberto **Guia Turístico de Teresina**. p. 15. 1959.

A imagem, quando observada com atenção, permite fazer algumas considerações, a começar pela visão, que é feita de cima da ponte em direção à igreja São Benedito, com a

estrada de chão batido revelando a rusticidade do espaço<sup>33</sup>. A imagem mostra também poucas edificações nas proximidades da margem do rio, mas é possível perceber no lado direito o teto do prédio do seminário menor, no início da avenida, no sentido leste/centro, revelando ainda a predominância do verde. Considerando que a avenida foi prolongada em virtude de algumas edificações erguidas ali, podemos concluir que a via não surgiu sem planejamento, podendo até não ter sido fruto de projeto, o que não impediu que se tornasse área de interesse em razão do crescimento da cidade no sentido da zona leste.

O PDLI de 1969 teve o intuito de disciplinar o uso do solo da capital, que há muito estava sendo extrapolado sem planejamento oficial. Existem algumas ressalvas, como a construção do conjunto habitacional na zona Sul o Parque Piauí, inaugurado em 1967<sup>34</sup>. O qual foi construído a uma distância de 7 km do centro da cidade, numa área considerada rural o que se tornou motivo de muita inquietação por parte dos futuros moradores, que reclamavam da falta de transporte e também da falta de infra-estrutura, tais como abastecimento de água, energia elétrica, pavimentação de ruas etc.

A inexistência de planejamento não impediu o crescimento da cidade. Iracilde Maria de Moura Fé Lima<sup>35</sup>, ao dissertar sobre suas lembranças de infância na capital, descreveu com destreza sobre a Teresina dos anos 50 e 60 e nas suas recordações destaca-se a descrição da travessia do rio Poty para se chegar até a BR 343, estrada que liga o Piauí ao norte do estado. Essa travessia era feita por meio de pontões<sup>36</sup>. Existira uma ponte de madeira onde hoje está localizada a ponte ferroviária, mas a mesma foi destruída durante uma forte enchente ainda nos anos 40, sendo que outra só foi edificada no governo de Jacob Almendra Gayoso (1954-1956). O primeiro vão de concreto armado foi denominado de ponte Juscelino Kubitschek, uma obra federal realizada pelo DNOCS.

<sup>33</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1 artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

<sup>34</sup> VIANA, Bartira Araújo da Silva. O sentido da Cidade: Entre a Evolução Urbana e o Processo de Verticalização. **Carta Cepra**. V.23, n.1, 2005.

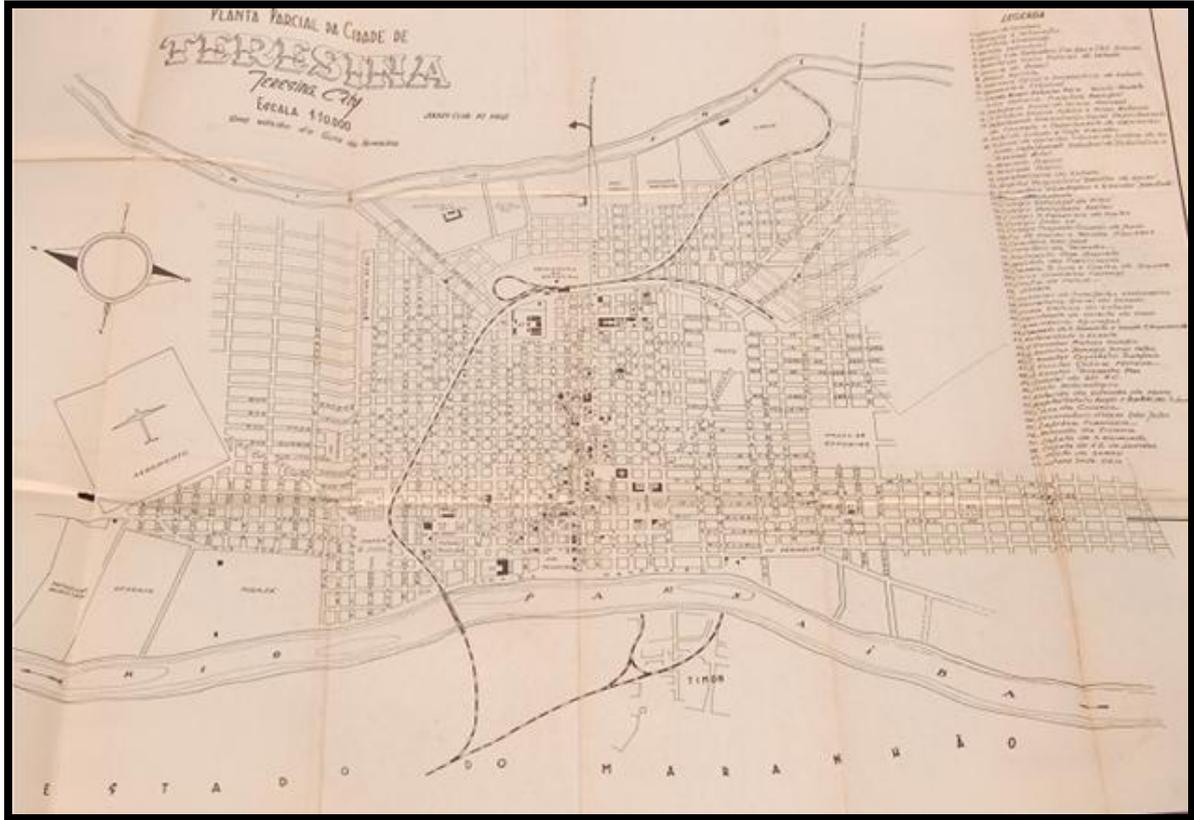
<sup>35</sup> LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé. Teresina: urbanização e meio ambiente. **Scientia. Scientia et spes: revista do Instituto Camilo Filho**, Teresina: ICF, v.1, n° 2, 2002.

<sup>36</sup> Pontão espécie de barco que fazia travessia de pessoas e de veículos até a margem direita do rio Poti;



Fotografia 3: Ponte de concreto armado sobre o rio Poty.  
Fonte: MARTINS, Edilberto. 1959, p. 17.

Essa ponte, embora sendo apenas de um vão, viabilizou o acesso ao lado leste de Teresina, que era ocupado por sítios e chácaras, onde poucas pessoas residiam. Esse local era conhecido como zona do Jockey Clube. As primeiras notícias sobre a área começaram a ser veiculadas nos jornais em decorrência da criação de uma pista de corrida de cavalo, a qual, mais tarde a pista foi aumentada, sendo construída também a sede social do clube no local onde está localizada até hoje a avenida Nossa Senhora de Fátima. Era um clube frequentado pela elite da cidade, que, no anseio de desfrutar de lazer “nobre”, criou o estabelecimento. A ponte foi idealizada com o intuito de melhorar o acesso àquela área, que, a partir de então, sediou o primeiro estabelecimento de equitação da cidade. O mapa seguinte mostra a existência da zona do referido clube.



Fotografia 4: Mapa da cidade de Teresina.  
 Fonte: MARTINS, Edilberto. Guia Turístico de Teresina, 1959

Observando com atenção a imagem é possível, visualizar a área correspondente à zona do Jockey Clube, a qual está indicada por uma seta. No lado esquerdo, não existia sinal de casas. Mas é visível o sinal de crescimento da cidade, seja nas direções norte e sul, às margens seja do Poty ou Parnaíba, já estão agregadas a zona do centro. Já o lado leste é completamente destituído de residências. Sabemos que o mapa não é o reflexo do real, mas apenas uma mera representação daquilo que pode se concretizar, porém, com esta representação, podemos construir uma idéia sobre a realidade. A paisagem dessa área começa a mudar no início de 60, isso por que:

Os anos 60 marcaram a ocupação além do Rio Poty ( as leis n: 972, de 4 de março de 1964 e n: 1.123, de 1967, definem novos limites urbanos). A construção e pavimentação da BR-343, aliado à necessidade natural de expansão urbana para uma intensificação de loteamentos, resultando em um parcelamento desordenado, que gerou uma malha confusa e complexa sem maior hierarquização das vias existentes. E agravando o fato de que a maioria destes loteamentos vendidos foram aprovados pela prefeitura sem obedecer aos mínimos requisitos da lei Federal de loteamentos permaneçam numa espera evidente de valorização da área.<sup>37</sup>

<sup>37</sup> Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina. Financiamento: Ministério do Interior SERFHAU FIPLAN BNH

As mudanças não estavam restritas a essa zona de Teresina, isso porque “Em paralelo, a construção de três núcleos residenciais no Monte Castelo, um na Ilhota, um na Cidade Nova e dois na Vila Operária, serviram de base para a estruturação de bairros mais organizados nas suas funções”<sup>38</sup>. Tais edificações foram fruto do programa do governo via BNH. Conforme a citação do PDLI foi possível perceber como os espaços planejados deram formas à cidade.

### 1.1 A cidade do desejo e a cidade do possível

As cidades são fruto do desejo e, ao mesmo tempo, resultado da ação de quem as vivencia. Os diferentes projetos<sup>39</sup> destinados a regulamentar e disciplinar o uso do solo teresinense evidenciam, sobretudo, o interesse por parte dos órgãos públicos em criar cidades regulamentadas por leis, fato não muito recente, considerando que uma das primeiras experiências desta nesse sentido ocorreu no Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX. Bem mais tarde, teve-se a experiência de Brasília (1960). Porém nem sempre tais projetos são seguidos na íntegra, e é da confluência de projetos e desejos que surgem diferentes cidades. “Parafrazeando essas diferentes urbes, Ítalo Calvino destaca “Fedora”, no centro de Fedora, metrópole de pedra cinzenta, há um palácio de metal com uma esfera de vidro em cada cômodo”. Dentro de cada esfera, vê-se uma cidade azul, que é o modelo para outra fedora<sup>40</sup>.

Compartilhando do pensamento de Calvino, podemos dizer que os diferentes planos urbanísticos almejavam cidades ideais, porém as diferentes intervenções tornaram tais projetos inviáveis, assim as cidades, mesmo sendo planejadas, vão adquirindo características das pessoas que as vivenciam cotidianamente. Para Michel de Certeau,

[...] a cidade se torna tema dominante dos legendários políticos, mas não é mais um campo de operações programadas e controladas. Sob os discursos que a ideologizam, proliferam as astúcias e as combinações de poderes sem identidade, legível, sem tomadas apreensíveis, sem transparências racional – impossível de gerir.<sup>41</sup>

A cidade, de acordo com Certeau, é hoje construída por agentes que fogem às regras urbanas, que desconstróem a urbe legalizada pelos discursos dos pensadores que se orientados

<sup>38</sup> Ibidem

<sup>39</sup> 1867- aprovação provisória das primeiras posturas municipais. 1939- elaboração do primeiro código de postura municipal. 1969 elaboração do PDLI e 1977 - elaboração PET ( Plano estrutural de Teresina)

<sup>40</sup> CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>41</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1 artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

com base na legislação que orienta a cidade. Da mesma maneira que o Estado estabelece critérios para regulamentar, existem alguns grupos sociais que reivindicam para si uma urbe dotada de equipamentos que possam oferecer comodidade e prazer, o que pode ser constatado nas notas dos jornais que circulavam em Teresina em meados de 1960:

[...] até pouco tempo atrás não havia entre nós, para nós e para os visitantes, um lugar ameno para umas horas longe do calor e do burburinho da cidade. Clubes recreativos, só tínhamos mesmo o clube dos Diários e o River, que logo morreu. Hoje florescem a AABB, Circulo Militar e o clube dos Diários, prometem-nos para breve um clube Sírio Libanês, e o Jockey Clube vai desenvolver-se num ritmo animador. Este último merece todo o nosso apoio e cooperação, [...] mesmo agora, ainda não de todo construído, já é um refugio alegre para a sociedade Piauiense [...]. Acreditamos mesmo que, quando se completa a construção do Jockey nada ficemos a dever a esses clubes famosos de Fortaleza, Recife etc.<sup>42</sup>

Na nota, é perceptível o interesse do jornalista em enumerar os clubes que serviam de refúgio e lazer para um determinado segmento da sociedade local, destacando também a importância da capital se equiparar a outras grandes cidades do Nordeste. Para os visitantes Teresina deveria oferecer comodidade e serviços de qualidade, sendo compreensível também que os clubes citados pelo jornalista situem-se em uma mesma zona da cidade, a que potencialmente se encaminhava para se transformar bairro nobre.

O projeto desenvolvimentista de Teresina via PDLI de 1969 prosseguia por outros setores, como o abastecimento de água, esgoto, energia e sistema viário. O abastecimento de água da capital passa a ser de responsabilidade da AGESPISA, ainda na década de 1950. Até as primeiras décadas do século XX, o abastecimento era feito de maneira rudimentar e poucas pessoas tinham acesso a esse tipo de melhoramento urbano, mas com as constantes intervenções governamentais, o serviço foi se estendendo para um número maior de residências. Vejamos o destaque que recebe no programa PDLI

[...] Comparada com outras capitais do país só ultrapassa Belém, quanto a extensão da linha adutora, embora sua linha distribuidora seja bastante inferior à menor entre as quatro consideradas. Teresina como Belém, não possui penas de água fazendo-se a distribuição por meio de ligações livres, o que não ocorre em São Paulo ou Rio de Janeiro e só em pequena escala em Salvador. A projeção revela em 1968 um número de domicílios com Água corrente para o Rio de Janeiro 81%, Belém 26% Teresina apenas 9,2% atualmente pelo menos 42, 8% das casas entrevistadas não possuem água encanada.<sup>43</sup>

A diferença entre a qualidade do serviço de abastecimento de água, de Teresina e das demais cidades, citadas no relatório do PDLI era alarmante, considerando que, já no início da

<sup>42</sup> EIS que a cidade cresce. **Jornal Folha da Manhã**. Teresina, 20 de fev. 1958.

<sup>43</sup> Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina. Financiamento: Ministério do Interior SERFHAU FIPLAN BNH

década de 1960 a população teresinense de 142.691<sup>44</sup> habitantes, porém se deve levar em conta que algumas daquelas cidades, como o Rio de Janeiro, por exemplo, teve seu processo de urbanização iniciado bem antes de Teresina. Esses números, quando comparados com a população que não dispunha de abastecimento de água em relação ao número de domicílios que não possuía do serviço em 1940, significou um avanço para o período.

Outro melhoramento urbano que mudou os hábitos cotidianos dos teresinenses foi a introdução do fornecimento de energia elétrica, já que, com a iluminação elétrica, nas ruas os moradores passaram a fazer passeios noturnos. Para Pedro Vilarinho Castelo Branco, “A luz elétrica trouxe nova vida à noite. No Jardim da Praça Rio Branco onde, além do passeio público, havia também cafés e cinema, a noite ganhava espaço e tornava-se mais brilhante”<sup>45</sup>. Os novos hábitos descritos por Vilarinho, porém eram permitidos à população apenas nos dias em que a iluminação funcionava, o que inicialmente, só acontecia quinta- feira, sábado e domingo. As instalações elétricas nas residências cresceram lentamente, sendo que em 1929 atendia somente a 689 domicílios<sup>46</sup>. Já no final da década de 60, esse serviço estava completamente ampliado, e a iluminação já estava a cargo da CEPISA- Centro Elétrico do Piauí S.A – Sociedade de Economia Mista, se estendendo, a outras cidades do interior do estado. Conforme relatório do PDLI, a transmissão de energia encontrava-se da seguinte maneira:

[...] a CEPISA é uma sociedade de economia mista, com capital de NCr\$2.203.447,00 da qual parte é de ações do Estado e as outras da Eletrobrás, SUDENE e particulares. No estado do Piauí, Teresina é a cidade mais servida de energia, em capacidade de geração e regularidade de fornecimento. O sistema de geração e regularidade de fornecimento. O sistema de geração é feito através do grupo Asas/Vapor de 3.000 Rpm e grupos Diesel Elétricos, de 750/1 000 Rpm, mantém 3 subestações elevadora todas já adquiridas ao novo sistema de eletrificação da COHEBE- Companhia Hidrelétrica de Boa Esperança, com início de fornecimento previsto para 1970. [...] em 1967, a produção de energia elétrica do Município alcançou 22.565.170 KW. Teresina está situada na faixa inicial de atendimento da COHEBE. No mesmo ano o consumo total de energia elétrica do Município foi de 14.490.100 KW, ou seja, 64, 2% da produção total. O consumo total de energia elétrica em Teresina, de 1964 a 1967, cresceu em 85,5% com uma taxa média anual de 11, 3% e o industrial sofreu complexa variação, crescendo em 1964/1967 em 40,1% e reduzindo a partir de 1966<sup>47</sup>[...]

<sup>44</sup> ABREU, Irlane Gonçalves de. **O crescimento da zona leste de Teresina.** Um caso de Segregação? 1983.Tese (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

<sup>45</sup> BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo. Desejos. Tramas e impasses da modernização. ( Teresina 1900-1930): **Scientia Et spes:** revista do Instituto Camilo Filho. Teresina: ICF, V.1, n. 2, 2002.

<sup>46</sup> Ibidem

<sup>47</sup> Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina. Financiamento: Ministério do Interior SERFHAU FIPLAN BNH

A instalação da COHEBE no Piauí trouxe a possibilidade de desenvolvimento da atividade industrial no estado, a começar pela área onde a sede da Companhia foi instalada, na zona sul, ponto estratégico por se situar nas proximidades da BR-316, estrada que liga o Piauí ao Sul do estado. A favorável proximidade da ponte ligando o Piauí ao Maranhão desenvolveu as indústrias alimentícia, como a Mapil, e têxtil, como a Guadalajara, concentrando ainda importante setor de serviço de autopeças.

Os números citados no relatório do PDLI condizem com a proposta de desenvolvimento, e embora tenha decaído um pouco em 1966, tal projeto já tinha sido iniciado ainda na década de 50, fato evidente com a criação de algumas instituições que foram elementos chaves para o desenvolvimento da economia do estado. No governo de Gayoso e Almendra (1954-1956), foi criada a Federação das Indústrias do Piauí (FIEPI), com o objetivo de fortalecer a atividade industrial no estado. Ainda no início da década de 50, na busca de ampliar o cenário industrial estadual, foram criadas algumas entidades com o fim de prover a infra – estrutura para o desenvolvimento da economia, como, por exemplo, a Empresa de Telecomunicações do Piauí S.A (TELEPISA), Águas e Esgoto do Piauí S.A (AGESPISA) e o Banco do Estado do Piauí S.A.<sup>48</sup>

Como já foi mencionado, a meta de disciplinar e melhor desenvolver a cidade de Teresina almejada pelo PDLI não alcançou muitos êxitos, sendo aproveitadas apenas às propostas relacionadas com o sistema viário radiocêntrico e com o anel viário<sup>49</sup>. Os dados em Teresina assinalam que,

O Município de Teresina é servido por uma rede viária que liga a cidade aos seus povoados e a outros Municípios como União, José de Freitas, Altos, Demerval Lobão, Monsenhor Gil e Palmeiras, todos localizados na sua periferia. Além disso, através das Rodovias BR-316 e 343 comunica-se com estados do Nordeste Brasileiro e do Centro-Sul. A integração no Município na relação campo-cidade em algumas rodovias é limitada a seis meses do ano em vista de que várias das estradas vicinais mantêm-se periodicamente sem condições de tráfego<sup>50</sup>.

Essa fragilidade do sistema viário do município de Teresina também foi destacada no que se refere ao perímetro urbano. Segundo dados do PDLI, os pontos cruciais seriam:

Identificou-se a existência de dois pontos de conflitos de importância fundamental no sistema de tráfego urbano: o primeiro na intersecção da Avenida Miguel Rosa

<sup>48</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e Cristalina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n° 53, p. 195-214, 2007.

<sup>49</sup> FAÇANHA, A. C. **A evolução urbana de Teresina: agentes, processos e formas espaciais na cidade**. 1998. Tese(mestrado em Geografia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

<sup>50</sup> Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina. Financiamento: Ministério do Interior SERFHAU FIPLAN BNH

com a Ruy Barbosa, ponto de acesso à Zona Norte da cidade, e o segundo na intersecção da Avenida Miguel Rosa com a Av. Frei Serafim – ponto de acesso à zona leste de Teresina da cidade. Em ambos os casos a presença da via férrea constituiu-se em fator limitativo das mediadas de intervenção<sup>51</sup>.

O principal ponto de entrada de Teresina era a BR-316, isso porque era no sul do estado que estavam localizados os grandes centros exportadores de produtos para a capital, em cidades como Picos e Floriano. Além disso, na zona sul, concentravam-se avenidas que viraram verdadeiras zonas comerciais da capital, a exemplo da Miguel Rosa e Barão de Gurguéia, que se destacavam pela variedade de estabelecimentos comerciais ligados a automóveis. Outro ponto a ser salientado é a localização do terminal rodoviário Dirceu Mendes Arcoverde, edificado no início da década de 1980. O mapa a seguir apresenta o complexo viário do Município:



Fotografia 5: Mapa Rodoviário de Teresina  
Fonte: Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina.

No mapa, destacam-se os principais níveis de acesso de Teresina, as linhas verdes, como também as vias centrais no centro da cidade. O projeto de sistema viário para a capital elaborado pelo PDLI foi aproveitado em parte pelo prefeito Joel Silva<sup>52</sup> (1971-1975), o qual na condição de prefeito-engenheiro, incorporou a figura do político empreendedor. A administração de Silva planejou dotar a cidade de infra-estrutura, sendo que uma de suas principais contribuições na pavimentação do espaço urbano de Teresina foi a construção do anel viário, que consistiu na construção de duas grandes avenidas: a José dos Santos e Silva e

<sup>51</sup> Ibidem

<sup>52</sup> Engenheiro que atuava no 2º Batalhão de Engenharia e Construção.

a Miguel Rosa. Ligando a zona Sul ao centro, sendo que a última cruza a Frei Serafim. Esse cinturão desafogou o trânsito de ônibus coletivos das vias centrais para as referidas avenidas.

Diz-se que do PDLI elaborado para Teresina a obra de repercussão foi a construção do referido anel viário. Questionamos-nos, nesse sentido por que um projeto tão grandioso e tão bem elaborado não entrou em vigor nas diferentes gestões municipais que se sucederam de 1969 ao fim da ditadura em 1985, se um dos planos era o de planejar as intervenções urbanas. Não nos propusemos, neste trabalho discutir essa questão, mas, sim identificar o que foram elaborado, para a projeção do espaço de Teresina, evidenciar o que, de fato, foi posto em prática e como o resultado desses planos contribuiu para a modificação do espaço urbano da capital, uma vez que estamos nos propondo a estudar o processo de formação de dois bairros localizados na zona Leste de Teresina. As diferentes fontes nos mostram que os primeiros sinais da ação de indivíduos nos bairros pesquisados aconteceram bem antes da elaboração do PDLI, mas as fontes também mostram que as diferentes intervenções estatais no solo no período de 60 e 70 contribuíram diretamente para o desenvolvimento e posterior povoamento daqueles locais.

O segundo plano visando disciplinar o uso e aproveitamento do solo teresinense foi lançado em 1976 trata-se do Plano Estrutural de Teresina (PET) que era uma atualização do PDLI, uma vez que serviria para as futuras propostas que seriam feitas com vistas à realização de serviços pelas esferas governamentais nas diversas áreas do Município de Teresina<sup>53</sup>. O plano abarcou as seguintes áreas: abastecimento alimentar, comunicações, segurança pública, educação de 1ª e 2ª graus, energia elétrica, habitação, recreação e lazer, saúde e saneamento e transportes urbanos. Conforme o estudo, Teresina, em 1976, possuía 28 bairros, seis a mais quando do estudo do PDLI, em 1969. O estudo demonstrava uma dependência bem acentuada de todos os bairros em relação ao centro no que se refere à oferta dos serviços e equipamentos de saúde e educação principalmente em nível de 2ª grau; outros como o Parque Piauí, São Cristóvão e Vermelha apresentavam pequenos centros polarizadores em relação as suas áreas circunvizinhas<sup>54</sup>.

Como conclusão mais geral pode-se dizer que os equipamentos e serviços analisados concentram-se no centro, diminuindo à medida que se desenvolviam as áreas mais periféricas. Esse crescimento do centro está associado ao acelerado processo de evolução urbana de Teresina, o qual, por sua vez, deu-se devido ao crescimento do estado na década de 70,

---

<sup>53</sup> PET. Plano Estrutural de Teresina. Teresina, 1976.

<sup>54</sup> Ibidem

No período de 1970 a 1995, o Estado do Piauí apresentou uma taxa média anual do PIB “per capita” da ordem de 4,6% superior às médias apresentadas pelo PIB nacional, 2,4% e pela Região Nordeste, 3,3%. O dinamismo do Piauí foi devido à expansão dos setores da indústria e dos serviços que cresceram 6,5% a.a e 4,2% a.a respectivamente. Vale destacar que as atividades de comunicação (11,2% a.a) abastecimento de água (9,6% a.a), indústria de transformação (9,1% a.a), bens imóveis (7,6 % a.a) e energia elétrica (7,5% a.a) foram fundamentais para tal dinamismo<sup>55</sup>.

O reflexo desse crescimento era perceptível, sobretudo, na capital, que intensificava as ações de melhoramento de sua área urbana, devido ao aumento populacional e ao desenvolvimento de alguns pontos da cidade, como o centro e a av. Frei Serafim. Os dois planos apresentados PDLI e PET visavam disciplinar o uso do solo, e, apesar de não terem muito êxito, serviram de referência para ações futuras tanto do estado como de particulares, no solo teresinense.

Até o momento, focamos nossa análise em dois dos mais importantes diferentes planos estruturantes de Teresina, porém a partir de agora lançaremos nosso olhar para três questões que consideramos relevantes para o desenvolvimento da zona Leste, uma vez que temos como propósito estudar a formação dos bairros de Fátima e Jockey Clube. A primeira diz respeito à construção do primeiro vão de concreto armado sobre o rio Poty; a segunda diz respeito à criação de uma pista de cavalo no local onde hoje está situada a sede do Jockey Clube e a terceira se volta para a instalação da Paróquia de Fátima.

Em mensagem enviada à Assembléia Legislativa, o governador Pedro de Almendra Freitas trata da travessia de veículos sobre o rio Poty:

Passagem sobre o Rio Poti. Considerando a necessidade de uma melhor organização, e a fim de oferecer um preço mais reduzido à travessia dos veículos, o governo do Estado, por intermédio da comissão de Estradas de Rodagem e em cooperação com a prefeitura de Teresina, fez a desapropriação dos “pontões” e benfeitorias existentes na passagem sobre o Rio Poti, que se achava em mãos de particulares. Concorreu a prefeitura com 55% das despesas, cabendo à C.E.R.P. o restante e aos demais gastos resultantes da manutenção dos serviços, bem como sua administração geral.

À vista do que se cobrava pela travessia de cada veículo, teve o público, uma economia de Cr\$1.017.660,00 no período de 22 de junho (data da desapropriação) a 31 de dezembro de 1952, correspondente à passagem de 33.922 veículos.<sup>56</sup>

Pelo teor da mensagem, é possível concluir que existia uma atividade lucrativa praticada por particulares proprietários dos pontões<sup>57</sup>, pois era dessa maneira que acontecia a travessia de veículos sobre o Poti, fossem vindos do norte do estado pela BR- 343 ou do

<sup>55</sup>. FAÇANHA, A. C. **A evolução urbana de Teresina: agentes, processos e formas espaciais na cidade.** 1998. Tese (mestrado em Geografia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

<sup>56</sup> Mensagem Apresentada à Assembléia Legislativa, em 21 de abril de 1953. Governador Pedro de Almendra Freitas.

<sup>57</sup> Pontão era uma espécie de barco que transportava veículos de uma margem do rio a outra.

centro da cidade. Havia um porto nas proximidades do bairro São João <sup>58</sup>, o qual servia de locação dos veículos, sendo que no período de estiagem, a travessia era feita no próprio leito do rio. Os pontões só perderam um pouco de suas funções quando foi construído o primeiro vão de concreto armado sobre o rio Poty, inaugurado ainda no final dos anos 1950. É importante destacar que os pontões continuavam atuando, já que, o movimento na direção leste se dava em outros pontos além de onde a ponte tinha sido erguida, nas proximidades da Frei Serafim ligando-se à BR-343. Um ponto de intenso movimento dos pontões era nas proximidades do bairro Porenquanto, na zona Norte.

A ponte Juscelino Kubitschek foi construída pelo DNOCS, com recursos Federais, apresentando um único vão e era estreita se consideramos que atuava como via dupla. Ali circulavam carros, carroças, bicicletas, carroças e caminhões, já que a ponte ligava-se à BR-343, sendo o tráfego bastante intenso, como mostra a fotografia a seguir.

A diversidade de veículos trafegando pela ponte foi motivo de muitas discórdias. Isso porque, naquela época, praticamente todas as atividades comerciais eram realizadas no centro, para onde se deslocavam pequenos comerciantes, transportando seus produtos em diferentes veículos. Aqueles que vinham da zona Leste e tinham que fazer a travessia pela ponte JK enfrentavam a fúria dos donos de automóveis, que se queixavam frequentemente do uso de carroça pelos feirantes para transportar seus produtos. A imprensa local noticiou com muita frequência essas reclamações, as quais demonstram que o uso da ponte serviu também para evidenciar a segregação entre ricos e pobres.



Fotografia 6: O tráfego na ponte Juscelino Kubitschek  
Fonte: Jornal O Dia 27.07.1974

<sup>58</sup> ABREU, Irlane Gonçalves de. **O crescimento da zona leste de Teresina.** Um caso de Segregação? 1983. Tese (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

O movimento na ponte era intenso, havendo uma mistura de pedestres, ciclistas e automóveis. Aqui é importante fazer algumas observações. A imagem revela, bem no final da ponte, já chegando ao lado leste, um aglomerado de casas de palha. Se nos voltarmos para a imagem que mostramos no mapa, onde a região leste aparece somente pela indicação de uma seta, revelando um verdadeiro vazio habitacional, e observamos a imagem da ponte, torna-se perceptível a importância da construção da ponte para o desenvolvimento do local. Areladas à ponte outras construções da zona Leste tornaram-se possíveis a começar pela BR-343, que teve seu acesso concluído, e a avenida Frei Serafim. Outro ponto relevante foi o surgimento de bairros na região que até então era denominada de zona do Jockey Clube, onde já existia o bairro de Fátima, que aglomerava uma quantidade significativa de moradores segundo Irlane Abreu,

[...] de acordo com o levantamento histórico realizado afirmou-se que a partir dos anos 60 teve início uma migração das populações do antigo centro tradicional da cidade para o lado leste, além do rio Poty, movimento este que se intensificou na década de 70[...]<sup>59</sup>

O povoamento a que Abreu se refere começou principalmente com o lotamento de terrenos, uma vez que a área tinha muitos aproveitados na forma de chácaras. Ali aconteceram os primeiros loteamentos de terrenos de Teresina. Mais uma vez destacamos o papel que a ponte Juscelino Kubstchek teve no desenvolvimento do local, que, já nos anos 80, contava com seis bairros: Jockey Clube, Fátima, Campus Universitário, Planalto Ininga, Esplanada Florestal e São Cristóvão e uma população de 30.730 habitantes<sup>60</sup>. A área foi se desenvolvendo ao acaso, na medida em que os proprietários das terras contratavam particulares para venderem as terras. De forma geral, esses indivíduos já conheciam pessoas interessadas em comprar terrenos, não havendo intermédio de imobiliária nem autorização do Município.

## 1.2 O Coronel e a pista de Turfe

Jockey Clube do Piauí, realizar-se-à hoje, no Hipódromo dos Noivos, a 13ª corrida experimental, a ter início, às 9 horas<sup>61</sup>. As primeiras notícias que temos sobre o Jockey Clube referem-se a existência de uma pista de corrida para cavalos, que contava com a

<sup>59</sup> Ibidem

<sup>60</sup> Ibidem

<sup>61</sup> JÓCKEY Clube. **Jornal Dominical**. Teresina, ano XVI n. 51/52, 24 de dez de 1952.

participação de animais vindos até mesmo da Argentina. A construção da pista e, posteriormente, da sede social do Jockey, o qual mais tarde tornou-se um clube frequentado pela elite local, era fruto do desejo do Coronel Otávio Miranda<sup>62</sup>. O Jockey foi fundado em 1952 “ no dia 8, reunidos no salão nobre da Associação Comercial do Piauí os senhores Coronel Otávio Miranda, prefeito João Olimpio de Melo[...]”<sup>63</sup>.

O clube foi construído na avenida Nossa Senhora de Fátima, na mesma zona onde ficava situada a pista de cavalo. A escolha foi feita devido ao clima ameno do ambiente e por estar a apenas 3 Km de distância do centro, possibilitando fácil acesso de veículos. O clube tinha piscina e um restaurante. Segundo as notícias veiculadas em um periodico local,

Não há melhor lugar em Teresina para umas horas de folga, para uma boa refeição ou para uma bebida agradável do que o BAR RESTAURANTE DO “ JOCKEY”. Fuja do calor e contribua para o melhoramento do seu clube, frequentando o “Jockey clube”. Tem excelente serviço e está em condições de servir almoços, jantares, banquetes e “ cock-tails”. Por isso é que se diz: “ o Jockey club” de Teresina diverte como ninguém e o seu restaurante alimenta e serve bem<sup>64</sup>.

A nota cita uma série de qualidades do ambiente, procurando enfatizar as características climáticas da região com o intuito de agregar a maior quantidade de frequentadores e possíveis novos sócios, o qual torna possível entender o porquê da grande quantidade de frequentadores. Em pouco tempo, o clube tornou-se um dos locais mais frequentados da cidade, concentrando festas carnavalescas, concursos de miss e shows musicais tanto de artistas locais quanto nacionais. Chegou mesmo a fazer concorrência ao Clube dos Diários, que era o ponto de lazer e encontro da elite local da época. Com o passar dos anos, o Jockey tornou-se um dos clubes mais frequentados tornando-se ponto de encontro de intelectuais e políticos da sociedade local. Nos finais de semana, lá aconteciam as corridas a cavalo, evento que atraía amantes do esporte. que se deslocavam para a pista de corrida.

A construção da sede do clube proporcionou não somente uma opção de lazer, como também viabilizou o povoamento da área, que possuía extensos lotes de terras, sendo que, na grande maioria das vezes, os donos eram os próprios sócios da entidade, como no caso do fundador e diretor da entidade, Coronel Otávio Miranda. A venda das terras começaram devido à visão de desenvolvimento por parte dos donos de terras, que iniciaram a atividade intencionando um novo perfil de moradores para a região diferente dos que já

---

<sup>62</sup> Para maiores esclarecimentos sobre Otávio Miranda, consultar “A Teresina da Folha da Mãe Ana” de Carlos Alberto Lustosa Filho.

<sup>63</sup> JÓCKEY Clube do Piauí. **Jornal do Comércio**, Ano VI, N.983, 8 de dez 1952.

<sup>64</sup> BAR e Restaurante do “ Jockey clube” do Piauí. **Folha da Manhã**, 04 de fev. 1958.

residiam ali trabalhavam nas chácaras e sítios. Inicia-se, assim, uma nova etapa de povoamento, com um outro tipo de morador procurando abrigo na área, a qual tinha promessa de se tornar um refúgio da elite local. Essa nova roupagem que o bairro Jockey clube vivenciou o apróxima do bairro de Copacabana, que, como Gilberto Velho destaca, se tornou verdadeiro refúgio da elite carioca:

[...]Copacabana é identificada com um estilo de vida mais sofisticada e moderno. Até os anos 40, predominam as casas, chácaras e algumas verdadeiras mansões, com amplos terrenos, mas seus habitantes são de várias origens, com forte presença de estrangeiros, sobretudo europeus.<sup>65</sup>

Com a chegada de pessoas abastadas para o local, aos poucos, as mansões começam a fazer parte da paisagem. O Jockey, assim como Copacabana, tem um número de moradores diversificados, só que no bairro carioca, os primeiros moradores eram de origem européia, enquanto os primeiros moradores do Jockey provinham do interior do estado, de diferentes cidades que se refugiaram na “zona rural da cidade”. A edificação do clube valorizou a área, e a procura por terrenos no local se tornou-se uma constante, assim os sítios vão dando lugar a loteamentos de terras. Em Copacabana, pode-se dizer que um dos elementos de valorização da área foi sido a praia, enquanto na zona leste de Teresina, um destes elementos foi a sede social do clube:

Ficam os senhores sócios do Jockey clube do Piauí avisados de que já foi iniciada a venda de novos lotes de terrenos, situados nas quadras 5,6,7 e 8. Para reserva e maiores esclarecimentos querem procurar o 2º tesoureiro, Raimundo Barradas, na Importadora Zepaulino, à Rua Ávaro Mendes, nesta capital. Decorridos sessenta dias, contados desta data, serão vendidos a não sócios do Jockey Clube os lotes que, naquela data, estiverem disponíveis<sup>66</sup>.

Pela nota percebemos que de início a venda de terrenos foi destinada somente a sócios do clube que normalmente eram membros da elite local, mas, depois, também a não sócios, o que demonstrou que poderia ser habitado por qualquer pessoa: inicialmente, o local não era caracterizado a princípio como moradia de elite, porque quem residia ali eram pessoas pobres vindas do interior do estado, como já apontamos, e moradores-trabalhadores dos sítios situados no local. O elemento desencadeador da chegada de pessoas abastadas foi a fundação da sede do Jockey Clube do Piauí.

Quando enfocamos o povoamento da “Zona do Jockey”, nos deparamos também com as primeiras notícias sobre uma aglomeração de moradores que residiam nas proximidades de onde hoje está localizada a igreja matriz de Fátima. O local era reduto de

<sup>65</sup> VELHO, Gilberto. **Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

<sup>66</sup> NOVOS lotes de Terra. **Jornal Folha da Manhã**. Teresina, ano V, n.1103, p.4, 27 de out. 1961

fiéis de Nossa senhora de Fátima, que, inspirados pela visita da imagem da santa ao Piauí, nos anos 1950, passaram a fazer novenas para ela e construíram uma pequena “capelinha” bem rústica. Tempos depois, foi construído um Centro Social da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, quando Dom Avelar Brandão Vilela exercia seu arcebispado no Piauí. Esse centro teve uma importância vital para a melhoria da vida das pessoas que moravam ali, pois oferecia serviços comunitários.<sup>67</sup> É importante destacar que outros centros foram construídos na capital.

O ponto crucial para o povoamento do bairro de Fátima foi a elevação da igreja de Fátima à condição de Paróquia, fato ocorrido no dia 10 de julho de 1969:

Fazemos saber que, tendo em vista o crescimento demográfico da cidade de Teresina, e ouvidos os consultores Arquidiocesanos e os párocos de São José Operário e de São Raimundo, criar e erigir canonicamente a Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em caráter inamovível<sup>68</sup>.

Antes da elevação da igreja de Fátima à condição de Paróquia, os fiéis costumavam se deslocar à Vila Operária para assistir às missas, mas nem todos mantinham essa prática pois na capela simples do futuro bairro havia missas todos os domingos, sendo que às vezes, o próprio Dom Avelar comparecia para celebrar a missa. Com a criação da Paróquia, foi destinado para aquele local um padre fixo, para atender aos fiéis diariamente.

Estes três elementos: a construção da ponte sobre o rio Poty, a criação do Jockey Clube do Piauí e a elevação da igreja de Fátima à condição de Paróquia foram substanciais para o desenvolvimento e posterior povoamento da área que começou adquirir caráter elitista devido ao elevado preço dos terrenos. Tais bairros foram formados sem a participação direta do poder público, concorreu com outros bairros de Teresina, ao final da década de 60, em resposta aos programas habitacionais que estavam sendo empreendidos no país destinadas a classe de baixa renda, tanto na capital como no interior do estado.

Em Teresina, os diferentes administradores que se sucederam entre os anos 1960 e 1970 colocaram em prática seus diferentes projetos, muitos deles com fortes resquícios dos dois grandes planos concebidos para o uso e aproveitamento do solo urbano de Teresina, o PDLI e o PET, desse modo a forma que o espaço urbano de Teresina vai tomando confirma essas

---

<sup>67</sup> LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé et al. **Paróquia de Fátima Sua História, Sua gente**. Teresina Halley S.A., 2003.

<sup>68</sup> Ibidem

diferentes intervenções. Isso se refletiu no cotidiano dos moradores da cidade, que também a seu modo, vão participando das mesmas ou modificando de acordo com suas necessidades,.

No capítulo a seguir, enfocaremos a ação dessas intervenções durante os mandatos de Joel Ribeiro e de Alberto Tavares Silva, assim como a atuação da Igreja Católica, via criação de paróquias ou mesmo dos centros sociais, na modificação do espaço urbano teresinense.

## CAPÍTULO 2

### AÇÃO SOCIAL ARQUIDIOCESANA (ASA) E AS AÇÕES SOCIAIS QUE DEFINIRAM NOVOS ESPAÇOS NA CIDADE

Neste capítulo enfocamos o papel da Igreja Católica na tessitura do espaço urbano de Teresina. Para construirmos nossa narrativa, procuramos caracterizar a Ação Social arquidiocesana (ASA) órgão ligado à Igreja e permeado por outros elementos, destacando-se como fio condutor de nossa explanação na primeira parte deste capítulo.

A Igreja Católica sempre teve participação na construção da sociedade brasileira. Como religião oficial, até a proclamação da República em 1889, mesmo após a liberdade de culto no Brasil, o Catolicismo continuou exercendo muito influência na constituição da sociedade brasileira. Ditando normas e princípios da fé dos fiéis nos diferentes níveis sociais, a interferência sempre se estendeu além da fé enveredando pelo espaço nas decisões políticas, na luta pelos direitos de classe, dentre outros. Em Teresina, essa participação da Igreja na organização social é mais evidente na segunda metade da década de 50. Essa maior aproximação entre fiéis, Igreja e sociedade dá-se devido a uma abertura da instituição eclesiástica após o Concílio Vaticano II, o que lhe permitiu abrir as portas para uma atualização de suas doutrinas e práticas, buscando assim sua inserção no mundo moderno, de modo a se tornar mais próxima de seus fiéis<sup>69</sup>

No Piauí, uma relação distante entre Igreja e fiéis ficou bem evidente durante o mandato do terceiro arcebispo, Dom Severino Vieira de Mello (1923-1955), que conduziu seu trabalho, procurando priorizar mais as características medievais nas ações da Igreja algo ainda muito comum naquele período. O mandato de Dom Severino foi um dos mais longos no estado, e sua memória entre os piauienses é às vezes associada a um arcebispo conservador, em função de seu modo de governar. Após sua morte, em 1955, foi nomeado Dom Avelar Brandão Vilela. A imprensa da época destacou a nomeação do novo arcebispo:

Creio que todo bom católico recebeu por entre as mais fagueiras alegrias, a nomeação de Dom Avelar Brandão, para a substituição do saudoso Dom Severino a frente da arquidiocese de Teresina. Até então pouco tempo eu quase nada sabia, das excelsas virtude do nosso atual dirigente espiritual, a não ser suas belas qualidades e suas aprimoradas qualidades de orador profundo. Por um intermédio dileto primo e amigo, Prof. Cláudio Ferreira, fui então aos poucos informado da vasta capacidade e

---

<sup>69</sup> ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. **Dom Avelar Brandão Vilela entre o texto e o contexto**: trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956-1971). Tese mestrado em História- Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2008.

da arguta personalidade do eminente prelado. Cláudio fora juntamente com o eminente Monsenhor Joaquim Chaves, contemporâneo do dignitário chefe da Igreja para, em hora de tantas apreensões, suceder no trono católico o inesquecível Dom Severino conhecedores, portanto da vida e da capacidade invejável do consagrado e renomado chefe do clero, muito disseram dessa personalidade de que dentro em pouco estará a frente dos destinos do arcebispado de Teresina. Vejo agora com profunda alegria, que bem muito acertado, foram os trabalhos e as preces católicas para que Dom Avelar fosse realmente o dirigente e o guia espiritual das almas católicas de Teresina. Os seus primeiros passos para sua nova função, dizem com elegância, de sua extremada veneração pelas coisas do seu sagrado ministério. Já antes de entrar na posse direta de seus encargos, se começa a ver em função seu poderoso esforço e seu incansável labor na defesa de programas que fazem de sua futura administração linha de conduta elegante no trato das coisas sagradas<sup>70</sup>.

A indicação de Dom Avelar foi muito bem aceita por setores da sociedade piauiense principalmente em razão a notícias sobre o trabalho realizado por ele em Pernambuco. A nota jornalística acima deixa transparecer a admiração do cronista, a começar pelas qualidades intelectuais da pessoa de Dom Avelar e pelo compromisso com o seu trabalho enquanto chefe da igreja. Mais uma parte da nota chama a atenção quando o cronista revela a satisfação das pessoas com a indicação de Dom Avelar para comandar o clero local, o que de fato, aconteceu com bastante entusiasmo. A que isso se deve? Por que o novo arcebispo era tão aguardado? Estavam os piauienses interessados em uma administração diferente da de Dom Severino? Como saberiam se a nova administração seria diferente e melhor? Muitas dessas perguntas só seriam respondidas no transcorrer do trabalho de Dom Avelar.

À frente do clero estadual, o novo arcebispo inicia uma nova forma de governar. Com o lema “Evangelizar para Humanizar”, dá curso a uma série de projetos visando atender à população como um todo. Essas ações “modernizadoras” da Igreja Católica começaram pela criação de novas paróquias:

[...] Quando Dom Avelar chegou à Arquidiocese, em 1956, a cidade de Teresina contava com as paróquias de Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Amparo, São Benedito na capital, e ainda as do interior sendo cada município uma paróquia: Castelo do Piauí, União, José de Freitas, Miguel Alves, Campo Maior, Alto Longa, Regeneração, Amarante, Valença e Elesbão Veloso. A Igreja ainda tinha serviços da Associação Beneficente Nossa Senhora do Amparo e o Posto de Saúde Nossa Senhora de Lourdes... Ao término de sua administração em 1971, Dom Avelar tinha criado sete novas Paróquias: São José Operário, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora de Fátima, São João Evangelista, São Raimundo Nonato<sup>71</sup>.

<sup>70</sup> DOM Avelar e Seu Trabalho. **Jornal do Comércio**. Teresina, ano VIII, 1956, nº 1160. P. 1 e 6, 25 de fev de 1956.

<sup>71</sup> ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. **Dom Avelar Brandão Vilela entre o texto e o contexto**: trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956-1971). Tese mestrado em História- Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2008.

As novas paróquias possibilitaram maior agilidade no atendimento aos fiéis, considerando que estavam localizadas em pontos estratégicos da cidade, assim as pessoas não tinham que percorrer grandes distâncias para ter acesso às missas e a outras atividades da arquidiocese.

A administração de Dom Avelar teve como característica o assistencialismo social, que teve também nos Centros Sociais a base de apoio e controle das ações efetuadas pela ASA. Nesses locais eram feitos cadastros de pessoas que procuravam ajuda, eram oferecidos cursos visando melhorar a qualidade de vida dos fiéis. Foram criados o Centro Social Leão XIII, na Vila Operária; Centro Social do Cristo Rei, no bairro de mesmo nome, e o centro social Nossa Senhora de Fátima, no bairro de Fátima.

O arcebispo participou ativamente da criação da Rádio Pioneira em 1962, sendo um grande incentivador da educação no estado. Nesse sentido por meio da Rádio Pioneira, fundou as Escolas Radiofônicas, que chegavam a um maior número de pessoas. Também teve participação direta na fundação da Faculdade Católica de Filosofia (FAFI). Todas essas ações fizeram de Dom Avelar um dos mais relevantes arcebispos do Piauí, não só pelo fato de incentivar o assistencialismo, como também de mostrar as pessoas que era possível trabalhar em conjunto com a sociedade visando a melhoria de todos. O trabalho social que o arcebispo desencadeou em Teresina e no estado tornou-se lembrado como uma pessoa que muito fez pela cidade, incluindo o desenvolvimento e o surgimento de novos bairros na capital. Dona Maria Lima quando fala de suas memórias sobre Dom Avelar, se lembra dele como um homem que fez muito pelo bairro de Fátima:

[...] Esse projeto daqui de Fátima, Fátima foi desenvolvida por Dom Avelar tudo que tem aqui a maior parte foi Dom Avelar. Ele estava sempre procurando melhorar, ele foi que trouxe, pode dizer que ele levantou esse bairro, toda benfeitoria mais velha que tem aqui foi feito por ele, foi Dom Avelar que fez<sup>72</sup>.

Durante os anos em que Dom Avelar permaneceu à frente do clero no Piauí (1955-1971), desenvolveu projetos de assistência social e contribuiu para uma nova configuração do espaço urbano de Teresina, como lembra dona Maria Lima, ao ressaltar que ele foi o responsável pelo projeto de Fátima. Essa interferência da Igreja Católica na configuração do espaço da cidade pode ser evidenciada também nos Centros Sociais criados por D. Avelar. Como esses centros ofereciam serviços dos mais diversos, os bairros onde estavam situados tomaram uma nova configuração (Vila Operária, Cristo Rei e Piçarra). Destacamos aqui o bairro de Fátima, que teve seu povoamento acelerado com a criação do

<sup>72</sup> MORAIS, Maria Lima. **Depoimento concedido a Cristina Cunha de Araújo**. Teresina, junho 2008.

Centro Social e da Paróquia de Fátima. No bairro era praticada até a atividade agrícola com o incentivo do Centro, que aproveitava a vasta quantidade de terras para a criação de hortas comunitárias em terras doadas por famílias da sociedade local como, por exemplo, a família do Sr. Marco Rio Lima, que foi um grande benfeitor, doando os terrenos onde hoje está a sede da Paróquia, o auditório, a casa das irmãs, a Pastoral do Menor, a igreja, salão paroquial e até a Praça de Fátima.<sup>73</sup>

Essa modificação do espaço urbano desencadeada pela Igreja Católica aconteceu paralelamente a outras transformações praticadas pelo Estado, Município e por particulares, os quais no final dos anos 50, 60 e 70, foram marcantes para a atual configuração do espaço da cidade que teve no PDLI de 1969 uma ação planejada do aproveitamento do solo urbano.

## **2.1 Os anos 1950: uma nova configuração espacial em Teresina**

Ainda durante o Estado Novo, Pires Chaves, engenheiro que havia ocupado o cargo de prefeito de Teresina no governo de Landri Sales (1931-1935) e de diretor de obras do município durante o governo municipal de Lindolfo Monteiro (1937-1945), manifestou o desejo de dotar a cidade de um instrumento que orientasse as intervenções no espaço urbano de Teresina. Defendia que a cidade precisava se preparar para o seu centenário, a ser comemorado em 1952. Essas preocupações estavam relacionadas também com a expansão da cidade, modificando assim seus limites geográficos, o que pode ser verificado com maior dimensão nas zonas Norte e Sul.

Entre o final da década de 1950 e o final da década seguinte, inicia-se uma política de habitação que visa atingir todo o território nacional. No Piauí, o governo do estado participa do projeto com a construção de conjuntos populares, sendo dessa época o conjunto Parque Piauí, localizado na zona sul, com 2.294 unidades. Na década de 1970 essa política foi implementada, e Teresina ganhou muitos conjuntos habitacionais, uma vez que a demanda por habitações continuava crescendo com a chegada de um número cada vez maior de imigrantes Segundo Antônio Cardoso Façanha,

A partir da década de 1970, o Governo Federal, através da implementação de políticas que visavam promover o desenvolvimento da sociedade brasileira, principalmente na política de industrialização, contribuiu para promover um maior crescimento das cidades brasileiras, com destaque para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. O eixo centro-sul foi beneficiado com a instalação de várias indústrias, tornando-se “palco” das principais transformações sócio-espaciais desse

<sup>73</sup> LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé et al. **Paróquia de Fátima Sua História, Sua gente**. Teresina: Halley S.A. 2003.

processo de urbanização que se desencadeou por todo o país. As tentativas implementadas em busca de construção de um país urbano-industrial estavam consolidadas<sup>74</sup>.

A década de 1970 teve um caráter desenvolvimentista largamente influenciado pelo regime político vigente, havendo uma preocupação constante com o desenvolvimento urbano das cidades, devido às transformações que a sociedade estava vivenciando, sendo e as cidades o palco desse espetáculo. Os governantes, por sua vez, apostavam em obras grandiosas que fossem de fato “vistas” e possivelmente lembradas. As medidas que propiciaram o desenvolvimento do eixo centro-sul segundo Façanha, também possibilitaram o desenvolvimento de grandes cidades fora daquele eixo, como Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Porto Alegre, Belo Horizonte e Curitiba.

Teresina não se enquadra por completo nesse eixo no período de 1970, pois um projeto de desenvolvimento urbano só foi implementado a partir de 1972, com a posse do engenheiro Alberto Tavares Silva como governador. De acordo com o discurso midiático, o governador propôs medidas e práticas com o objetivo de promover o desenvolvimento econômico e social do Piauí, tendo como porta de entrada a capital, sendo uma das primeiras medidas foi a indicação de um prefeito para a cidade com o perfil parecido com o do governador. O nome indicado foi o de Joel da Silva Ribeiro, também engenheiro, que atuava no 2º Batalhão de Engenharia e Construção. Ele já era conhecido na cidade, uma vez que tinha realizado a cobertura asfáltica de algumas avenidas, além de ser oficial de carreira com serviços prestados na construção de rodovias e ferrovias em território piauiense.

O mandato de Joel Silva (1971-1975) à frente da Prefeitura Municipal de Teresina caracterizou-se pela abertura de novas avenidas e pela reestruturação da malha viária do centro da cidade, na tentativa de disciplinar o tráfego de ônibus coletivos no centro e, ao mesmo tempo desviar o tráfego de caminhões do centro da capital. É necessário lembrar que as intervenções no tecido urbano, com a abertura de avenidas, modificou o antigo desenho da capital, a começar pela avenida Frei Serafim, que teve sua paisagem modificada pelo calçamento do passeio central. Um cronista da época registrou o fato:

Com calçadas portuguesas, pedras pretas e brancas, desenhadas com motivos regionais, nos canteiros e calçadas, nova arborização, fontes luminosas, espelhos d'água; jardins, modernos sistemas de iluminação, a Avenida Frei Serafim será até o final de 1972, a mais bonita Avenida de todo o Nordeste. Aquela artéria sofrerá uma reforma completa desde a igreja de São Benedito até a ponte sobre o rio Poty,

---

<sup>74</sup> FAÇANHA, A. C. **A evolução urbana de Teresina:** agentes, processos e formas espaciais na cidade. 1998. Tese (mestrado em Geografia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

com a duplicação de recursos da ordem de Cr\$ 2 milhões. As obras serão iniciadas no final da próxima semana segundo o Secretário de obras, Murilo Rezende.<sup>75</sup>

Pela nota percebe-se que a avenida Frei Serafim foi um dos primeiros logradouros a ser modificados a partir dos planos seja do governador Alberto Silva, seja do prefeito Joel Silva. Em contradição com a criação desses lugares pelos produtores oficiais da cidade, vão emergindo espaços<sup>76</sup> praticados por pessoas que não se percebiam dentro dos lugares oficiais. É desse período a expansão da cidade para a zona Leste. Na fala de dona Teresinha, percebemos como eram tais espaços:

Quando cheguei para morar aqui no bairro de Fátima em 1965, não existia quase casa. Minha casa foi à primeira da rua a ser construída. Éramos eu, meu marido e meus dois filhos. Morávamos em Campo Maior, meu marido resolveu vir para Teresina em busca de trabalho, passamos muitas necessidades<sup>77</sup>.

Assim como dona Teresinha, que se transferiu para Teresina em meados da década de 1960, muitas outras pessoas fizeram o mesmo percurso com o intuito de ter maiores possibilidades de trabalho. Tal fato determinou o crescimento populacional da cidade, que, em 1960, contava com 142.691, ou seja, praticamente o dobro da população de 1940. O processo de crescimento populacional de Teresina está diretamente relacionado com a construção do nosso objeto de estudo, os bairros *Fátima e Jockey Clube*, ambos situados na zona Leste.

Existe, sem dúvida, uma boa produção sobre a cidade de Teresina, produção esta nascida em campos distintos do conhecimento, como a História, Geografia, o Serviço Social, a Literatura. Isso indica que a cidade não é mais percebida apenas como um lugar onde diferentes pessoas se aglomeram para construir suas residências, ou como campo de disputas de classes, sendo que, só a partir dos anos 1980 do século XX, a cidade começou a ser, de fato percebida de um modo diferente. Antônio Paulo Resende observa esse fenômeno,

A cidade tornou-se tema de diversas análises da historiografia, passando a ocupar um lugar de destaque como objeto de estudo nos trabalhos acadêmicos. Muitas dessas análises preocuparam-se inicialmente com a dimensão econômica, enfatizando o domínio do capital sobre o trabalho existente devido ao regime de exploração dos assalariados e à concentração de riqueza nas mãos dos proprietários dos meios de produção. Assim, a cidade parecia oprimida pelo modo capitalista de produção e seus sujeitos submersos num cotidiano sem maiores perspectivas de mudanças. Mas a cidade tem sido também tema de historiadores considerados da Nova História preocupados em utilizar fontes alternativas que revelem os eixos da

<sup>75</sup> FREI Serafim será a mais bela Avenida do Nordeste. **O DIA**, Teresina, 04 de dez. 1971.

<sup>76</sup> Conforme Certeau

<sup>77</sup> FERREIRA, Teresinha, Gomes. **Depoimento concedido à Cristina Cunha de Araújo**. Teresina, nov. 2005.

vivência cotidiana e a construção do moderno no amplo sentido, de busca do novo e da novidade<sup>78</sup>.

Como podemos perceber, ao fazer uma revisão dos estudos sobre cidade, Resende constata que a cidade sob a ótica da história cultural aponta o privilégio do fator econômico, o que era plenamente justificável devido à forte influência do marxismo nas universidades até meados dos anos 1970, mas, no início dos anos 1980, os estudos relacionados à cidade indicam outra tendência, e a explicação para tal fato está na adesão de um conjunto de historiadores ao novo campo de pesquisa<sup>79</sup>. Esse novo “olhar” é fruto também da ampliação do conceito de documento o que possibilitou a ampliação das fontes.

A construção do espaço urbano de Teresina deu-se de forma planejada, quando da transferência da capital, em 1852, entretanto o crescimento populacional acelerado provocou o abandono do projeto inicial, em que a planta inicial de Teresina tinha como limites os rios Parnaíba e o Poty. Para, além disso, o processo de migração campo-cidade provocou o surgimento de políticas públicas orientadas para a construção conjuntos habitacionais buscando extirpar as favelas das zonas mais visíveis da cidade. O jornal “O Dia” informa sobre o tema:

A Caixa Econômica Federal do Piauí ultima o expediente para a concessão de um empréstimo da ordem de cinquenta milhões de cruzeiros ao Serviço Social do Estado atualmente sob a direção da Exma. Sra. Iracema Portela Nunes, para a construção de cem casas populares, no bairro Tabuleta.

O empréstimo foi concedido pelo presidente João Goulart, mediante intercessão do governador Petrônio Portela.

Um gesto louvável, este do Sr. Petrônio Portela que procurava trazer recursos para melhorar a situação da gente pobre do nosso Estado. Esperamos que seja sempre assim que o Piauí conte agora, e para o futuro, com governantes que coloquem o interesse do povo acima de seus, como acaba de fazer o ilustre governado<sup>80</sup>.

A reportagem trata do investimento governamental em habitações populares, as quais, nesse período, não foram significativas, o que, de certa forma resultou em um crescimento desordenado da cidade. O cronista destaca a construção do conjunto habitacional Tabuleta sendo que um detalhe nos chama a atenção em relação a localização desse conjunto que fica situado muito distante do centro da cidade isso torna visível o desejo das autoridades de deslocar para o mais distante possível a classe desfavorecida, assim como de dar

<sup>78</sup> REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife: os espelhos do passado e os labirintos do presente ou a tentação da memória e as inscrições do desejo**. Projeto História, São Paulo, 1999, p.155-166, 18 de maio.

<sup>79</sup> PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História e História cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

<sup>80</sup> HABITAÇÃO Popular. **Jornal O Dia**, ano: XIV N: 1172.p.6 19 de fev, 1964.

continuidade ao povoamento da área periférica da cidade, na zona sul, iniciada ainda com a inauguração do conjunto Parque Piauí.

Ainda na década anterior a imprensa local noticiava o surgimento de novos bairros não vinculados ao processo de favelização de Teresina, porque tais bairros surgiam em terras que eram conhecidas, como chácaras. Dessa forma, as notícias dão conta do surgimento de um bairro e não de uma favela, como é o caso do bairro de Fátima:

Não há duvida surgiu em Teresina um novo bairro; Fátima. Ali onde se erguem as majestosas sedes esportivas do Jockey Clube, clube dos Diários, Piauí esporte clube onde estão sendo edificadas as sedes da A.A.B.B e River Atlético Clube, onde a arquidiocese construiu uma unidade social constituída de capela, escola etc. Onde o D.N.E.R levantou a sua moderna sede, onde a Rádio Clube tem os seus transmissores, onde as famílias já começam a construir bonitas casa de residências (...) o que antes era matagal, caminhos irregulares rumo às propriedades que estão mais além é hoje um bairro relativamente populoso tudo indicando que dentro de poucos anos Fátima seja um dos centros mais habitados da capital [...] <sup>81</sup>.

A reportagem deixa transparecer o contrário da reportagem anterior, pois a primeira é referente à construção de casas populares de maneira ordenada com recursos provenientes de investimentos governamentais e de maneira planejada, enquanto a segunda, é bem distinta da primeira, anuncia o surgimento de um novo bairro ausente o planejamento urbano por parte das instituições estadual ou municipal. Tomamos aqui a fala de Michel de Certeau quando se refere à construção dos lugares regularizados, ordenados, os quais são planejados por profissionais que ordenam a cidade. Em contraposição, existe a ação cotidiana dos usuários dos lugares da urbe, os quais, por meio das práticas cotidianas, vão constituindo os espaços que surgem em consequência da ação dos caminantes, pessoas comuns que constroem seus espaços dentro do lugar legalizado pela lei <sup>82</sup>.

O surgimento de novas áreas habitacionais dentro de uma cidade é resultado direto do crescimento populacional ou melhoramento urbano dessas mesmas áreas, do processo migratório campo/cidade. Nesse sentido como defende Raquel Rolnik, a cidade pode ser comparada a um ímã que atrai as pessoas, atração gerada pelos serviços que pode oferecer, inclusive pelo brilho e o glamour de suas vitrines.

A ocupação da zona Leste, especialmente dos bairros Fátima e Jockey Clube, tem relação direta com a construção da primeira ponte sobre o rio Poti, porém o crescimento do movimento comercial do centro da cidade também foi determinante. As fontes consultadas dão conta disso:

<sup>81</sup> SURGE em novo Bairro: Fátima. **Jornal Folha da Manhã**. Teresina, ano :VI, 01 de out.p.2 de 1963.

<sup>82</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1 artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Vendem-se terrenos para grandes, médias e pequenas construções, e também para qualquer outro tipo de utilização que deseje o interessado. Os terrenos são localizados nas áreas mais destacadas do Jockey Cube para onde se estende o desenvolvimento urbanístico de Teresina. Facilita-se o pagamento<sup>83</sup>.

Numa análise ampliada para todo o Piauí, Antônio Cardoso Façanha, defende que o processo de urbanização ocorreu através de uma rede urbana frágil, com poucas cidades se destacando do conjunto total. Nessa ordem Teresina destaca-se por sediar o núcleo dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, e, desse modo, se transformou no principal centro comercial e financeiro a partir da década de 1950 em relação as demais cidades do Piauí. Vejamos:

O que marcou o processo de urbanização no Piauí foi a formação de uma frágil rede urbana com pouquíssimas cidades destacando-se na vida urbana do estado. Aliado a esse fator, as cidades não conseguiram apresentar padrões substanciais de crescimento econômico que promovesse uma melhor qualidade de vida de suas populações. A maioria das cidades piauiense são pobres e carentes de uma infraestrutura nas áreas de habitação, saúde, educação, transporte, saneamento básico, entre outros serviços<sup>84</sup>(...)

Façanha aponta para a questão das disparidades e dificuldades das cidades piauienses, uma realidade que também marca milhares de cidades brasileiras. A partir da década de 1950, é possível visualizar e destacar as ações dos agentes produtores do espaço urbano, bem como de suas “heranças” espaciais, ou seja, de suas formas espaciais, atendidas sempre dentro de um processo de construção da base material que revela a sociedade que a produz e consome. Os agentes modeladores do espaço urbano. Estado, proprietários rurais e agentes imobiliários atuam com certa intensidade e velocidade, modificando o espaço urbano de Teresina, especialmente no local onde hoje estão situados os bairros estudados nesta pesquisa. O caso da zona Leste pode ser compreendido a partir das diferenças, segundo Irlane Abreu: “A aludida diferença” da zona Leste “consistiria” num processo de segregação com características elitistas, onde a estrutura espacial estaria se dando setorialmente em um período de rápido crescimento da cidade “<sup>85</sup>.

Irlane Abreu direciona sua pesquisa para o que denomina de uma possível segregação espacial da zona Leste, lembrando que ela estuda todos os bairros da área.

<sup>83</sup> VENDEM-SE terrenos. O DIA. Teresina, 19 de fev. de 1973.

<sup>84</sup> FAÇANHA, A. C. **A evolução urbana de Teresina:** agentes, processos e formas espaciais na cidade. 1998. Tese (mestrado em Geografia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

<sup>85</sup> ABREU, Irlane G. de. **O crescimento da zona leste de Teresina - um caso de segregação?** 1983. Tese (mestrado em Geografia) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

Conforme essa autora tal, essa segregação existiria por conta de alguns elementos que foram sendo agregados à área e que, no decorrer dos anos, contribuíram para torná-la nobre, podendo ser citados como instrumentos desse enobrecimento o clube social, no qual eram praticados esportes como o futebol, e onde se realizavam bailes e shows destinados a sócios que faziam parte da elite política e econômica da cidade; o clube campestre dos Diários e o campus da Universidade Federal do Piauí, além da existência de infra-estrutura, com água, luz e telefone.

Outros trabalhos abordam o crescimento de Teresina, como o de Francisco Eudã voltado<sup>86</sup> para a expansão urbana da capital para a zona sudeste, com foco no processo de construção do conjunto habitacional Itararé, atual Dirceu Arcoverde. Francisca Lidiane Lima<sup>87</sup> por sua vez estudou o bairro Mafuá destacando as rupturas e permanências no local durante o período compreendido entre 1970 e 1990. Já Antônia Jesuíta de Lima dedicou dois estudos a cidade de Teresina, no primeiro intitulado, Favela Cohebe, Jesuíta analisa:

A relação entre o MSU, Estado, através da análise e as características das relações entre sujeitos (Estado e movimento COHEBE), mediados pela concretização de uma política social. Procura-se, ainda, compreender os processos que ocorreram entre esses sujeitos sociais, definidos, num contexto de regime autoritário em fase de transição democrática E que estratégias, mediações e mecanismos operam para se afirmarem no processo e atingirem seus objetivos<sup>88</sup>.

No segundo trabalho, a autora toma a favela morro do Garrincha<sup>89</sup> como objeto de estudo, evidenciando as formas de morar em Teresina. Refletindo sobre os diferentes trabalhos, percebemos o quanto o espaço urbano da cidade tornou-se múltiplo nos últimos vinte anos. Os diferentes conjuntos habitacionais distribuídos nas diferentes zonas da cidade produziram várias cidades dentro de uma mesma, habitada pelos mais diferentes indivíduos que vão, na medida do possível, construindo seus espaços dentro da cidade visível aos olhos de seus idealizadores. Essa nova configuração do viver urbano culmina na produção e uso de diferentes cidades:

Sem dúvida, estes “produtores do espaço” concebem uma maneira de construir e/ou transformar a cidade, através de práticas definidas, mas também constroem uma

---

<sup>86</sup> Eudã Soares dos. **A política habitacional no Piauí e a construção do Itararé (1975-1982)** (monografia de História ) Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2006.

<sup>87</sup> LIMA, Francisca Lidiane de Sousa. **Rupturas, permanências e vivências cotidianas: o bairro Mafuá de 1970 a 1990.** Tese. (Mestrado em História) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

<sup>88</sup> LIMA, Antônia Jesuíta de. **Favela COHEBE: uma história de luta por habitação popular...** Teresina: edufpi, 1996.

<sup>89</sup> Ibid. **As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos.** Teresina: Halley, 2003.

maneira de pensá-la, vivê-la ou sonhá-la. Há projeção de uma “cidade que se quer”, imaginada e desejada, sobre que se tem plano que pode vir a realizar-se ou não<sup>90</sup>.

As diversas formas de se abordar a Teresina demonstram as diferentes representações provocadas nos pensadores sobre a diversidade espacial da cidade, que é uma constante e se modifica cotidianamente.

## 2.2 Passos que definem a cidade visível

A cidade é um misto de desejos de quem governa e de quem a pratica cotidianamente, sendo que, do contrastes de desejos, surgem inúmeras cidades dentro de uma mesma. Utilizaremos o conceito de urbano de Henri LeFebvre, o qual, segundo ele, é o lugar da expressão dos conflitos, invertendo a separação dos lugares onde a expressão desaparece, onde reina o silêncio, onde se estabelecem os signos da separação<sup>91</sup>. O espaço urbano de Teresina, desde a fundação da cidade em 1852, sofreu diversas modificações.

A primeira tentativa de controle desse espaço data ainda de 1852, quando é editado o primeiro código de postura de Teresina, o qual ditava normas de uso dos espaços da capital. Daí em diante outros surgiram na tentativa de conter e controlar a expansão do crescimento da capital. O mais ousado, citado no primeiro capítulo deste trabalho, data de 1969, quando a Prefeitura Municipal elaborou o plano de desenvolvimento local (PDLI), que, a princípio não entrou em vigor devido o município não dispor de uma legislação complementar. Somente em 1978, o PDLI é atualizado e modificado, passando a se denominar PET. Dessa forma, o primeiro Plano Estrutural de Teresina “(PET), entra em vigor em 1978, pela Lei N: 1.591. O plano dispõe sobre o parcelamento, uso e ocupação do solo urbano de Teresina, com a legislação preocupando-se em fixar normas de densidade por zonas<sup>92</sup>.” Em 1976, no relatório da administração municipal, demonstrando-se preocupação com o crescimento urbano da cidade:

No caso específico de Teresina, o planejamento urbano assume especial importância, dado o índice de crescimento populacional superior a 6% ao ano. A solução nunca seria procurar reduzir essa taxa, através de medidas que desincentivassem o fluxo migratório procedente do interior do Estado do Piauí e de Estados vizinhos, pois trata-se de um fenômeno natural e conseqüência do próprio

<sup>90</sup>PENSAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: v,8, n.16, p.279-290, 1995.

<sup>91</sup> LE FEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

<sup>92</sup> CRISANTO, Nelimária de Macedo Silveira. **A Política Habitacional para a população de baixa renda em Teresina**. (Monografia Especialização em Educação de Direitos Humanos) Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2002.

desenvolvimento econômico. Por outro lado a capital piauiense, como outras cidades brasileiras classificadas como de porte médio, tem um papel de desempenhar, definido pelo planejamento urbano a nível nacional: absorver parte do fluxo migratório que se dirigiria às grandes metrópoles. (...) O que deve ser feito, pois, é preparar a cidade Para receber esse acréscimo populacional, adequando sua infraestrutura, seus serviços, planejando a ocupação do solo, e sempre procurando criar a maior oferta possível de emprego.<sup>93</sup>

O relatório enviado pela Prefeitura de Teresina à Câmara Municipal ressalta a preocupação com a taxa de crescimento urbano da cidade e cogita possíveis saídas para conter a demanda do fluxo migratório na capital. Tais elementos contribuem para a aceleração e deliberação de leis que versam sobre o uso do solo na capital. Em 1978, o município delibera a Lei Nº 1.593, que dispõe sobre o uso e ocupação do solo urbano e institui o Código de Edificação do Município de Teresina.

Com essas leis, o Município passou a controlar a ocupação do solo. A área do centro da cidade estava em amplo crescimento no final da década de 60, sendo que a urbe crescia para além do rio Poty. A zona Sul vivia um caso diferente, pois naquele local foi aplicado um projeto de urbanização em consequência da BR 316, que liga o Teresina a Picos. Também foi construída ali região a Companhia Energética de Boa Esperança (COHEBE) a ponte ferroviária, localizada no bairro Tabuleta, ligando aquele trecho da cidade ao Maranhão, por meio da cidade de Timon. Ali surgem também um dos primeiros conjuntos habitacionais de Teresina, o Parque Piauí.

Na direção norte, o crescimento aconteceu rumo aos bairros Mafuá, Vila Operária, Feira de Amostra e Matadouro; na direção leste começam a surgir os primeiros embriões do bairro Jockey Clube, Fátima e São Cristóvão e na direção sul, além dos já citados tem-se ainda os bairros Tabuleta, Piçarra e São Pedro. O bairro Tabuleta teve seus primeiros lotes de terrenos vendidos ainda no ano de 1964, quando jornais publicavam propagandas publicitárias com forte apelo para a vantagem de se adquirirem lotes de terras naquele local, que possuía diversos benefícios. A nota jornalística a seguir enumera algumas destas regalias: proximidade do centro da cidade, fácil locomoção e clima ameno, proximidade da antiga COHEBE, lembrando que outros empreendimentos já tinham sido realizados naquele local.

Veja estas vantagens dos lotes do bairro Tabuleta, terrenos altos, com linda vista do local, clima ameno e saudável, facilidade de condução, valorização rápida garantida, pelo crescimento e desenvolvimento local, terrenos prontos para construção, condições excepcionais de pagamento<sup>94</sup>

<sup>93</sup> Relatório – Prefeitura Municipal Teresina – Piauí p. 9. Administração Wall Ferraz. 1976

<sup>94</sup> BAIRRO Tabuleta. **Jornal folha da manhã**, 23 de jan.de 1964.

O investimento em propaganda foi um dos fortes recursos utilizados pelos agentes produtores do espaço urbano. A intervenção no solo teresinense ocorreu em razão de investimentos destinados a colocar o Piauí na rota do desenvolvimento, o que ficou evidente com a criação de algumas instituições que foram elementos chaves para o desenvolvimento da economia mista do Estado. No governo de Gayoso e Almendra (1954-1956), foi criada a Federação das Indústrias do Piauí (FIEPI), com o objetivo de fortalecer a atividade industrial no estado. Ainda no início da década de 1950, surgiram algumas entidades de economia como, por exemplo, a Empresa de Telecomunicações do Piauí S.A (TELEPISA), a Água e Esgoto do Piauí S.A (AGESPISA) e o Banco do estado do Piauí S.A<sup>95</sup>.

Na década de 1960, o Estado aumenta os investimentos na construção de casas populares, sendo criado, em 1964 o Banco Nacional de Habitação (BNH) e o Serviço Brasileiro de Habitação, duas entidades que gerarão, nos anos seguintes, a construção de vários conjuntos habitacionais. Com essa ação, os governos federais e estaduais evidenciam uma preocupação maior com a organização espacial das cidades. No segmento local, foi criada a HABIPOPI (Habitação Popular do Piauí S.A) uma entidade de economia mista com sede em Teresina que tinha como meta elaborar e efetuar plano de habitação popular no Piauí. Os cronistas da época destacavam o déficit habitacional e a precariedade das moradias da classe pobre, sendo o primeiro em 1960, de aproximadamente 7.413 habitações. Um cronista abordando a má qualidade da habitação dos piauienses argumenta que,

As 51.648 residências urbanas no Piauí abrigavam uma população de 295.307 pessoas, dando uma média aproximada de 6 pessoas por residência, taxa, é de ver-se, bastante elevada se comparada com outras regiões do país, onde esta taxa não ultrapassa 4 pessoas. Entretanto tal fato em si não seria tão alarmante se não fora a qualidade destas habitações. Com efeito, nas principais cidades do estado, 75% das habitações não oferecem a menor condição de habitabilidade, quer pela insegurança, quer por não possuírem as mínimas condições de salubridade. Em Teresina, nada menos que 4.415 casas são de taipa enquanto outras 2.299 são de adobe.<sup>96</sup>

A reflexão do cronista destaca a urgência de novos investimentos em moradia tanto na capital como nas cidades do interior do estado. A HABIPOPI teria, então a função de solucionar esse grave problema no Piauí. Alguns setores da sociedade acreditaram na viabilidade da HABIPOPI. De início a entidade construiria 2.500 casas nos municípios de Teresina, Parnaíba, Floriano e Campo Maior, com recursos adquiridos junto à SUDENE. As

---

<sup>95</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides. Cajuína e Cristalina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, n° 53, p. 195-214, 2007.

<sup>96</sup> **Jornal O Dia**, 19 de fev.1972.

casas seriam revendidas à população por um valor próximo do salário mínimo do período e pagas em 25 anos.

Outra medida adotada pelo Governo federal visando aumentar o número de moradias para as classes populares com renda de até um salário mínimo foi à criação das antigas COHAB (Companhia de Habitação) e a manutenção do BNH, órgãos com os quais esperava-se conter o déficit habitacional no Brasil. Em Teresina, os conjuntos destinados às “classes populares” iriam possibilitar o crescimento horizontal da cidade e conseqüentemente, um melhor planejamento espacial, termina ocasionando uma disciplinarização do espaço e, em decorrência, a ocupação de terrenos distantes dos centro, fato bastante visível nas grandes cidades. As construções de conjuntos habitacionais em Teresina datam do final da década de 60, período em que a cidade era delimitada pelas avenidas Miguel Rosa e Frei Serafim.

A COHAB foi responsável pela construção de um grande número de conjuntos habitacionais em Teresina. Na década de 1960, foram construídos o Primavera I, o São Raimundo e o Tabuleta, em 1966<sup>97</sup>, totalizando 198 unidades habitacionais. Depois, outros se ergueram na zona Sul. A criação desses órgãos com a finalidade de “pensar” o espaço da cidade aponta para o que, neste trabalho, denominamos de criação, fabricação de lugares para serem habitados, produtos do trabalho dos urbanistas que pensam a cidade.

As cidades são feitas de desejos<sup>98</sup> de quem governa, projeta e de quem vivencia. Da confluência desses diferentes atores surgem múltiplas cidades, e cada ator a experimenta da maneira que deseja. Nos anos 40 e 50, o espaço urbano de Teresina foi ampliando suas fronteiras com o surgimento de novas zonas habitadas, o que fez com que os poderes públicos elaborassem projetos definindo o uso do solo urbano. Essas normatizações fazem emergir uma cidade panorama que, segundo Certeau, é um simulacro “teórico”, ou seja, visível, em suma um esquecimento e desconhecimento das práticas<sup>99</sup>. Os conjuntos habitacionais são exemplos claros dessa estratégia de produção de espaço legal dentro das zonas urbanas.

A década de 1970 é um período em que Teresina sofreu muitas modificações do espaço urbano que visavam embelezar e dotar a urbe de edificações modernas, equiparando-a com outras cidades brasileiras. O governo de Alberto Tavares Silva (1971-1974) voltou-se, então, para grandes obras no estado, sendo que a capital que deveria servir de modelo para as demais cidades do estado. Em sua gestão uma das principais vias de Teresina, a avenida Frei Serafim recebeu uma ampla reforma, dotando-se aquele espaço de novo passeio, novo

<sup>97</sup> VIANA, Bartira Araújo da Silva. O sentido da Cidade: Entre a Evolução Urbana e o Processo de Verticalização. In: **Carta Cepro**. v.23, n. 1, 2005.

<sup>98</sup> CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo: companhia das Letras, 1990.

<sup>99</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1 artes de fazer. Petrópolis, RJ: vozes, 1994.

calçamento e um elemento que marcou muito a paisagem daquela avenida as fontes luminosas com jatos d'água jorrantes: as quais formavam um espetáculo à parte para quem passava por ali, havendo também peixes que complementavam a decoração do lugar.

Além da avenida Frei Serafim, a gestão do engenheiro-governador Alberto Silva iniciou a obra do maior estádio de futebol do Piauí, o “Albertão”, com capacidade para 70 mil pessoas. Chama a atenção o local onde o estádio foi erguido, nas proximidades do bairro Vermelha, zona Sul da cidade, na época uma área quase inabitada e considerada periferia. Temos aí o que Roberto Lobato Correia denomina de agentes modeladores do espaço, que “são agentes sociais concretos, e não um mercado visível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato<sup>100</sup>.” Percebe-se uma dupla ação do Estado como agente modelador do espaço: como agente fundiário interessado na ressignificação de terra rural em urbana e como agente estimulador de aproveitamento do solo nas terras próximas ao estádio.

Prosseguindo as obras do governador Alberto Silva tem-se a ampliação e reforma do Teatro 4 de Setembro, inaugurado com a presença da Orquestra Sinfônica Nacional e Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro<sup>101</sup>. Alberto Silva foi grande incentivador do turismo no estado, sendo que, em sua gestão, foi criada a Empresa Piauiense de Turismo do Piauí – PIEMTUR, e também realizada uma ampla reforma e venda do Hotel Piauí, atual Luxor Hotel. Construiu-se ainda o Monumento dos Heróis da Batalha do Jenipapo, em Campo Maior, além da inauguração do Parque Zoobotânico, na zona Leste de Teresina, e a do Terminal de Petróleo do estado, localizado na zona Sudeste da capital. Sobre as obras realizadas no Piauí e especialmente na capital Alberto Silva justifica que

[...] em termos globais do Piauí. [...] a sua recuperação digamos a auto-estima dos piauienses, porque quando eu cheguei em Teresina aquela mídia nacional batia no Piauí, e aquilo dava um sentido de [...], aquilo me dava, digo, não pode, isso não pode. Então fizemos a Frei Serafim, fizemos asfalto, o zoológico, a Potycabana, a Maternidade Dona Evangelina Rosa, então de tudo aquilo que foi feito levantou o ânimo dos piauienses, de um modo geral eu diria que o meu maior trabalho foi no sentido da auto-estima, o piauiense passou a acreditar nele mesmo, eu igualei Teresina as demais capitais do Nordeste da época<sup>102</sup>.

No trecho da fala do ex-governador, percebe-se que ele procura justificar suas realizações no sentido de tornar a cidade de Teresina tão bela e moderna quanto outras capitais nordestinas da época, elevando dessa forma a auto-estima dos piauienses. Fica claro a preocupação de Alberto Silva em construir uma cidade para ser vista, admirada visível ao

<sup>100</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço urbano**. 4 ed. São Paulo: 2002.

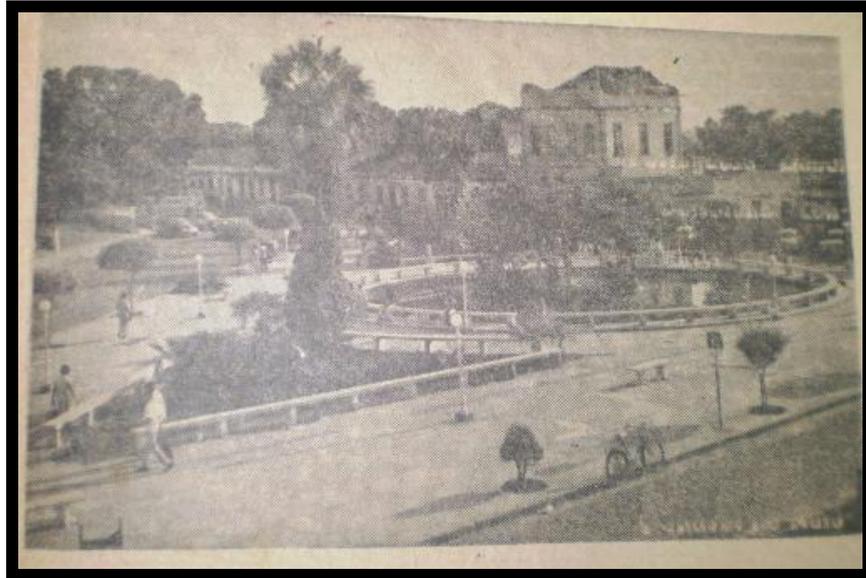
<sup>101</sup> FILHO, A. Filho. **Memorial da Cidade Verde**. Teresina, 1978.

<sup>102</sup> BARBOSA, Elivaldo. **Entrevista com o ex-Governador concedida ao Jornal do Piauí TV Cidade Verde**. Em 11/04/08. (cedida pela professora: Cláudia Cristina da Silva Fontineles.)

discurso da mídia, o que demonstra, o interesse dos governos de sua época em se produzir cidades estrategicamente pensadas, sendo que a cidade do discurso de Alberto Silva é uma urbe dos engenheiros e urbanistas. Paralelo à cidade do discurso de Alberto, cogitamos qual seria a cidade dos indivíduos que tiveram suas moradias deslocadas para outros lugares na cidade no decorrer das diferentes intervenções urbanas no centro da capital. Será que a cidade de Alberto Silva era a mesma deles? Considerando que as pessoas que residiam nos trechos das avenidas Miguel Rosa e Frei Serafim no período da intervenção tiveram de ser deslocadas para pontos distantes do centro da cidade, podemos concluir que a cidade proclamada pelo ex-governador é diferente da urbe que aquelas pessoas iam habitar, porque a forma encontrada pelo poder público para compensar essas pessoas era doando-lhe um lote de terra, mas esses lotes ficavam situados muito distantes do centro da cidade, obrigando assim os moradores a viverem em situações de risco e dificuldade. Isso porque esses locais eram desprovidos de muitos serviços básicos, como iluminação e transporte público.

O governador Alberto Tavares Silva marcou o imaginário coletivo dos teresinenses, sendo ainda hoje lembrado como um governante empreendedor por ter dotado a cidade de construções modernas. Podemos dizer que algumas de suas obras funcionam como lugares de memória, os quais segundo Pierre Nora são aqueles que guardam a memória de uma determinada época. Quem vivenciou a avenida Frei Serafim das fontes luminosas com jatos jorrantes, na década de 1970, tem um nítido significado daquele espaço e do que ele representa para sua compreensão sobre a principal via urbana da cidade até hoje. Embora com uma nova e diferente decoração, é capaz de lembrar-se da antiga Frei Serafim dos 60 e 70, pois, imunes ao tempo e as intervenções espaciais, estão seus velhos oitizeiros, que contam um pouco sobre a história daquele lugar.

Paralelamente às intervenções do Estado no solo da capital, a Prefeitura Municipal também interferiu na configuração da cidade ao longo dos anos. A aprovação do PET, em fins dos anos 70, veio disciplinar as intervenções que passaram a ser mais específicas. Ainda na gestão do prefeito Hugo Bastos (1963-1967), foram realizados investimentos na infraestrutura urbana da capital, sendo que um dos seus principais cartões postais sofreu intervenção nesta época.



Fotografia 7: Praça Pedro II<sup>103</sup>  
Fonte: Jornal O Dia

As melhorias urbanas não se concentraram apenas na zona central de Teresina, onde espaços como a Praça Pedro II receberam modificações. Aos poucos, também se espalharam pela periferia. No bairro Piçarra, por exemplo, o elemento reformado foi o chafariz, que recebeu uma ampla reforma. Outras partes dos terrenos do subúrbio da capital tiveram terraplanagem, para, retirar pedra e mato do leito das ruas e avenidas. Essa prática era comum em locais onde não existia calçamento, fato muito frequente nos bairros da cidade no período.

As ações realizadas no solo teresinense se intensificaram e tomaram um novo rumo de desenvolvimento acelerado na gestão de Joel da Silva Ribeiro, de 1971 a 1975. Engenheiro com larga experiência na construção de estradas atuou em vários estados da Federação e veio para Teresina, onde prestou serviço no 2º BEC como engenheiro, comandando muitos trabalhos como, por exemplo, o asfaltamento de rodovias federais que cortam o Piauí e de ruas. Em Teresina, sua atuação no órgão foi importante para a sua indicação como Chefe do executivo municipal. Tal ato despertou fortes expectativas em alguns setores da sociedade principalmente devido a seu vasto trabalho em diferentes locais. A gestão de Joel, que coincide com a do governador Alberto Silva, foi caracterizada por fortes investimentos em construção de grandes vias, sendo que uma de suas maiores contribuições para a área do centro foi o anel viário que modificou o tráfego de veículos local.

<sup>103</sup> PRAÇA Pedro II. **Jornal O Dia**. Teresina, 08 de fev. 1964

Joel era visto como um gestor de ação, e sua posse à frente do Executivo municipal foi cercada de grandes expectativas de melhoria para Teresina. Sobre a posse a Câmara Municipal de Teresina publicou a seguinte nota, manifestando total apoio ao novo prefeito da capital.

No coração de cada teresinense brota a chama da esperança e da fé, do entusiasmo e da confiança nos destinos da cidade. As vitórias do passado servirão de sustentáculo para a jornada de trabalho e de realizações que se prepara para a construção de uma Teresina nova.

O poder legislativo municipal, consciente da posição que ocupa no processo político transmite ao prefeito Joel Ribeiro e ao povo teresinense, sua mensagem de fé, de confiança nos destinos de Teresina, na certeza de que a caminhada para o futuro será comandada pela inteligência brilhante do chefe do executivo municipal.<sup>104</sup>

A nota deixa transparecer que Joel Ribeiro era esperado como o gestor que promoveria mudanças na capital do estado, preparando-a para o futuro. O articulista expressa que a população esperava o novo prefeito para conduzir a construção de uma nova Teresina. Inicialmente a parceria entre Município e Estado para os empreendimentos realizados em fluíram, já que a indicação do major para a chefia do Executivo municipal passou pelo crivo do Governador Alberto Silva, uma prática legal naquela época. Vivia-se o regime de ditadura, quando os governantes eram indicados e nomeados respectivamente. Em seu discurso de posse, realizado no palácio de Karnak, sede do Governo estadual, Joel reafirmou seu compromisso com o Município, bem como sua disposição e intenção de trabalhar pelo bem da cidade.

Os investimentos na modernização da cidade “visível” foram amplamente implementados no mandato de Joel Ribeiro, privilegiando a cidade como um todo. Começando pela Praça da Bandeira, que teve seu parque reformado. Em notas cronistas relatam os andamentos das melhorias na infra-estrutura da cidade:

Teresina é, fora de qualquer dúvida, uma cidade que oferece, já, alguma coisa de belo. Mas há necessidade de esmerá-la, na qualidade de cartão de visita do Piauí, pelo fato de ser a capital do estado. Há uma conscientização neste sentido. E a própria Prefeitura Municipal, no momento, sente necessidade de embelezar - dentro de suas possibilidades financeiras- a capital piauiense.

Em conversa que mantive ontem com o engenheiro José Francisco de Almeida Neto, superintendente de obras da prefeitura, pude sentir alguns planos do atual chefe da municipalidade teresinense, major Joel Ribeiro, relativamente ao embelezamento desta cidade.<sup>105</sup>

<sup>104</sup> MENSAGEM do Poder legislativo Municipal ao Prefeito Joel Ribeiro. **Jornal O Dia**. Teresina, p.2,18 de mar. de 1971.

<sup>105</sup> EMBELEZAMENTO da cidade. **Jornal O Dia**. Teresina, n. 3.278,29 de abr. de 1971

Teresina não era uma cidade qualquer, mas a capital do estado e, como tal, deveria servir de referência para as outras, como afirma o cronista na nota. A análise das fontes do período em questão nos mostram que, em seu primeiro mandato de governo, Alberto Silva focou suas ações para tornar a capital do estado uma vitrine para a nação, de modo que se perceba o estado a partir da capital. As obras prosseguiram na medida do possível e, embora as relações entre Alberto Silva e Joel Ribeiro tenham se tornado “tensas” (afirmamos isso com base no discurso midiático do período), cada um, a seu modo, investia na melhoria de Teresina. A gestão de Joel Ribeiro contou com uma considerável soma de recursos, devido aos planos nacionais de desenvolvimento que financiavam os projetos realizados nas capitais:

Fundo de Desenvolvimento Urbano (FDU), criado em 1973, através de convênios entre o Banco do Brasil, o Banco Nacional de Habitação e a Caixa Econômica Federal, com a finalidade de financiar Programas de obras que constarem em uma escala de desenvolvimento urbanístico<sup>106</sup>.

A administração de Joel Silva planejou dotar a cidade de infra-estrutura de base, tais como abertura de novas vias para facilitar o tráfego na zona urbana e vias adjacentes, sendo que uma das grandes realizações foi a construção do anel viário, composto de três grandes avenidas :a José dos Santos e Silva, a. Maranhão e Miguel Rosa esta última ligando o centro à zona sul, cortando a Frei Serafim. As três avenidas se complementavam o que o desafogou o trânsito de ônibus coletivos das ruas centrais para aquelas vias.

O espaço de uma grande cidade é composto de vários “lugares” e “não lugares”<sup>107</sup>. Tomando como referência essas duas noções, percebemos que a administração de Joel Silva dotou Teresina destes diferentes” lugares” : o primeiro foi fruto da ação direta do Município, enquanto o segundo emergiu em decorrência da necessidade de pessoas que residiam em pontos da cidade que passaram pelo crivo do Município, como foi o caso de algumas famílias que habitavam na margem da estrada de ferro, no trecho que ia da Rua Rui Barbosa até a Jônatas Batistas

<sup>106</sup> MONTE, Regianny Lima. **Teresina sob os anos de chumbo:** as interfaces de uma modernização autoritária e excludente. Teresina, 2007(monografia licenciatura em História ) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

<sup>107</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano:** 1 artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994



Fotografia 8: Mulheres despejadas<sup>108</sup>  
 Fonte: Jornal O Dia

A imagem da fotografia 8 mostra um grupo de mulheres de reputação “duvidosa” que seriam deslocadas para outra parte da cidade, pois o local elas residiam daria lugar a um trecho da avenida Miguel Rosa. O deslocamento de pessoas que ocupavam locais como os da imagem era bastante comum, devido à necessidade de se projetarem novos lugares<sup>109</sup> dentro da cidade. Do deslocamento de pessoas que habitavam seus “não lugares” surgem os “espaços” que constituem a cidade do desejo. Nesse contexto esses indivíduos eram remanejados para conjuntos habitacionais populares, cuja construção pelos governante, no Brasil, serviu como estratégia para locar pessoas que viviam em áreas de riscos ou em locais que deveriam ser urbanizados. Teresina, assim como Curitiba e outras capitais, sofreu esse processo.

No final da década de 1970, o Governo estadual construiu, na zona sul de Teresina, o conjunto Promorar, com 4.696 unidades, para abrigar todos os moradores da favela Cohebe. A imprensa diária informava que os futuros moradores reagiram contra o deslocamento, sendo a resistência ao remanejamento explicada por diversos motivos, dentre eles o compromisso com o pagamento mensal referente à casa e falta de abastecimento de água, pois embora se tratasse de um conjunto dotado de infra-estrutura, esses serviços costumavam demorar para se tornar acessível a todos os moradores. Mesmo sob as fortes reclamações, o deslocamento aconteceu em meados de 1982, quando o projeto foi concluído.

<sup>108</sup> MULHERES despejadas. **Jornal O Dia**. Teresina, 28 de out. 1971.

<sup>109</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis, RJ :Vozes,1994.

Experiências como a do bairro Promorar nos remetem ao que Michel de Certeau chama de construção de espaço pelos produtores da cidade panorâmica, fabricada pelos arquitetos e urbanistas. O espaço construído dentro da lei substituiu a favela Cohebe, que, para os favelados, era um lugar que construíram cotidianamente. Embora sem os serviços básicos de saneamento, era reconhecida por eles como local de moradia onde se reconheciam como parte do lugar. Essa prática de construção de conjuntos populares aos poucos se tornou uma constante no estado do Piauí, a passos lentos. O governo construiu apenas 3.251 casas até 1975, entre 1975 e 1978, houve profundas mudanças nos investimentos habitacionais e, no final da década de 70, o estado já contava com 6.841 casas, sendo Teresina a cidade mais beneficiada. Na capital foram construídos os conjuntos mostrados na tabela 1, a seguir:

**Tabela 1: Total de habitações produzidas pela COHAB-PI na década de 1970**

Conjunto	Ano	Zona	Número de unidades
Cristo Rei	1975	Sul	92
Stande- tiro	1977	Sul	40
São Pedro	1977	Sul	66
Bela Vista I	1977	Sul	912
Ampliação do Parque Piauí	1977	Sul	500
União	1977	Norte	80
Saci	1978	Sul	2.034
Itararé	1978	Leste	3.040
São Pedro	1979	Sul	109
DER	1979	Sul	70
Primavera	1979	Norte	100

Fonte Antônio Cardoso Façanha<sup>110</sup>

Entre 1966 e 1979, foram construídas 10.659 casas no Piauí. Além da capital do estado, as cidades contempladas com unidades habitacionais foram Picos, com 54 unidades construídas em 1979; Parnaíba, que teve três etapas de construção a primeira em 1966, com 92 casas, e a segunda em 1978, com 315 e a terceira em 1979, com 63 e a cidade de Floriano, que também recebeu investimentos na construção de moradias em 1966, tendo sido contemplada com 50 unidades habitacionais. Dirceu Mendes sucedeu Alberto Silva e, em sua gestão, os investimentos em habitação foram bem maiores, sendo que o público alvo dessas políticas era a classe que recebia entre um e dois salários mínimos. É importante frisar que a meta era erradicar as possíveis moradias consideradas sem condições de ser habitadas, especialmente as favelas, no entanto, para terem acesso a essas novas moradias, os inquilinos

<sup>110</sup>FAÇANHA, A. C. **A evolução urbana de Teresina: agentes, processos e formas espaciais na cidade.** 1998. Tese (mestrado em Geografia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

deveriam dispor de uma renda para arcar com as prestações das casas. Pelo projeto inicial do BNH, esse valor corresponderia a 10% do salário mínimo, mas chegou a alcançar 20%. Além da prestação, as famílias tinham que custear os gastos com água, luz e esgoto, valores que, quando somados às prestações dos imóveis, consumia todo o salário dos moradores. Assim, a solução para as moradias virou então um problema. É importante ressaltar que até a atualidade é comum os conjuntos não disporem de serviços de saneamento básico, não era um fato só do período recortado por essa pesquisa. Residindo nesses novos espaços edificados pelos produtores legais do espaço, os indivíduos iam dando forma a uma cidade regulamentada aquela que deveria ser vista.

A cidade visível é aquela planejada, erguida segundo as normas que regulam o espaço urbano. Teresina, durante o mandato de Joel Ribeiro, foi completamente transformada se considerarmos que as modificações feitas no espaço urbano são reflexo do próprio crescimento populacional das grandes capitais. Segundo Ana Fani Carlos, essa demanda por novos espaços acontecem de modo acelerado:

As mudanças espaciais na Metrópole ocorrem, hoje, de forma violenta em ritmo acelerado, decorrência da constante mudança das direções de fluxo, do traçado ou do alargamento de ruas e Avenidas, necessidades imposta pelo escoamento do trânsito, pelas estratégias do mercado imobiliário, pelas mudanças na lei de zoneamento; com isso se revelam rupturas que não transformam, uniformemente, toda a metrópole, mas parte dela. Dessa forma se redefinem, constantemente, os lugares dentro da cidade.<sup>111</sup>

A demanda por novos espaços cria uma organização espacial que ocasiona o surgimento de novas ruas avenidas que vão desenhando uma nova cidade, qual vai sendo delineada a partir de uma dualidade que contempla simultaneamente quem a constrói e quem a pratica. Essa necessidade de novos espaços gera o que Ana Fani denomina de redefinição de lugares. Dessa dualidade emergem a cidade visível e a invisível. Segundo Ítalo Calvino uma cidade pode conter diferentes cidades<sup>112</sup>. O projeto elaborado pelo prefeito Joel Silva modificou o antigo traçado da cidade desenhada por Saraiva

Foi feito o Plano de Desenvolvimento Local e Integrado no governo de Helvídio Nunes, com o governador e com o prefeito Jofre do Rego Castelo Branco, mandato depois terminado por José Raimundo, nesse tempo, o governo federal ainda não estava dando a cobertura que veio a dar no meu tempo pras capitais. Mas, quando no meu período, no meu quadriênio o governo federal foi muito generoso, e deu às capitais, no meu tempo, um tratamento diferenciado, vamos dizer assim, havia

---

<sup>111</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço – tempo na Metrópole:** a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

<sup>112</sup> CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** Tradução Diogo Minardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

reuniões de prefeito de capital, houve mais de uma reunião, a primeira delas foi em Fortaleza, lá eu conheci diversos prefeitos, o prefeito de Curitiba, [o Hérman], o Herman, o prefeito de São Paulo o doutor Figueiredo Ferraz, o doutor Clebiston Andrade, prefeito de Salvador, que depois veio a falecer como candidato a governador, num desastre de helicóptero. Foi um período muito bom, em termos de ajuda federal, sem esses recursos não se poderia ter feito o que fizemos. Também, uma coisa chama a outra, temos que fazer uma digressão, nós fizemos, acho que já falei aqui, nós fizemos a primeira, o primeiro lançamento de cobrança parcelada do IPTU e já no primeiro ano de governo, houve um incidente, por causa do valor exagerado do IPTU, na zona urbana, na zona comercial, realmente, o calculo foi mal feito na lei e rapidamente mandamos proposta mudando as alíquotas, e dali a quinze dias depois, resolveu esse assunto, estava criando um mal estar na cidade, aquilo tinha que ser feito e com rapidez se não prejudicaria a arrecadação do ano. Mas, o IPTU foi uma grande ajuda pra nós, antes da minha administração havia uma receita municipal que era a taxa sobre o combustível de câmbio, isso era um imposto nacional e que revestia, pra Teresina tinha uma cota muito grande, devia ir pra estradas, alguns prefeitos aplicaram isso na zona urbana. Eu nunca desviei dinheiro da área municipal, coincidiu que tinha chegado no, na prefeitura, recém formado na Bahia, o Francisco Gerardo, o doutor Francisco Gerardo que depois foi prefeito, e dirigiu quase quatro anos, que ele pegou uns três meses depois ele pegou o Departamento Municipal de Estradas e Rodagens- DMER, eu ainda não o conhecia, mas, ele já pertencia ao DMER.<sup>113</sup>

O plano de desenvolvimento ao qual Joel Silva faz referência no início de sua fala, o PDLI, foi elaborado no final dos anos 60, mas não entrou em vigor na íntegra parcialidade, servindo, no entanto, de referência para os projetos de trabalhos na nova configuração da capital. Outro ponto importante destacado na fala de Joel Silva é a preocupação do Governo federal com o desenvolvimento das grandes capitais, evidenciada através dos recursos destinados às mesmas e das reuniões com os respectivos prefeitos.

Dessa modificação iniciada nas zonas centrais ocorre a reorganização das populações que ocupavam essas áreas e que passam a receber tais modificações, as quais assinalam o que Ana Fani Carlos chama de recorte de bairro: “O recorte do bairro é fundamental para a análise, porque o habitante da metrópole não habita em sua totalidade: a vida urbana é delimitada, dividida em frações tanto espaciais quanto temporais”.<sup>114</sup>

Teresina, na década de 1970, teve um grande número de bairros agregados a sua área. Desse modo pessoas que residiam em locais distintos ou que vinham do interior foram se acomodando nesses bairros setorizados, localizados distante do centro da cidade, os quais desenham outra cidade, pois o bairro tende a desenvolver atividades que, aos poucos, vão tornando os moradores independentes das atividades do centro. Os bairros aos poucos vão sendo incorporado pelos moradores como um lugar praticado onde eles agregam amizade, lazer, estudo. O centro será, então, apenas um local de trabalho, de trânsito, que o indivíduo se

<sup>113</sup> RIBEIRO, Joel da Silva. **Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento, Laércio Barros Dias e Regianny Lima Monte**. Teresina, 2006.

<sup>114</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço – tempo na Metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

utiliza de modo impessoal, ou seja, a área central pertence a todos e a ninguém, se tornando um lugar sem identidade. Dessa maneira o habitante da urbe pratica a cidade de várias maneiras, consumindo os diferentes espaços conforme suas necessidades.

O bairro pode surgir de uma caminhada<sup>115</sup>, a caminhada por um local onde morar, mas pode surgir também da ação organizada por parte dos poderes competentes. Nesse caso, temos duas maneiras de iniciar o processo de construção de um bairro. Aqueles bairros surgidos por meio da caminhada configuram a imagem da cidade invisível, pois aquele local que ora emerge ali não está incluso nos planos dos projetistas da cidade. Os bairros Fátima e Jockey Clube são reflexo da caminhada de pessoas que, a princípio, foram criando um espaço para morarem, dessa forma buscamos enxergar o que frequentemente se tenta esconder. Os investimentos feitos na tessitura do espaço urbano sejam provenientes de iniciativa federal, estadual ou municipal, projetaram diversas possibilidades de crescimento nas diferentes zonas da capital. No capítulo seguinte, focalizaremos nossa atenção na tessitura dos bairros de Fátima e Jockey Clube.

---

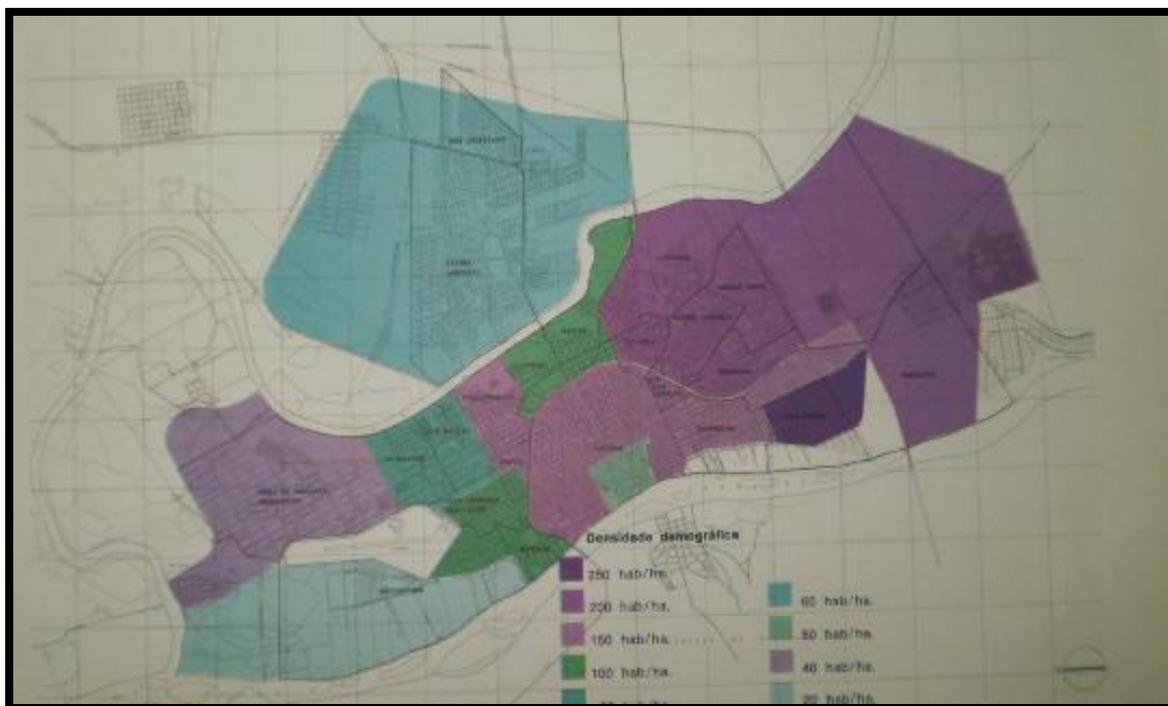
<sup>115</sup> CERTEAU, Michel de Certeau. **A invenção do Cotidiano**. 2. morar e cozinhar; tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

### CAPÍTULO 3

#### VEREDAS E CAMINHOS: FÁTIMA E JÓCKEY CLUBE.

Nesta parte do trabalho, procuramos destacar as constantes ações dos agentes modeladores do espaço as quais terminaram contribuindo diretamente para a viabilidade de povoamento dos bairros recortados nessa pesquisa. Esse processo é selado com a criação de um hipódromo por um dos proprietários de terras na região, o Coronel Otávio Miranda. Procuramos caracterizar os primeiros moradores da zona do Jockey como era conhecida a região, os quais eram trabalhadores dos sítios que existiam no local. O povoamento do local se deu com o início dos primeiros loteamentos no bairro de Fátima e no Jockey Clube, sendo que a existência da capela no bairro de Fátima foi de grande importância para o seu desenvolvimento. No Jockey, o elemento principal foi a sede social do Jockey Clube que deslocou para a área o interesse dos diferentes agentes produtores do espaço, os quais por meio de diferentes ações, começam a intervir no local.

Destacamos algumas falas moradores da região, utilizando a metodologia da história oral, os quais habitaram ou habitam os bairros pesquisados.



Fotografia 9: Mapa da cidade de Teresina.

Fonte: PDLI

Segundo o PDLI, Teresina, no final da década de 60, tinha os seguintes bairros: Feira de Amostra, Primavera, Vila Militar, Vila Operária, Matadouro, Matinha, Porenquanto, Mafuá, Ilhotas, Centro, São Cristóvão, Fátima, Jockey Clube, Cabral, Vermelha, Nossa Senhora das Graças, São Pedro, Tabuleta, Macaúba, Piçarra, Monte Castelo, Catarina e Cidade Nova, os quais é possível visualizar no mapa. Teresina tinha sofrido uma extensão de sua área urbana, chegando ao número de 23 bairros nesse período. Desse total, dois estavam localizados na extensa e pouca habitada zona leste, sendo denominados Fátima e Jockey, porém é relevante lembrar que esses bairros não tinham suas fronteiras definidas. O crescimento da zona do centro colaborou para a nova caracterização urbana do lado leste da capital, a começar pela ponte de concreto armado, que viabilizou o acesso ao local contribuindo para uma nova postura adotada pelos promotores imobiliários, os quais, Roberto Lobato Corrêa, representam

Um conjunto de agentes que realizam, parcial ou totalmente, determinadas ações tais como: incorporação, que é a operação – chave da promoção imobiliária, financiamento, estudo técnico, construção ou produção física do imóvel, comercialização ou transformação do capital – mercadoria em capital dinheiro<sup>116</sup>.

A ação dos diferentes agentes caracterizados acima por Lobato Corrêa tornou-se uma constante na nova área, fazendo-se perceber de diferentes maneiras, desde a construção de residências caras e luxuosas até a venda de extensos lotes de terras. As estratégias de divulgação eram viabilizadas através dos jornais, para “vender a imagem de um lugar verde e tranquilo para se residir”, e o investimento foi fundamental para disseminar a idéia de desenvolvimento rápido da área, assim como de novo local de moradia da elite. As propagandas observadas por nós, além de evidenciarem a tranquilidade da zona, tinham como principal aliado as construções físicas do local. As primeiras edificações de aproveitamento coletivo foram a pista de corrida para cavalos e a ponte Juscelino Kubitschek, ambas realizadas na década de 1950. Esses elementos foram cruciais para a materialização da idéia de zona nobre que se queria alcançar e, para a divulgar, utilizavam-se propagandas publicitárias nos periódicos locais, principalmente os jornais. O discurso produzido pela imprensa local ou por moradores dos bairros serviram para consolidar aqueles locais como sendo bairros nobres. Até a atualidade essa imagem é reproduzida na cidade.

De fato, a idéia de morar em um bairro “nobre” influenciou muitas pessoas, e as imobiliárias incorporam esse discurso, reproduzindo-o muito bem em suas propagandas publicitárias. Essas estratégias são características dos agentes produtores do espaço. Neste

---

<sup>116</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço urbano**. 4 ed. São Paulo: 2002

caso, percebemos de duas maneiras a ação destes agentes: a primeira à espera de investimento do poder público na área, pois desse modo, os agentes têm maiores possibilidades de obter lucro com a venda ou aluguel de terras, casa; a segunda é a atuação dos visionários proprietários de terras que investem em construções nos locais distantes das áreas centrais, mas com possibilidades de desenvolvimento<sup>117</sup>. Isso é percebido na nota a seguir, em que se destaca a construção da pista de corrida para cavalo.

Segundo o nosso informante a pista de corridas de cavalos, será construída ao transpor a ponte a margem direita do rio Poty, no seguimento da Avenida Frei Serafim. O local é dos melhores, pois, preenche os requisitos indispensáveis e dista, contados da Praça Pedro II, apenas 3 km do centro da cidade<sup>118</sup>.

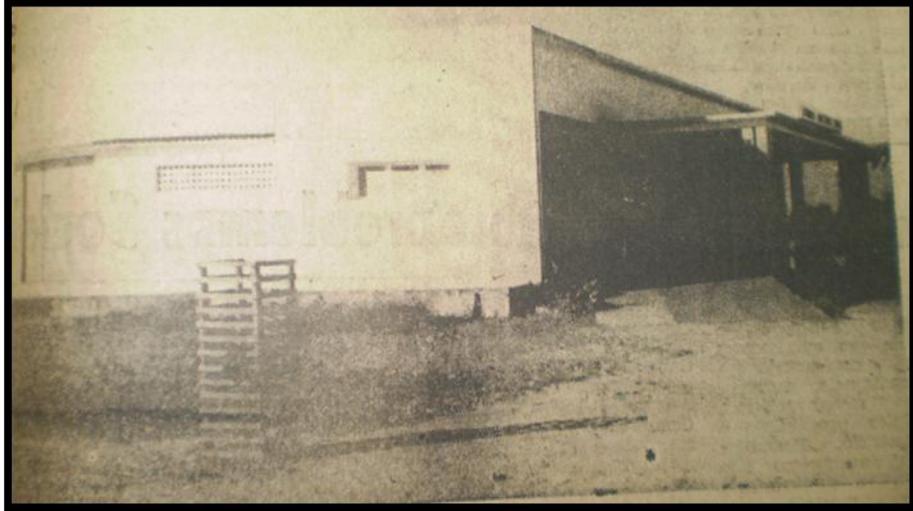
A localização da pista de corrida não foi, pois, escolhida ao acaso, já que, pelo teor da nota havia as possíveis vantagens da localização do clube. Esses investimentos em locais considerados rurais ocasionam a mudança de caracterização com as constantes intervenções nesses espaços, de modo a transformá-los e serem considerados urbanos. Foi o que ocorreu no lado leste de Teresina, onde a nova caracterização foi atrelada diretamente à venda das terras: “lotes de terras 10x30m por Cr\$ 20.000,00 na quinta de J. Sinibú. Bairro Jockey Clube”.<sup>119</sup> A princípio as propagandas publicitárias deram uma ênfase maior à zona do Jockey Clube com fortes apelos para a existência da sede social, estabelecimento freqüentado principalmente por membros da elite local. Além do clube, existia ainda a sede esportiva do Clube River, o qual, em meados da década de 70, funcionava na Rua Lisandro Nogueira, porém sua sede foi construída, permanentemente, na zona Leste.

---

<sup>117</sup> Ibidem.

<sup>118</sup> O JÓCKEY Clube de Teresina será localizado à margem do Rio Poty. **Jornal do Comércio**. Teresina, ano VI, nº. 972, p.1, 09 de out. 1952.

<sup>119</sup> IMOBILIÁRIA Rural. Terrenos à venda. **Folha da Manhã**. Teresina, ano VI, nº. 1.618, p.2, 01 de out. 1963.



Fotografia 10: Esse clube chamado River.<sup>120</sup>  
Fonte: Jornal O Dia

O estabelecimento mostrado na fotografia 10 pertence ao River, clube de futebol onde eram realizadas, todas as sextas-feiras, festas chamadas na época de “tertúlias,” que muito animavam o bairro. O clube tinha cerca de dois mil associados, que participavam das festividades. Outro clube localizado no bairro é o da AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil), inaugurado em 1972 e localizado nas proximidades da BR-343, estrada que liga Teresina a Altos. O clube dispunha de arquitetura moderna, parque aquático com três piscinas, quadras de esportes, salão social, atendendo os sócios que eram funcionários do banco. Outro ponto de lazer da elite naquela zona era a sede esportiva do Clube dos Diários, local destinado ao entretenimento e lazer.

O aumento pela procura do Jockey foi paulatinamente deslocando os antigos frequentadores do Clube dos Diários do centro para a zona Leste. Na década de 70, a sede esportiva do Clube dos Diários entrou em decadência, e o local ficou desativado, passando por um longo período, cerca de quarenta anos, abandonado, tempo em que as “ruínas” do clube foram aproveitadas como moradias para pessoas que não tinham onde morar.

A presença de espaços como a sede social do Jockey clube nesta zona, favoreceu a construção uma imagem nobre da cidade que nessa região alimenta a perspectiva de uma área elitizada da cidade. Na verdade, uma expressão dual considerando que ali residiam pessoas pobres, mais a frente aprofundaremos esse ponto.

<sup>120</sup> ESSE Clube chamado River. **Jornal O Dia**. Teresina, n: 3.314.p.7, 13/14 de jun. 1971.

Pelos dados acima podemos concluir que inicialmente as construções erguidas tinham como peculiaridade o entretenimento.

### 3.1 O tecer de uma história por meio da vivência

Nossa vivência com o bairro de Fátima data do início da década de 1990, período em que passamos a residir naquele lugar, onde cursamos parte do nosso ensino fundamental. Ali nos relacionamos com diferentes moradores, dos mais jovens, que faziam parte da nossa faixa etária aos mais velhos, pais de saudosos amigos que fizemos ali; pessoas que, a seu modo, vivenciavam o bairro; Indivíduos que, através de suas memórias, nos contam um pouco a história do bairro. São memórias que, quando acionadas, trazem um turbilhão de informações e, aos poucos, são selecionadas por meio da fala. Lembranças de pessoas como dona Maria Lima de Moraes, moradora do local desde 1960.

Em seus relatos sobre os primeiros tempos do bairro de Fátima, ela informa sobre um chafariz que existia nas proximidades do cruzamento da Rua Angélica com a Avenida Dom Severino, local ocupado hoje pela Unidade de Ensino Lourdes Rebelo. Em sua lembrança, o “velho chafariz”, onde ela e algumas vizinhas coletavam água para o consumo doméstico, está sempre vivo, o tempo não apagou. Isso nos leva à relação entre memória e história, de Pierre Nora: “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança”<sup>121</sup>. Para Nora, a memória é sempre viva e está a todo o momento sujeita a transformação, enquanto a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. Embora o chafariz não esteja mais naquele lugar, onde dona Maria passa todos os dias, em suas lembranças é como se ele estivesse sempre ali. Discorrer sobre a construção do bairro de Fátima com o auxílio das fontes orais é estar na constante busca do entendimento da relação entre a memória e história. Sendo que é por meio das lembranças de antigos moradores do bairro de Fátima que este trabalho toma forma. As fontes jornalísticas também nos auxiliaram na jornada para construir uma narrativa sobre o local.

Para construir uma narrativa sobre a formação dos bairros recortados por esta pesquisa, as fontes hemerográficas são ferramentas essenciais para que na medida do possível, possamos interrogá-las sobre aquilo que estamos pretendemos, pois “para que o

---

<sup>121</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUC – SP.**(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, 1981, p.9

historiador possa dar uma resposta à sua pergunta, é preciso que existam documentos, mas essa condição não é suficiente”<sup>122</sup>. Dessa maneira o documento expedido pela Arquidiocese de Teresina oficializando a criação da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, de certa forma, faz uma descrição do território que faz parte da referida paróquia, o qual, conforme o documento abaixo, abrangia os seguintes limites geográficos:

Dom Avelar Brandão Vilela, por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo de Teresina. Aos que este nosso Decreto virem, paz e benção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Fazemos saber que, tendo em vista o crescimento demográfico da cidade de Teresina, e ouvidos os Consultores Arquidiocesanos e os párocos de São José Operário e de São Raimundo, criar a Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em caráter inamovível. Quase todo o território da nova Paróquia foi desmembrado da freguesia de São José Operário. Assim sendo, a Capela de Nossa Senhora de Fátima ( Bairro de Fátima) se considere elevada à categoria de Igreja matriz. Com todos os privilégios que lhe são inerentes. O Revmo. Vigário, Padre Geraldo Vale ficará com a obrigação de residir no território da Paróquia, o mais breve possível. Apesar de todas as dificuldades, resolvemos criar a Paróquia, na certeza de atendermos aos interesses da glória de Deus e salvação das almas. Com efeito, a evangelização torna-se mais fácil, mais eficaz a formação espiritual dos fiéis e mais intensa a participação da plenitude de Nosso Senhor Jesus Cristo, com a criação de uma paróquia. Esperamos que dentro de menor lapso de tempo possível a nova paróquia esteja munida de todos os elementos necessários à sua perfeita organização. Os limites da nova paróquia são os seguintes: partindo da ponte rodoviária sobre o Rio Poty, nas proximidades do Seminário, segue pelo rio em apreço, águas abaixo, até a linha telegráfica; daí pela linha em questão até a rodovia PI-2 e por esta até a linha de limites Teresina-União e posteriormente Teresina-José de Freitas e Teresina-Altos até a Estrada de Ferro Central do Piauí;daí pela ferrovia mencionada segue até o Rio Poty o pelo rio citado até o ponto de partida. Dado e passado nesta nossa Cidade Arquiepiscopal de Teresina, aos 10 do mês de Julho de mil novecentos e sessenta e nove. Dom Avelar Brandão Vilela. Arcebispo Metropolitano. Pe. Antônio Rêgo Secretário do Arcebispo.<sup>123</sup>

Os documentos podem nos revelar muita coisa, mas podem também plantar dúvidas em pesquisas. Em vários momentos, as fontes escritas nos confundiram quanto à existência de um único bairro na zona Leste, isso porque se referem à área como zona do Jockey. Não somente os jornais, mas também mapas da cidade referem-se à zona como uma só, entretanto outros documentos trazem informações sobre os bairros como sendo dois. O documento da Arquidiocese é bem claro quanto à existência do bairro de Fátima.

<sup>122</sup> VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história:** Foucault revoluciona a história. Trad. De Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, 1992, 1995, 1998.

<sup>123</sup> LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé et al. **Paróquia de Fátima Sua História, Sua gente.** Halley S.A. Teresina, 2003.

### 3.2 Os primeiros moradores do Bairro de Fátima

Eu conheço muito sobre a história do meu bairro. Eu cheguei aqui em 1960, ainda não existia nem essa igreja, a nossa igreja ainda não era nem construída. Eu vi lançarem a primeira pedra fundamental dessa igreja, e nós não tínhamos igreja. As missas eram celebradas numa área que tinha como ainda hoje tem aonde as meninas estudam (...) para aquele lado da avenida, pra lá não tinha avenida, não tinha rua aqui ,não tinha nem uma rua. Tudo era mato também não tinha poço para pegarmos água. Foi que Dom Avelar, foi no tempo de Dom Avelar, Dom Avelar mandou fazer um poço tubular para poder puxar água, aí era que nós pegávamos água, todo mundo do bairro pegava água nesse poço<sup>124</sup>.

Quando convidada a relembrar seus primeiros tempos no bairro de Fátima, dona Maria Lima, uma simpática senhora moradora da Rua Angélica, fala com prazer e orgulho do bairro que conhece tão bem, descrevendo com destreza alguns lugares do bairro. Casada, mãe de cinco filhos, em 1960, foi morar ali numa casa simples. Alguns meses depois ela iniciou o trabalho de monitora naquele local, onde, na época já existia o Centro Social de Fátima, o qual, sob a direção de Dom Avelar, prestava serviço à comunidade. Dona Maria, assim como muitas outras tinha a função de informar sobre higiene, saúde, educação e ainda sobre as palestras que estavam sendo proferidas no Centro. Nem todo mundo tinha como assistir às palestras, por isso as monitoras<sup>125</sup> tinham a tarefa de informar os moradores sobre o que era oferecido no Centro Paroquial e Social. Esse trabalho de monitora colocou dona Maria em posição privilegiada, passando a conhecer o bairro e um grande número de pessoas. Como conta ela:

Sempre morei nessa casa. Eu já mandei até derrubar ela e fazer de novo porque estava ruinzinha, mais sempre neste mesmo lugar, no mesmo lugarzinho. Assim, quando nós chegamos, a minha casa era a última da minha rua. Aqui não tinha nem uma casa, por aqui não existia casa nenhuma casa nenhuma, rua nenhuma aqui só tinha mato, só mata pura mesmo. Agente ouvia uns galo cantar lá na cerâmica forte, lá onde hoje é a universidade. Lá não tem uma torre? Pois era, lá tinha um ou parece que era dois moradores do seu Noé Fortes, aí a gente ouvia o galo cantar lá mais isso aqui não tinha nem vereda para a gente ir para lá. Para ir pra lá, gente ia pelo beicho do rio, pela estrada do sítio, porque lá tinha umas meninas de um morador que sempre vinha brincar com as minhas; mais tinha que vir com essa dificuldade toda e pra cá não tinha casa de morador nenhum, só tinha mato, tinha muito era guabiraba era muita fruta era muita palha era muita fruta do mato, tinha muito era de todo tipo, muita raposa também, que vinha pegar minhas galinhas bem aqui no terreiro. Muito mato mesmo, e só ia ter casa no Planalto Ininga acredita e lá também era pouquinho casa, pois sim minha filha<sup>126</sup>.

<sup>124</sup> MORAIS, Maria Lima de. **Entrevista concedida à Cristina Cunha de Araújo**, Teresina, junho 2008.

<sup>125</sup> Monitora, segundo dona Maria Lima, era a pessoa encarregada de organizar palestras para a população e divulgar os trabalhos realizados no Centro Social.

<sup>126</sup> MORAIS, Maria Lima de. **Entrevista concedida à Cristina Cunha de Araújo**, Teresina, junho 2008.

Mato, muito mato, é assim que dona Maria descreve o que caracterizava a maior parte espaço do bairro e a quase inexistência de moradores nas proximidades de sua casa. Viver ali era semelhante a morar no interior, sendo os hábitos cotidianos relatados por dona Maria práticas características de quem reside em cidades pequenas. O fato de o local possuir essas características interioranas atraía moradores de outras cidades que chegavam a Teresina naquele período. Ali encontravam terras tanto para construir casas quanto para fazer plantação, uma vez que os verdadeiros donos dos terrenos não os ocupavam. Assim, o bairro começou a receber muitas pessoas vindas de cidades do interior do estado. Sobre isso Dona Teresinha afirma:

Quando cheguei existia poucas casas aqui, o bairro se formou rápido, mais não foi muito rápido, demorou muito. A igreja era só uma capelinha não tinha a praça, não tinha nada, depois foi que formaram tudo aquilo. Eu acho que (...) porque naquela época vinha muita gente de Campo Maior, a maior parte desse povo que mora ali por trás da igreja é de Campo Maior. O povo veio para cá para trabalhar, a maioria era de fora, aí foi crescendo<sup>127</sup>.

Quando solicitada a acionar suas memórias sobre sua chegada ao bairro, dona Teresinha, que residiu no local desde sua chegada à Teresina em 1965 até seu falecimento em julho de 2008, destacou que o bairro de Fátima se formou não muito rápido. Quando ela chegou com seu marido e seus filhos, vindos todos de Campo Maior, a igreja ainda não existia. O que havia era uma capelinha de palha, onde os fiéis se reuniam para rezar. Ela ainda relata que assim como sua família, muitas pessoas de Campo maior vieram para o bairro, no qual havia poucas casas. Em outros momentos da fala de dona Teresinha, ela relembra das dificuldades na coleta de água para consumo doméstico, comentando que a coleta era feita em um poço próximo a sua residência, sendo a água utilizada para beber e lavar. Energia elétrica inexistia naquela época.

Intercalando as lembranças de dona Maria Lima e de Teresinha Gomes Ferreira, é possível estabelecer certa conformidade e saudosismo do bairro da época em que ambas chegaram. Embora em meio a tantas dificuldades, necessidades de pequenos serviços básicos, elas não revelam em suas falas nenhuma frustração por morarem em um local desprovido de elementos primordiais para o conforto cotidiano. Pode-se dizer que, com o decorrer dos anos, ambas foram estabelecendo laços de afetividade com o bairro, com o qual suas vidas passaram a estar intrincadas. Conforme Michel de Certeau, “o bairro é uma noção dinâmica,

<sup>127</sup> FERREIRA, Teresinha Gomes. *Entrevista concedida à Cristina Cunha de Araújo*. Teresina, nov.2005.

que necessita de uma progressiva aprendizagem, que vai progredindo mediante a repetição do engajamento do corpo do usuário no espaço público até exercer aí uma apropriação<sup>128</sup>. O engajamento físico de diversas maneiras vivenciada por nossas entrevistadas com que ambas adotassem aquele espaço sem quaisquer tipo de infra-estrutura, passando a ser reconhecido como bairro. Ali elas construíram suas vidas e estabeleceram laços de amizade na convivência com as poucas pessoas que também residiam ali. As ações cotidianas fizeram com que, aos poucos, as moradoras se apropriassem de um lugar público e o tornassem privado, no sentido de estabelecer naquele local o espaço particular onde suas vidas passaram a ser tecidas.

A forma de aproveitamento do solo onde hoje estão situados os bairros Fátima e Jockey Clube deu-se inicialmente de modo não planejado isto é, não havia um projeto de ocupação da área, assim como de qualquer maneira os moradores foram se acomodando no local. Os terrenos eram extensos e ocupados por vegetação, e as poucas casas que havia inicialmente, nos anos 50, eram de moradores das chácaras. O que despertava o interesse das pessoas que procuravam aquele lado da cidade era justamente a existência de muitas terras e a aparente inexistência de donos, fato que permitiu que muitas pessoas iniciassem o povoamento da área conhecida como zona do Jockey Clube.

### 3.3 A capela e os fiéis

A partir da segunda metade dos anos 50, o local começa a receber os primeiros moradores. A área tinha inicialmente dois focos de povoamento: o primeiro era no entorno da capela, onde hoje está situada a igreja de Fátima, que foi construída inspirada pela visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, quando esteve em Teresina, vinda de Portugal, no ano de 1953<sup>129</sup>. Na ocasião, os moradores da área que atualmente formam o bairro de Fátima se uniram para construir uma capela em homenagem à santa<sup>130</sup>. A pequena igreja passou a ter forte influência no local, já que em seu entorno começaram a se concentrar as primeiras residências bem simples, cobertas de palha, assim como a própria capela, que foi feita de maneira bem rústica. Nas proximidades da igreja, outras construções foram feitas pela ASA sendo a principal delas o Centro Social, obra construída por meio da ação de Dom

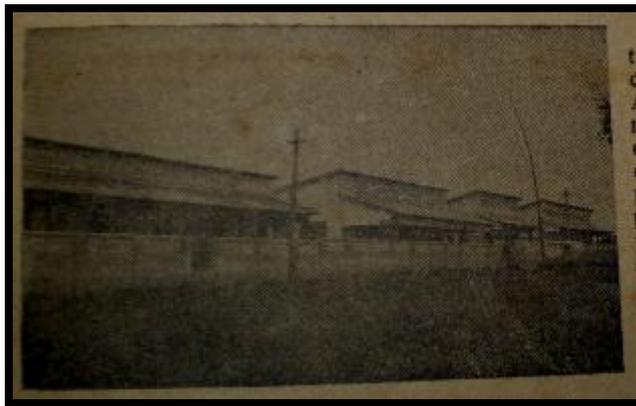
<sup>128</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**: 1 artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

<sup>129</sup> NOSSA Senhora de Fátima em Teresina. **Jornal o Dominical**. Teresina, ano XVII, p. 1 e 4, 02 de Nov. 1952.

<sup>130</sup> LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé et al. **Paróquia de Fátima Sua História, Sua gente**. Teresina: Halley S.A, 2003.

Avelar Brandão. Assim, aos poucos, as veredas do bairro foram sendo trocadas por ruas estreitas e de areia.

As construções próximas à capela inicialmente inviabilizaram o prolongamento da atual avenida Nossa Senhora de Fátima, em consequência, alguns dos prédios do Complexo de Fátima (fotografia 11) com quatro grandes casas, departamento de administração, educação, saúde e ensino doméstico ficaram localizados no meio da estrada que dava prosseguimento à avenida.



Fotografia 11: Centro Social N.S de Fátima  
Fonte: Jornal Dominical

O centro Social de Fátima, situado no Bairro de Fátima, é trabalho pioneiro, precursor de um futuro menos árduo e mais humano menos [...] o Centro Social N.S de Fátima como os outros centros criados e mantidos pela Arquidiocese, atende a um número limitado de pessoas oferecendo-lhes sempre meios que possa favorecer lhes uma vida mais condigna com sua condição de homem ali era oferecido os seguintes serviços: distribuição de alimentos para pessoas pobres, serviços de merenda escolar, clubes de mães, clube de crianças e jovens, educação<sup>131</sup>

O Centro foi fator importante para as intervenções realizadas ali pelos próprios moradores que, a seu modo, iniciavam as primeiras modificações no local. Igualmente, a Cerâmica do Sr. Noé Fortes foi elemento primordial para a abertura da Rua Angélica, a qual, na época, era a principal via, por "cortar" o bairro, iniciando nas proximidades da BR – 343 e seguindo até a referida Cerâmica, segundo dona Maria Lima

[...] o traçado que corresponde à atual Rua Angélica era o caminho de maior movimento, se estendendo até a estrada do Telégrafo, a qual seguia para além das terras da fazenda ( e da Cerâmica) Ininga, de propriedade do Sr. Noé Fortes ( hoje bairro Ininga) por sua vez, a atual avenida Nossa Senhora de Fátima era ainda uma estrada estreita e empoeirada no período seco e lamacento no período chuvoso que se iniciava na atual Avenida João XXIII e terminava no espaço destinado à Praça de Fátima<sup>132</sup>.

<sup>131</sup> CENTRO social de Fátima. **Jornal Dominical**. Teresina, ano XXXV, 15 de mar. de 1967.

<sup>132</sup> LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé et al. **Teresina Tempo e Espaço**. Teresina, 1997.

Sem um planejamento de ocupação, o bairro foi tomando forma desprovido de elementos essenciais para a população que ia aumentando a cada dia. Tal fato provocou o surgimento de um “espaço”<sup>133</sup> que foi adquirindo paulatinamente estratos de bairro, o qual, conforme Iracilde Moura Fé, é um “espaço formado por aglomerações que tem seu próprio comércio, sua área de lazer, igrejas, escolas e que são quase independente do restante da cidade”<sup>134</sup>. Fátima possuía praticamente todos esses elementos, embora de maneira precária. As memórias dos entrevistados deixam transparecer que, em poucos momentos, eles se deslocavam para realizar atividades no centro da cidade, aonde iam adquirir algum produto para alimentação ou outro tipo, pois o Centro Social oferecia serviços de saúde e educação das primeiras letras. Os loteamentos iniciais começaram.

O primeiro loteamento dessa zona da cidade foi feito pelo Coronel Miranda, em terras ainda cobertas de matas, adquiridas do Dr. Marcolino Rio Lima. Corresponhia a 44 quadras traçadas a partir da construção da atual Avenida Jóquei Clube e o local que mais tarde seria a Avenida Nossa Senhora de Fátima. Logo depois, foi lançado o loteamento “Vila de Fátima”, no espaço entre as atuais avenidas João XXIII, Dom Severino e Ininga, também com 44 quadras, sendo os lotes do seu limite nordeste doados à igreja pelo Dr. Marcolino, destinando-os à construção da Praça de Fátima<sup>135</sup>.

Com o início dos primeiros loteamentos, outros foram se seguindo, já que o local era propício para moradia. A ocupação do bairro se efetivou com o crescimento das atividades econômicas do centro da cidade, que, com o constante movimento, algumas pessoas que residiam ali foram em busca de locais mais tranquilos para morar. O preço dos primeiros loteamentos eram considerados acessíveis a pessoas de diferentes classes sociais, sendo as transações realizadas por funcionários dos proprietários das terras, pois não havia ainda a terceirização por empresas imobiliárias:

Quem vendia aqui os terrenos eram os revendedores dos donos dos terrenos. Esses terrenos nossos quem vendia era o finado Chico Ferreira. Era de um senhor que era dono dessa terra aqui. Ai ele passou para lotear, meu marido comprou. Tinha os encarregados de vender, o dono não era o mesmo, quem vendia eram os encarregados, aquela pessoa era encarregada de lotear e vender os terrenos. Esse meu aqui foi comprado na mão do Chico Ferreira e tinham outros que também revendiam, não tinha esse negócio de Prefeitura. A Prefeitura teve pouca participação<sup>136</sup>.

<sup>133</sup> Segundo Michel de Certeau, espaço é um lugar praticado.

<sup>134</sup> Lima, Iracilde Maria de Moura Fé et al. **Teresina Tempo e Espaço**. Teresina, 1997.

<sup>135</sup> *Ibidem*

<sup>136</sup> MORAIS, Maria Lima de. **Entrevista concedida à Cristina Cunha de Araújo**, Teresina, Junho. 2008.

Dona Maria, ao se referir ao modo como adquiriu seu terreno, revela a maneira como era praticada a venda das terras inicialmente. Com o decorrer dos anos essa atividade virou um negócio bastante rentável. Não havia no município leis que regulassem o uso e ocupação do solo, dessa forma, a venda dos primeiros lotes de terras naquela área ocorreram sem anuência municipal, sendo regida somente pelos donos das terras que, a seu modo, criavam as delimitações dos terrenos. Em 31 de agosto de 1978 a Lei de N: 1.591 foi sancionada “esta lei dispõe sobre a divisão do Município em Zonas de uso e regula o parcelamento, uso e ocupação do solo”.<sup>137</sup>

A lei também tratava da reserva dos espaços destinados ao desenvolvimento das diferentes atividades urbanas, impedindo conflitos entre as áreas residenciais e as sociais, além de estimular e orientar o desenvolvimento urbano. No seu Capítulo III, Art. 5º, diz o seguinte: “qualquer parcelamento do solo para fins urbanos, dentro da área urbana, só poderá ser realizado após prévia aprovação do plano pela Prefeitura e concessão de licença para sua execução”.<sup>138</sup> A deliberação dessa lei demonstra, mesmo de maneira tardia se considerarmos que o início dos loteamentos de terras não só na zona do Jockey, mas na cidade como um todo, que, desde meados de 60, estava ocorrendo um amplo processo de crescimento da zona urbana. A mesma lei que regulamentou os loteamentos na capital, estabelecendo critérios para caracterizar uma área urbana:

Para ser considerada urbana a área deveria possuir um dos seguintes equipamentos mantidos pelo poder público: meio fio ou pavimentação, com ou sem canalização de águas pluviais; abastecimento d’água; sistema de esgoto sanitário; rede de iluminação pública, com ou sem posteamento, para distribuição domiciliar, escola de 1º grau ou posto de saúde<sup>139</sup>.

Estabelecer normas para loteamentos e definir regras para as zonas urbanas demonstra a preocupação do Município em criar zonas de fato urbanas, conforme a classificação da lei citada. Torna-se uma preocupação constante na construção dos conjuntos habitacionais iniciadas em Teresina ainda no final da década de 1960, o interesse do Município em estabelecer regras para o aproveitamento do solo, permitindo o surgimento de espaços diversos dentro de uma mesma cidade. As ações do Município revelam-se em diferentes aspectos no bairro de Fátima, sendo que, nas memórias de algumas entrevistadas, elas ficam evidentes na liberação de transporte urbanos e iluminação para a Praça Nossa

---

<sup>137</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA, Secretaria Municipal de Planejamento, Departamento de Projetos e Urbanismo. (Prefeito Municipal Dep. José Raimundo Bona Medeiros)

<sup>138</sup> Ibidem

<sup>139</sup> Ibidem

Senhora de Fátima (inicialmente a iluminação era estrita àquele local), conseguida por meio de pedidos de representantes do Centro Social. As primeiras notícias veiculadas na imprensa a respeito de ações do Município no bairro de Fátima são referentes ao calçamento da avenida Nossa Senhora de Fátima:

Atendendo as reivindicações do novo bairro de Fátima a Superintendência de Urbanização e Obras Públicas da Prefeitura iniciou o trabalho de calçamento da Avenida de acesso àquele subúrbio. A medida foi oportuna tendo em vista que se aproxima a época chuvosa, quando aquela rua fica completamente alagada e intransitável. As obras foram iniciadas no lado esquerdo da rua e nos próximos dias serão feitas do outro lado<sup>140</sup>.

A imprensa registrou a ação do Município na principal avenida do bairro, após o início das obras do calçamento. A evidencia que a zona era denominada “subúrbio”, sendo também possível verificar que a obra ali iniciada pode ter sido um dos primeiros passos para o prolongamento daquela via. Este foi um caso específico, pois, como já mencionado, o conjunto de casas que compunham o Centro Social estavam dispostas no meio da referida avenida. O prolongamento desta foi consequência direta da construção do campus da Universidade Federal do Piauí no início da década de 1970. A localização do Campus naquele local já havia sendo pensada, desde a elaboração do PDLI, em 1969. Na época outras duas zonas da cidade foram sugeridas: Norte, Sul e a zona de expansão do Jockey Clube. Venceu a zona Leste pelo fato de estar passando por um processo de expansão.

### **3.4 A implantação do campus da Universidade Federal do Piauí no Ininga (UFPI)**

A construção do Campus da Universidade Federal do Piauí na zona Leste foi um marco urbanístico no desenvolvimento dos bairros Fátima e Jockey. Mesmo não sendo localizado em nenhum desses bairros, eles servem de vias de acesso para o campus já que, na época, não existia a ponte do bairro Primavera. O campus deslocou para a área uma série de investimentos em construção de casas e estabelecimentos comerciais e a presença de ações do Município sob a forma de pavimentação da área. Antes da construção do campus da Ininga, os cursos da UFPI funcionavam em locais separados:

[...] a Universidade funcionando com quatro unidades de ensino, com suas sedes espalhadas em diversos pontos da cidade, estando a faculdade de Direito localizada na Praça Demóstenes Avelino, a Faculdade de Filosofia na Praça Saraiva, a faculdade de Odontologia na Rua Rui Barbosa próximo ao Verdão e a Faculdade de Medicina na Av. Getúlio Vargas, próximo ao HGV o grande desafio seria a

<sup>140</sup> CALÇAMENTO. **Jornal O Dia**. Teresina, 19/20 de ago.1971.

construção de um Campus Universitário, a ser implantado em terreno de grandes dimensões, projetado para abrigar num só espaço, as presentes e as futuras unidades de ensino, o corpo administrativo. Complexo esportivo, áreas para instalações de hospitais<sup>141</sup>.

A viabilização do campus universitário teria a função de centralizar o funcionamento das faculdades em Teresina. A área onde está localizada a obra foi doada pelo governador do estado, Alberto Tavares Silva, ainda no seu primeiro mandato, em 1971-1975. A construção da sede da UFPI foi fruto de muitas discórdias no meio político local por conta de vaidades pessoais, porém não pretendemos aprofundar essa discussão já que este não é o foco desta pesquisa. O que pretendemos é observar as transformações na zona onde estão compreendidos os bairros pesquisados, ocasionadas pela construção daquela instituição de ensino. Uma das principais modificações realizadas no bairro de Fátima foi a pavimentação e prolongamento da avenida Nossa Senhora de Fátima, Em meio às intervenções da zona Leste no início da década de 1970 está o prolongamento e pavimentação da avenida Nossa Senhora de Fátima, que foi realizada no mandato de Joel Silva, segundo o qual, o prolongamento da avenida estava no mesmo pacote de outras nas proximidades hoje uma das principais vias daquele bairro. Até o início da década de 1970, a principal via do bairro era a Rua Angélica. A construção do Campus Ininga contribuiu diretamente para o aumento de moradores na área segundo Irlane Abreu:

[...] com isso, “abriu-se” um novo espaço residencial que, até então, era considerado área de lazer – chácaras principalmente – habitada por “ moradores de fins de semana” ou populações pobres que se aproveitavam dos espaços vazios para erguer casebres de “taipa”[...]cujos moradores não tinham, na maioria das vezes, documentos que lhes assegurassem a posse do terreno ou da habitação. Este “novo espaço” tornou-se extremamente valorizado, pois passou a ser vendido a preços cada vez mais elevados<sup>142</sup>.

Um novo perfil habitacional surgiu tanto no bairro de Fátima como no Jockey Clube, motivado pelas transformações na área, que muita gente procurava como moradia por se tratar de um local tranquilo e dotado de serviços urbanísticos. Os que se deslocaram para habitar a nova área são pessoas que residiam no centro da cidade e que possuíam terras no local, funcionários públicos federais que trabalhavam na UFPI e estudantes, principalmente aqueles que vinham de outras cidades do Piauí e até mesmo de outros estados. O mercado imobiliário passou então a investir em novas obras visando atender a esse público mais seletivo.

<sup>141</sup> DIAS, Cid de Castro. **Piauí Projetos Estruturantes**. Teresina: editora Alínea publicações, 2006.p.99

<sup>142</sup> ABREU, Irlane Gonçalves de. **O crescimento da zona leste de Teresina**. Um caso de Segregação? 1983. Tese (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

Nossa Senhora de Fátima, Homero (Castelo Branco), Jóquei e Dom Severino. Aí, já tivemos que contratar uma firma grande, foi a Queiroz Galvão que fez, porque não seria possível obter firma no Piauí, conseguir firma no Piauí pra fazer um trabalho desse. [Foi um conjunto de obras muito grande]. A que me deu mais trabalho, e eu devo tudo a compreensão do José Freire Falcão, foi a Nossa Senhora de Fátima, porque, em chegando na praça, o quarteirão seguinte era todo da igreja, e eu tive que demoli esse prédio da igreja pra seguir em linha reta até entrar dentro do campus universitário, [a igreja ficava onde hoje é a pista, bloqueava, ela precisou ser derrubada e construída um pouco depois]. Então, eu tive que incluir como despesa municipal o remanejamento de imóveis, de construção de imóveis com recursos próprios municipal. Dom José não me criou nenhuma dificuldade ele chegou a Teresina pouco antes de assumir a prefeitura e eu mantive os quatro anos de prefeito um relacionamento muito bom com Dom José Freire Falcão.<sup>143</sup>

A execução do projeto de pavimentação das avenidas citadas pelo então prefeito provocou uma ampla modificação espacial. Conforme relatos de alguns moradores, o projeto de Dom Avelar consistia em finalizar a avenida nos prédios do Centro Social de Fátima, com os veículos contornando o Centro, de modo que o projeto seria semelhante ao que existe na avenida Frei Serafim onde os automóveis contornam a igreja São Benedito. Os projetos de conclusão das avenidas citadas por Joel Silva modificaram a estrutura espacial dos bairros de Fátima e Jockey, sendo a abertura de outras avenidas no local, como as avenidas Dom Severino e Homero Castelo Branco, foi importante não apenas para dar acesso ao campus da Universidade, mas também para desafogar o movimento na Rua Angélica, que, até aquela data, era a principal via de acesso na região, por onde também era realizado o tráfego de transporte coletivo.

O campus da UFPI foi elemento primordial para o desenvolvimento do bairro de Fátima, isso porque a concretização da universidade naquele espaço selou o processo de desenvolvimento da área, fortalecendo a procura por moradia nas proximidades do campus, o que aumentou os preços dos terrenos. É a partir desse momento que as ações do Município vão se tornar uma constante naquela zona, e, aos poucos, mais especificamente nos bairros de Fátima e Jockey Clube provocando uma mudança do perfil habitacional do local.

### 3.5 E onde foram parar as casas de palha?

Quando cheguei aqui, isso tudo era mato, me diziam, sabe? Pessoas que estavam mais na frente, que aqui era curral de vaca, aqui tinham muito morador, tinha muita vacaria daquelas pessoas que moravam depois da ponte para lá da ponte, para cá só era mato, às vezes lá uma casinha velha de palha de taipa, era assim<sup>144</sup>.

<sup>143</sup> RIBEIRO, Joel da Silva. **Depoimento Concedido a Francisco Alcides do Nascimento, Laércio Barros Dias e a Regianny Lima Monte**. Teresina, 2006.

<sup>144</sup> SILVA, Estefânia Pereira da. **Entrevista concedida à Cristina Cunha**. Teresina, junho 2008.

Fátima teve seu povoamento iniciado por moradores-trabalhadores de chácaras e vacarias, pessoas simples que construía suas casas em terras alheias. Eram casas de palha, sem nenhum luxo, pois se tratava de pessoas humildes. Os anos foram se passando, e na área mais conhecida como zona do Jockey Clube cresceu o número de moradores, que em 1960, já era de 1.109<sup>145</sup>. A nomeação de padre Isidoro, em 1957, por Dom Avelar como Assistente Eclesiástico de Fátima tornou as missas na capelinha regulares. Tal fato evitou que os moradores dali continuassem a se deslocar para a Vila Operária para assistirem às missas. Essas melhorias permitiram também a fixação de pessoas no bairro, as quais tinham nas ações da Igreja Católica alguns benefícios, além da criação do Centro Social. Tempos depois, as casas de palha e de chão batido passaram a contrastar com as novas residências de concreto que começavam a despontar no bairro, tornando-se maioria após a construção do campus universitário.



Fotografia 12: Residência da zona Leste de Teresina  
Fonte: Jornal O Dia. Teresina, 24 de abr. 1975<sup>146</sup>.

A penetração de novos moradores ocasionou não somente o contraste de residências como podemos observar na imagem da fotografia 12, mas também o aparecimento de um novo tipo de moradia agora em concreto e alvenaria, sendo bastante diferente das casas de palha que existiam no bairro. A procura por terrenos provocou o deslocamento de pessoas que moravam em terras sem nenhum documento que comprovasse sua posse ou daqueles que vendiam seus terrenos por vontade própria. Segundo dona Maria Lima, moradora do bairro de Fátima,

<sup>145</sup> LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé et al. **Paróquia de Fátima Sua História, Sua gente**. Teresina: Halley S. A., 2003.

<sup>146</sup> ZONA Leste cresce e aumenta a especulação imobiliária. **Jornal O Dia**. Teresina, 24 de abr 1975.

Quando os ricos começaram a ver o bairro de Fátima, que ele ia levantar, foi crescendo, aí o pessoal enxergaram nesse bairro mais próximo da cidade, aí começaram a botar para comprar os terrenos de quem tinha, e o povo se iludiu e começaram a vender os terrenos e ia morar no planalto. O planalto tinha muita área, diziam até que não tinha dono. Eu dizia: não sei aonde vocês vão parar, dizendo que esses matos aí não têm dono, aí vendiam os terrenos aqui e iam para o planalto, construía uma barraquinha e iam morar para lá, iam melhorando as casinhas deles e assim muita gente foi embora daqui. Aí iniciou a construção de outros bairros, como Dirceu, Mocambinho, que foi começado tudo num tempo só, e aí começarão a vender e ir embora.

Bastava o pessoal botar para comprar, teve muita gente que vendeu e foi embora para o planalto, e outros foram embora para o Mocambinho, no tempo que começou, porque lá não era assim: lá tinha um sorteio. Quando as casas estavam prontas, sorteava aquela pessoa. O meu ,eu mesmo eu não quis vender, meus filhos diziam: ora mamãe, a gente vende esse terreno aqui e compra um carro, nós compramos um pedaço de terra lá no planalto e fazemos uma casa, nós botamos uma quitanda para ganhar dinheiro. Porque aqui o meu é 17,5 m de frente e 40 de fundo; eu não, eu não vou não, enquanto eu puder viver aqui, eu vivo, se eu não puder viver aqui, aí eu vou procurar um lugar mais arrumado para morar, mais enquanto eu puder eu moro aqui. Mas muita gente vendeu seu terreno aqui e gastou o dinheiro e foi morar nos terrenos alheios, aí o dono chegou e tomou o terreno. Teve muita gente que ficou com as mãos na cabeça, aí foi onde entrou a Prefeitura, que foi tomar conta de agasalhar o povo. Foram abrindo mais espaço, foram acomodando o povo, a maior parte deles que foi acomodada primeiro era porque não tinha onde morar porque moravam por aqui e foram morar nos terrenos alheios, quando os ricos encheram aqui o bairro de Fátima. Eles moravam no centro, e vinham morar para cá. Quando chegou aqui que completou, que ninguém queria vender seus terrenos, aí enxergaram o planalto, aí foi onde a Prefeitura entrou para fazer mais bairro, para acomodar o povo<sup>147</sup>.

A ocupação do bairro de Fátima após a instalação da UFPI no bairro Ininga deu-se, conforme os relatos de dona Maria, devido às constantes vendas de lotes de terrenos de moradores que já residiam no bairro e achavam que valia a pena vender as terras e ir morar em outro local. As empreitadas diversas terminavam por seduzir aqueles que tinham quaisquer dúvidas na venda, sendo que o destino dessas pessoas que saíam do bairro de Fátima, conforme a lembrança de Lima, foi inicialmente para o Planalto Ininga e, posteriormente, para os conjuntos habitacionais que estavam começando a ser construídos na periferia de Teresina, como o Parque Itararé (mais tarde denominado Dirceu Arcoverde), Promorar e Mocambinho. Embora não esteja expressado na fala de dona Maria, as pessoas que saíam do bairro de Fátima para morar nos conjuntos habitacionais construídos pela COHAB iam em busca também de moradias servidas de equipamentos urbanos, como água, luz, esgoto, calçamento, ou seja, um local dotado de infraestrutura que proporcionasse uma vida mais confortável.

As modificações implementadas no bairro de Fátima, desde os primórdios de seu povoamento provocaram uma completa descaracterização do antigo aglomerado de pequenas

---

<sup>147</sup> MORAIS, Maria Lima de. **Entrevista concedida à Cristina Cunha de Araújo**. Teresina, junho 2008

casas cobertas de palhas. Tais modificações são fruto do processo urbanístico que teve nas décadas de 1950 e 1960 seu processo acelerado por conta das constantes migrações que ocorriam naquela época. Esse processo de mudança na vida das pessoas provocou novos modos de sociabilidades que eram encontrados preferencialmente na cidade, e Teresina, como não poderia ficar à margem desses eventos, procurou redesenhar seu espaço urbano, que tinha como limites os rios Parnaíba e Poty. Segundo Façanha (1998),

[...] estava delineado, assim, o surgimento de uma nova área de ocupação na cidade a qual, entre as décadas de 70 e 80, foi marcada pela existência de áreas residenciais de populações de alto poder aquisitivo, e pelo surgimento de vários conjuntos habitacionais<sup>148</sup>.

Estava selado o desenvolvimento urbano do bairro as décadas 1970 e 1980, principalmente de 70, o que foi essencial para a consolidação do bairro como um espaço de moradia dotado de elementos urbanísticos oferecidos aos moradores, passando a ser habitado por uma classe habitacional proveniente de outros pontos da cidade, como também de outras cidades que procuravam o bairro pela construção do Campus da UFPI. Após o prolongamento da avenida Nossa Senhora de Fátima, começaram a surgir condomínios financiados pela Caixa Econômica Federal, os quais atendiam a um novo grupo que se deslocava para ali. Dentre os muitos destacamos conjuntos destacamos, a “cidade Jardim”

Na cidade jardim você vai sentir o prazer de ser um dos primeiros a descobrir um novo sentido de morar com exclusividade e requinte lá você vai poder encontrar seu mundo de tranquilidade, realizar o sonho de viver em paz com a natureza.  
(...) Na cidade jardim você tem o direito de escolher sua casa entre um dos 3 modelos.... Um lugar virgem que espera você de braços abertos. A cidade jardim esta localizada no final da Avenida Homero Castelo Branco, pertinho da FUFPI, com acesso rápido.<sup>149</sup>

Os compradores tinham três opções de casas, e a escolha dependia da situação financeira de cada morador. A nota publicitária deixa claro que a área próxima ao Campus da UFPI estava sendo povoada por um grupo seletivo, sendo muitas as vantagens de residir na zona Leste, pois esses condomínios sempre traziam consigo urbanização e segurança.

As novas edificações que aos poucos foram materializando a nova paisagem do bairro afetaram também as moradias daqueles antigos moradores que resistiram aos assédios dos compradores e permaneceram no bairro. Essas pessoas aos poucos foram reformando suas

<sup>148</sup> FAÇANHA, A. C. **A evolução urbana de Teresina:** agentes, processos e formas espaciais na cidade. 1998. Tese (mestrado em Geografia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

<sup>149</sup> CONDOMÍNIO Cidade jardim. **Jornal O Dia**, Teresina N: 7.369. Ano XXX p.5, 29 de ago. 1981.

residências, sendo palhas e barro substituídas por tijolos, alvenarias e telhas. Além dos condomínios, outros estabelecimentos foram sendo implantados no bairro, como o supermercado Pão de Açúcar; butiques; escolas públicas, como a Unidade Escolar Professora Maria de Lourdes Rebello e Unidade Escolar Darcy Araújo; boates sendo que uma das mais conhecidas era a Boate Matrinchan; restaurantes tradicionais, o Beliscão, e farmácias, os quais foram aos poucos sendo responsáveis pelo desenvolvimento urbano do bairro. A resistência e permanência de alguns dos antigos moradores do bairro, como aqueles que nós entrevistamos, contrastam com os que foram deslocados do centro da cidade para a abertura de vias como a avenida Miguel Rosa e José dos Santos e Silva na década de 70. A permanência dos moradores de Fátima contrasta também com as catástrofes em nome da modernidade nos meados da década de 40 na avenida Frei Serafim<sup>150</sup>, quando casas de palhas eram queimadas, forçando as pessoas a se deslocarem para outros pontos da Teresina.

### 3.6 O deputado e o hipódromo

O desejo de ter uma vida dita moderna não está vinculado somente a usufruir de elementos materiais como automóveis e equipamentos eletrônicos. Foi assim que a sociedade local começou a experimentar as “maravilhas modernas”, como a luz elétrica, implantada no estado em 1914; o telefone e o bonde, na segunda metade do século XX. A iluminação elétrica viabilizou novos hábitos de sociabilidades, como os passeios noturnos, que foram se tornando muito comuns na sociedade teresinense na primeira metade do século XX, e o uso do bonde, despertando o desejo de participar das práticas das vivências modernas. E estar inserido neste processo, segundo Marshall Berman, “é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor”<sup>151</sup>. Teresina, no início, prometia muitas mudanças, e o desenho de seu traçado urbano despertava nas pessoas o desejo de desfrutar de equipamentos modernos, sendo que foi com esse desejo de usufruir do novo que alguns membros da sociedade local decidiram fundar o Jockey Clube de Teresina.

Imbuído de experimentar hábitos modernos o deputado Coronel Major Otávio Miranda lançou a pedra fundamental de construção da pista de corrida de cavalo do Jockey

<sup>150</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

<sup>151</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar** – a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Clube, em 1952. A imprensa local registrou o local escolhido para a construção da pista como um espaço dotado de muitos benefícios

[...] a pista de corridas de cavalos será construída, ao transpor a ponte à margem direita do rio Poti, no seguimento da Av. Frei Serafim. O local é um dos melhores, pois preenche os requisitos indispensáveis e dista, contados da Praça Pedro II, apenas 3 km do centro da cidade. Por outro lado, há a facilidade de transporte até suas proximidades, através do serviço de ônibus que serve a Piçarra e que, futuramente poderá ser estendida até a porta principal do Hipódromo<sup>152</sup>.

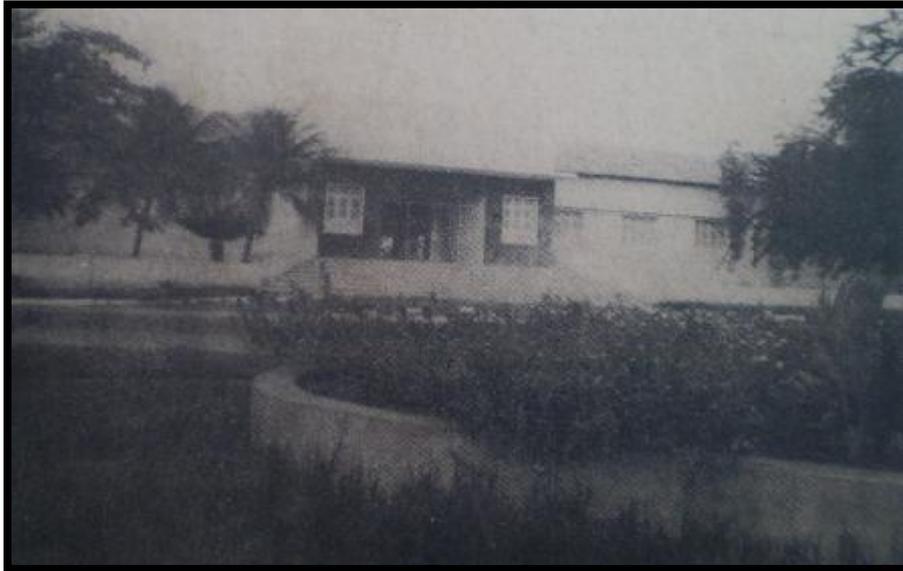
O deputado Otávio Miranda era proprietário de terras naquela região, e a pista inicialmente era aproveitada por praticantes do turfê, sendo que com o passar dos anos e os acertos da pista, vieram cavalos até mesmo da Argentina. O hipódromo se localizava numa área de 40 hectares, com duas pistas circulares, sendo que uma delas tinha extensão de 1500 metros. Como foi mencionado inicialmente, o hipódromo estava localizado na margem direita do Rio Poti, mas, com o decorrer dos anos, foi edificado uma sede esportiva, a qual foi destaque do Guia Turístico de Teresina de 1959:

Situada em local apazível, a distância de menos de um quilômetro do centro da cidade, é dotada de todos os requisitos para o conforto dos que a freqüentam, dispondo de Bar-restaurant completo, salão de dança, piscina com as dimensões de 25 x 12,5m e capacidade de 900 000 litros de água tratada, parque infantil<sup>153</sup>.

Diferente do hipódromo, a sede social foi edificada um pouco mais próxima das margens do Poty, próxima também a BR-343. O clube do Jockey Clube, como foi chamado, foi erguido bem nos limites geográficos do bairro de Fátima, num local ainda desprovido de quaisquer infra-estrutura.

<sup>152</sup> O JÓCKEY Clube será localizado. **Jornal do Comércio**. Teresina, ano VI. n: 972, p.1, 09 de out. 1952.

<sup>153</sup> MARTINS, Edilberto. **Guia Turístico de Teresina 1959**. Teresina, gráfica do IBGE, 1959.



Fotografia 13: Sede social do Jockey clube<sup>154</sup>  
Fonte: Jornal O Dia

Contando com uma grande quantidade de sócios, membros da sociedade local, o Clube influenciou os hábitos de lazer daquela classe social que tinha no Clube dos Diários o principal espaço de lazer. A sede social do Jockey Clube dispunha de alguns atrativos como piscina, bar e um restaurante que também era aberto para não sócios do clube.

Nos anos 50 e 60, a cidade carente de espaços de lazer, sendo o, mas badalado e freqüentadoo Clube dos Diários. Complementando esse quadro havia as Praças Pedro II e Rio Branco. Conforme um cronista de um dos periódicos locais, a capital não dispunha, naquela época, de restaurantes sofisticados, e, evidenciando insatisfação, ele faz solicitação de ambientes aptos para atender a um público seletivo, que, a cada dia, ansiava por ambientes que lhes disponibilizassem serviços de boa qualidade. A nota que segue demonstra um pouco sobre esse desejo de alguns membros da sociedade local no período:

Teresina já podia ter bons restaurantes. Nestes últimos anos grande tem sido a afluência de visitantes, procedentes de todas as partes do Brasil, ora trazidos por interesses comerciais, ora por interesses públicos. Se já contamos com a pobreza dos nossos restaurantes. E temos aqui meios de desenvolver bem esta atividade... Mas se a gente vai a um restaurante da terra a coisa é sempre a mesma: bife ou filé, peixe ou galinha, é isto, sem nenhum toque de bom gosto, sem nada que possa despertar o apetite pela própria apresentação dos pratos servidos. Por outro lado, ressentem-se esses restaurantes de bom serviço, boas adegas, boas instalações. E nem se pode dizer que a atividade seria deficitária, pois o que sempre vemos são os restaurantes cheios, bem freqüentados.<sup>155</sup>

É possível perceber a insatisfação do cronista com o precário serviço oferecido pelos restaurantes locais. Conforme a nota, os mesmos eram carentes de um bom cardápio e de

<sup>154</sup> SEDE Social do Jockey clube. **Jornal O Dia**. Teresina, ano: XXX, n:7.769, p.1, 07, 08 de fev. 1982.

<sup>155</sup> RESTAURANTES. **Folha da Manhã**. Teresina, ano VII, n. 1626, p.1,09 de out.1963.

criatividade no preparo do arranjo de servir, frutos não da falta de qualificação dos profissionais e dos próprios estabelecimentos, mas talvez da conformidade dos frequentadores. O cronista vai além, afirmando que nem mesmo o constante fluxo de frequentadores vindos de outros lugares fazia com que os restaurantes melhorassem.

Por meio de notas como essa fica claro o desejo de parte da sociedade local em usufruir de serviços equiparados aos dos grandes centros: nesse sentido, a fundação do hipódromo do Jockey está associada às constantes viagens que o coronel Otávio Miranda fazia a grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro. Desfrutando destes espaços, surge o desejo de criar semelhantes em Teresina.

[...] o Jockey Clube do Piauí foi fundado e está sendo organizado e instalado com três objetivos. 1º criar um centro de incentivo à equinocultura em nosso estado; 2º criar um centro esportivo-social, onde a nossa população tenha divertimento sadio e possamos os nossos homens através de contato mais íntimo compreender-se melhor; 3º estabelecer através do intercâmbio que forçosamente de promover maior conhecimento e compreensão entre as cidades do interior e da capital<sup>156</sup>.

Com ampla e diversificada programação diária, o clube tornou-se responsável por novos hábitos de lazer na cidade e responsável por uma nova configuração espacial do bairro pelo fato de estabelecer um espaço além da margem esquerda do rio Poty. O local onde foi erguido o clube foi escolhido, dentre outros motivos, pelo fato de situar-se em uma área tranqüila, de clima ameno e próxima ao centro. Além de festas, o clube servia de ponto para encontro de jovens intelectuais e políticos locais que procuravam o clube para encontrar os amigos, conversar e desfrutar do famoso restaurante local. Em nota um cronista destaca as qualidades do restaurante. Além do clube, outros estabelecimentos começaram a se instalar na área, como se destaca: “agora em Teresina Saúna, novas instalações funcionando às segundas, quartas e sextas. Avenida João XXIII, nº 243, bairro Jockey clube”<sup>157</sup>. A nota trata de um estabelecimento de ginástica que estava sendo instalado na capital, sendo o bairro Jockey, que estava em processo de consolidação, eleito para sediar tal empreendimento.

Viabilizar o gosto pelo esporte, criar um novo espaço social e promover maior integração esportiva e social entre as cidades do estado serviram de propósito para o desenvolvimento do local. Percebemos nesta prática um interesse dos responsáveis pelo clube em educar a sociedade teresinense acerca do esporte praticado no clube. Para além das corridas de cavalo, o local passou também a realizar tertúlias, festas carnavalescas e bailes dançantes, com a presença de misses e cantores locais em intensas atividades.

<sup>156</sup> JÓCKEY clube. **Jornal do Comércio**. Teresina, ano. VI, n.983,p.1, 28 de dez. 1952.

<sup>157</sup> SAUNA. **Jornal O Dia**. Teresina, 12 mar. 1970.

A ampla badalação no meio social e as temporadas de corridas de cavalo fizeram do Jockey um espaço de lazer para parte dos teresinenses. A nota anterior deixa evidente a satisfação do cronista com a instalação do clube e dos serviços oferecidos no local, sendo que, em parte, essa satisfação é resultado do desejo de membros da elite local de desfrutar de formas de lazer praticadas em outras grandes capitais, o que configura o desejo de fazer parte da modernidade. Nos primeiros anos do clube, a prática de corrida de cavalos era freqüente. Seu Gonzaga, funcionário aposentado e morador do bairro Jockey Clube, faz a seguinte descrição do local:

[...] ali ficou a sede. Tem a cara de um cavalo bem na frente da sede. Quem passa é só olhar que vê. Tem o pescoço de um cavalo, lá na sede, pode reparar, tem uma placa fazendo assim (...) com o pescoço do cavalo. Quem for curioso pode reparar, que tem a vista boa, rapaz é lá está a placa quando vai entrando assim, desse lado, para dobrar assim ,tem uma.Eles abriram um portão lá dentro,a gente via a cabeça do cavalo, olha a placa, mesmo assim, Jockey clube aí no tempo que tinha corrida de cavalo e pegava e botava o pescoço dos cavalos aqui[...] tinha piscina para quem chegasse para banhar com as crianças. Era um clube muito chique. Quando era alguém rico, vinha casar aí no Jockey clube, vinha gente do centro só para casar aí. Ainda hoje tem gente que casa aí<sup>158</sup>.

Nas lembranças de seu Gonzaga, o clube era um ambiente chique, freqüentado por pessoas de posse. Para ele um elemento se destaca na composição da fachada do clube, a existência de uma cabeça de um cavalo que caracteriza bem o Clube como um espaço de lazer ligado a prática do turfe. O local, ao longo dos anos, foi se tornando o que Pierre Nora denomina de lugar de memória: “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais”<sup>159</sup>. Na lembrança de seu Gonzaga, o clube hoje é apenas um resto de uma lembrança de um passado que ele busca vez por outra e torna-se mais vivo quando observa os restos do clube que ele conheceu no passado, junta e ativa fragmentos de sua memória para descrever aquele local que ele considerava “muito chique”.A venda de terrenos inicialmente destinada aos sócios ou não sócios, vez por outra, era anunciada em jornais, como o que segue : Lotes de 10x30 por Cr\$ 20.000,00 na quinta de J. Sinibú – bairro “ Jockey clube” lotes para granjas

<sup>158</sup> GONZAGA, Francisco Luis. **Entrevista Concedida à Cristina Cunha de Araújo**, Teresina, ago. 2008.

<sup>159</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **projeto história: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP.**(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, 1981.

com um hectare por Cr\$ 20.000,00 na ladeira do Uruguai, lado esquerdo da rodovia Teresina-Altos, a 4 Km da ponte do poty<sup>160</sup>.

A venda de terras somente para sócios do clube revela de certa forma o tipo de morador que se queria ali, pois os associados eram pessoas exclusivamente de classe média e alta<sup>161</sup>. As vendas se deram inicialmente sem nenhum tipo de orientação do Município, sendo feitas praticamente pelos proprietários. Um deles foi: o próprio Otávio Miranda, que loteou muitos terrenos naquele local, sendo também responsável pela construção de um conjunto habitacional localizado no bairro São Cristóvão destinado a funcionários públicos estaduais. Esse o conjunto foi financiado pelo IAPEPI<sup>162</sup>.

Ao contrário do que assistimos em outras áreas de Teresina, segundo trabalho de Alcides Nascimento a zona Leste não passou pelo processo violento e arbitrário da queima das casas de palha em nome da modernidade. Na Zona Leste, as primeiras residências de palha e adobe pertenciam aos moradores dos antigos sítios, que eram também os mais pobres e, por isso mesmo, os mais vulneráveis às tentadoras possibilidades de ganho com a venda de seus terrenos a alto custo, devido à especulação imobiliária. Entretanto, os que resistiram ao apelo, de algum modo, também se beneficiaram com os serviços de infra-estrutura que, pouco a pouco, chegavam ao bairro, absorvendo a idéia de modernidade e materializa paulatinamente, obras nas suas habitações, de modo a alterá-las para residências de alvenaria e telha. A crença na redenção do progresso parece ser algo inerente à sociedade, segundo Montaner<sup>163</sup> desse modo, se o grupo não usufruí dessa categoria denominada modernidade, sente-se apartado da existência.

### 3.7 O bairro Jockey Clube

A cidade é formada por diferentes agentes que são agregados ao seu desenho de diversas formas. A heterogeneidade da urbe surge a partir dos diferentes processos de formação. Acerca disso Aldo Rossi destaca importância dos elementos primários: “A união desses elementos (primários) com as áreas em termos de localização e de plano e de construção, de permanências de plano e de permanências de edifícios, de fatos naturais ou de fatos construídos, constitui um

<sup>160</sup> TERRENOS a venda em Teresina. **Jornal Folha da Manhã**. Teresina, ano VI, n. 1.618, p.2, 01 de out. 1963

<sup>161</sup> Para maiores esclarecimento sobre o nível social dos moradores do Jockey ver ABREU, Irlane Gonçalves de. **O crescimento da zona leste de Teresina**. Um caso de Segregação? 1983. Tese (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

<sup>162</sup> Ibidem

<sup>163</sup> MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona: editorial Gustavo Gili, 2001.

conjunto que é a estrutura física da cidade”<sup>164</sup>. Rossi ressalta a existência dos elementos primários, que funcionam como núcleo de agregação de elementos que vão sendo ou não convertido na formação e desenvolvimento da urbe. Podemos dizer que os elementos primários são fatores de atração para o desenvolvimento de um espaço qualquer, e atreladas a eles estão as diversas ações dos indivíduos que vão tecendo outros elementos secundários, de modo a formar diferentes espaços nas cidades.

A junção de elementos primários a outros é concretizada pelas ações do homem na configuração do espaço que ele tenta construir para aproveitar diferentemente. Em meio aos elementos que compõem a cidade estão os bairros, que são formados de diferentes maneiras. No Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina<sup>165</sup>, o poeta descreve a cidade que conheceu quando criança e adolescente, sendo que, hoje, homem maduro, percebe que aquela cidade que ele guardava nas lembranças tecidas nas diferentes fases da sua vida não existe mais. Irlane Abreu<sup>166</sup>, dissertando sobre suas memórias de infância, desenha uma cidade com costumes bem interioranos: as feiras que aconteciam no mercado do Cajueiro, as transações comerciais praticadas no cais do rio Parnaíba, as brincadeiras noturnas, as festas escolares, os festejos da Padroeira Nossa Senhora do Amparo, as ruas calmas, pouco iluminadas, onde as crianças corriam sem qualquer receio de violência. Os anos, na capital piauiense, segundo Irlane, transcorriam sob o signo do previsível, e a cidade pacata seguia praticamente o calendário das diferentes estações do ano. A cidade, pacata da juventude do poeta e a urbe movida pelo signo do previsível, da infância de Irlane Abreu não existem mais; o que há são fios de memória. A urbe que o poeta desenha e lembra com nostalgia no presente é uma cidade repleta de edifícios a qual, em quase nada se assemelha à Teresina de sua juventude.

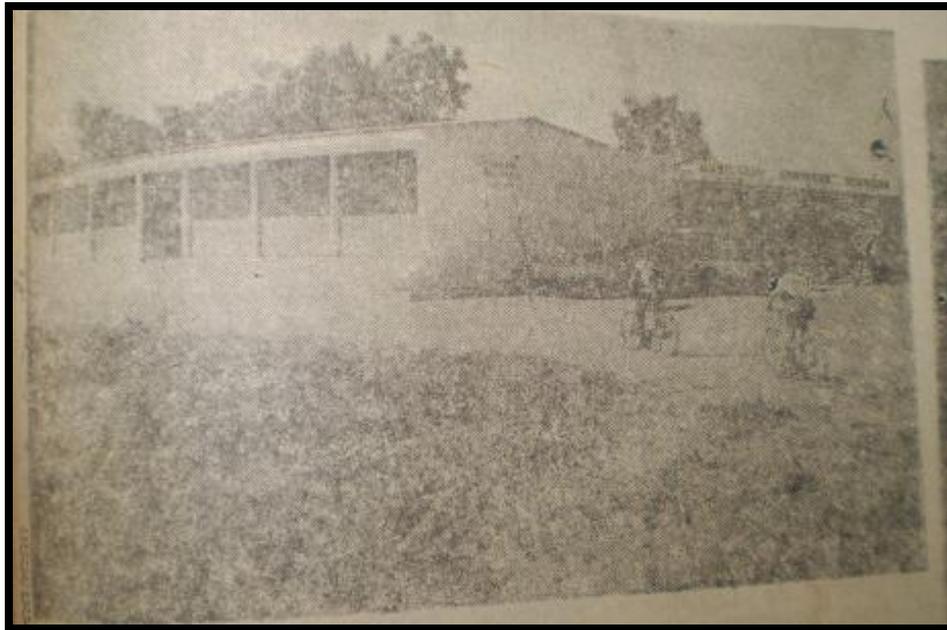
A aceleração da modificação do espaço de Teresina na década de 50 é reflexo das ações dos diferentes agentes, como já dito em outro momento. O centro da capital expande suas atividades, e isso se reflete nos bairros, que, de certa forma, acabam recebendo e agregando pessoas ou elementos resultante das constantes transformações. O bairro aqui estudado é fruto inicialmente de ações de particulares, as quais acabam disseminando as ações do poder público. Uma dessas primeiras iniciativas do poder público no Jockey, segundo as fontes hemerográficas, ocorreu com a edificação de um mercado público, o Mercado Municipal Domingos Monteiro,

<sup>164</sup> ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**: tradução Eduardo Brandão. 2º Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>165</sup> DOBAL, H. **Obra Completa II**. Prosa. 2 ed. Teresina: Plug, 2007.

<sup>166</sup> ABREU, Irlane Gonçalves de. **Teresina revisitada**: Lembranças da cidade. In: **Scientia et spes**: revista do Instituto Camilo Filho. Teresina: ICF, 1, n.2, 2002.

construído no ano de 1967. O mercado do bairro não impediu que as pessoas se deslocassem para o mercado velho, no centro da cidade, à procura de alimentos e utensílios que não havia no pequeno Mercado Municipal do Jockey Clube. Um fato chamou muito a nossa atenção: nenhum dos entrevistados, quando solicitados a falar sobre o mercado, o guardava em suas memórias, porém, pesquisando nas fontes hemerográficas, encontramos por mais de uma vez registros sobre o referido mercado. Esse “esquecimento” do Mercado Municipal pelos moradores nos remete ao que Michael Pollak denomina de memória em disputa<sup>167</sup>. O silêncio de nossos entrevistados sobre o mercado municipal do bairro Jockey Clube é rompido com os registros das fontes escritas que evidenciaram por mais de uma vez, a existência do estabelecimento. A única referência de mercado que os entrevistados guardam é sobre a Cobal, como era conhecido o estabelecimento onde funcionava o antigo mercado municipal, na rua Angélica, próximo à atual avenida João XXIII. Atualmente, no referido local, existe o Espaço da Cidadania. A Cobal era um centro de abastecimento de frutas, verduras e legumes, evitando assim que os moradores se deslocassem para o CEASA ou mercado central.



Fotografia 14: Fachada do Mercado do Jockey Clube<sup>168</sup>.

Fonte: Jornal O Dominical.

Construções como a do mercado foram importantes para que outros investimentos se tornassem viáveis. Na fala do Sr. Gonzaga, percebemos essa importância quando relata as

<sup>167</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2,n.3, p.3-15, 1989.

<sup>168</sup> FACHADA do Mercado do Jockey Clube. **Jornal O Dominical**. Teresina, 15 de mar. de 1967

dificuldades que passou para adquirir seu lote de terra. Mesmo com a existência do mercado no bairro, era muito comum o deslocamento de pessoas que viviam do comércio para o mercado velho com a finalidade de vender seus produtos, o que acontecia geralmente ao “raiar do dia”. A ida dos feirantes se tornou um problema para o tráfego na ponte, já que o movimento se tornava intenso, segundo reportagem de um periódico local. O problema estava no fato de os feirantes transportarem as mercadorias em bicicletas ou jumentos e, conforme a reportagem, o tráfego de tais meios de transporte na ponte Juscelino Kubistchek provocava acidentes e congestionamentos. O redator da nota vai além e sugere a proibição do tráfego de tais transportes na ponte, alegando que Teresina era uma cidade grande e desenvolvida para se submeter a tais práticas, segundo ele, os feirantes deveriam procurar o Mercado Municipal do Jockey<sup>169</sup>. Novamente, na fala do cronista percebemos a insistente tentativa de introduzir forçadamente práticas modernas<sup>170</sup> para uma rotina que em nada se aproximava do idealizado cenário da modernidade.

A materialização de edifícios como o mercado colaborou para a abertura de ruas e a construção de chafarizes para atender à população local. Ainda na década de 1970, foi construído um poço tubular nas proximidades da atual avenida Homero Castelo Branco, todavia o que deveria ser uma solução para a população tornou-se um grande problema, porque a água do poço era muito acida, portanto imprópria para ser ingerida. Servia apenas para lavar roupa, segundo a opinião de um dos moradores do bairro da época<sup>171</sup>, conforme relata o jornal.

Na busca por informações que nos ajudassem a conhecer o processo de formação do Jockey, tivemos dificuldades de encontrar pessoas que pudessem de alguma forma nos dizer algo sobre os primeiros tempos do lugar, assim, tivemos que trabalhar com aquilo que esteve ao nosso alcance. Em conversa com Sr. Francisco sobre sua chegada ao bairro, ele relatou o seguinte:

[...] eu encontrei muita dificuldade e como todos que chegaram por aqui, porque aqui tudo era mato. Esse terreno que lotearam para vender e todos nós que moramos por aqui todo tempo, comprado a dinheiro vivo e ele, depois que pagava, ele dava o certificado, o meu ainda hoje eu tenho meu. Meu nome é Francisco Luiz Gonzaga, e o nome de minha esposa é Francisca Luiza da Silva Gonzaga. Este meu terreno aqui eu comprei por meio do DNER porque eu era funcionário. Muitos conhecidos meus também compraram terreno também porque trabalhavam no DNER, aqui nós fomos uns vinte e tantos.<sup>172</sup>

O Sr. Gonzaga é maranhense, e veio para o Piauí no início dos anos 1960. Inicialmente morou no bairro de Fátima, em terreno que não era seu. Como é funcionário aposentado do

<sup>169</sup> ANIMAIS causam perigo. **Jornal o Dia**. Teresina, 27 de fevereiro de 1975.

<sup>170</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço – tempo na Metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

<sup>171</sup> POÇO não soluciona problema. **Jornal O Dia**. Teresina, 03 de julho de 19670.

<sup>172</sup> GONZAGA, Francisco Luis. **Entrevista concedida à Cristina Cunha de Araújo**. Teresina, ago. 2008.

DNER (Departamento Nacional de Estrada e Rodagem), hoje DNIT, o emprego garantiu –lhe a compra de um pequeno lote de terra. Inicialmente comprou um lote de 10x40 no Jockey Clube, na rua Senador Arêa Leão, ele não ficou satisfeito com o negócio, então conseguiu outro na rua Matias Olímpio, o qual era maior e mais próximo da BR-343. A facilidade na efetivação da compra, segundo o Sr. Gonzaga, deu-se por ele, na época, ser funcionário do DNER, o que facilitava, pois havia muitos proprietários daquela região que venderam terras para aquelas pessoas, pois sabiam que tinham uma garantia para pagar. Na sua fala acima de seu Gonzaga ele destaca um pouco das dificuldades que ele e outros conhecidos que enfrentaram ao chegar naquelas terras repletas de “caça do mato” como alguns colegas de trabalho se referiam ao local onde ele morava e mora até hoje com sua esposa. As dificuldades enfrentadas para construir a casa foram muitas já que eles não dispunham de muitos recursos, então ele a construiu por partes, a cada dia. Quando chegava do trabalho, fazia o que conseguia e o que o corpo lhe permitia, pois vinha de um longo dia de atividade. A fala do Sr. Gonzaga, de certa forma, mostra que aos poucos o povoamento do bairro vai se afastando das proximidades da sede social do Jockey, haja vista que nosso entrevistado comprou seu terreno bem próximo à atual BR-343, na estrada de Altos, assim as veredas aos poucos vão dando lugar a ruas.

Quanto às melhorias na infra-estrutura do bairro, Sr. Gonzaga relata que demorou muito. A primeira se refletiu no calçamento da rua que a Prefeitura iniciou muito tempo depois, sem que o serviço tenha sido feito por completo. Conforme dona Francisca Luiza da Silva Gonzaga<sup>173</sup>, o Município efetuou as primeiras intervenções: o calçamento era feito apenas no centro da rua, sendo que o acabamento na lateral, próxima à calçada, era de responsabilidade dos donos das residências. Em relação a luz elétrica ela diz :

Nossa casa era de taipa, depois foi que nós construímos essa daqui. Depois dessa daqui foi que chegou luz para nós. Primeiro nós puxamos luz só até aqui, depois foi que nós puxamos para lá. Eles não queriam, diziam que a Prefeitura só puxava luz para casa de tijolos, e nossa casa era de taipa, então eles não queriam puxar. E aí puxou a fiação por cima de nossa calçada<sup>174</sup>.

Dona Francisca relata que a energia só era para casa de tijolos, mas, com muita “luta”, conseguiu levá-la até sua residência. A fala da entrevistada evidencia a dificuldade e demora dessa energia que, inicialmente, foi colocada nos postes de madeira, sendo que, após muita demora, concluíram o serviço, colocando a fiação e transportando até as residências. Outro ponto destacado tanto por dona Francisca quanto pelo Sr. Gonzaga era a dificuldade na

---

<sup>173</sup> GONZAGA, Francisca Luiza da Silva. **Entrevista concedida à Cristina Cunha de Araújo**. Teresina, ago. 2008.

<sup>174</sup> Ibidem

compra de suprimentos alimentares e o serviço de transporte coletivo. Como ele era funcionário do DNER, fazia suas compras mensalmente na Cooperativa dos funcionários da empresa, a qual se localizava na avenida Frei Serafim, próximo ao antigo seminário menor, onde atualmente funciona o Centro Pastoral Paulo VI. A mercadoria era colocada em um saco e transportada na “cabeça” até a casa dos Gonzagas, pois não havia serviço de transporte para o bairro. Os primeiros veículos coletivos a circularem pelo local foram as “kombis” que vinham do centro e passavam pela atual Avenida João XXIII. Outra construção que serviu de desenvolvimento para aquele local foi a pavimentação dessa avenida, à qual várias edificações foram sendo agregadas, como a sede da Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB) e o posto Poty, ambos do início da década de 1970.

Novamente o projeto da cidade institucionalizada, com a tentativa de criar espaços modernos que tentam engessar o bairro, priorizando nele uma categoria social – a elite – promotora e usufruidora dos benefícios, não funciona. Nas figuras de dona Francisca, senhor Gonzaga, dona Maria Lima e outros tantos moradores, percebemos a persistência de continuarem no local onde possuem seus próprios códigos, materializando a invisibilidade de Calvino<sup>175</sup>, a qual possibilita vários locais em um só. Desse modo, as medidas municipais que buscaram excluir do bairro os primeiros moradores, com o intuito de provocar uma limpeza urbana e social, não foram alcançadas.

### 3.8 A modificação do espaço por meio da apropriação

De meados de 1960 ao início da década de 1970, o Piauí apresentou uma taxa de crescimento de 3,07%. A Teresina, entre 1970 e 1980, era de 5,54%<sup>176</sup>, visível em todas as zonas da cidade em consequência principalmente da construção de conjuntos habitacionais destinados às classes com renda entre 1 e 2 salários mínimos. Esse fenômeno ocasionou uma verdadeira disciplinação dos espaços dentro da capital, iniciada ainda em 1969, quando da criação do PDLI, o qual, não entrou em vigor na época. O fato é que essas reconfigurações do espaço da cidade revelam o que Ana Fani Carlos denomina de apropriação de espaços:

A apropriação se revela em atos e situações que podem ser o andar pela rua do bairro, onde aparece a calçada como trajeto diário ( até o ponto de ônibus se toma a

<sup>175</sup> CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>176</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**: população, habitação; censos econômicos: agrícola, industrial, comercial e de serviços. Rio de Janeiro, 2000.

condução para o trabalho, por exemplo); pode ser o caminhar que todos os dias leva as pessoas às compras; pode ser o passo dos estudantes que se dirigem à escola.<sup>177</sup>

As diferentes e constantes ações no bairro Jockey Clube ocasionadas pela apropriação das pessoas que moravam desde os seus primórdios das demais que se deslocaram para lá após constatar a possibilidade de crescimento do bairro, conduziram às mais diversas representações sobre o local. O bairro, a partir do início da década de 1970, é associado a desenvolvimento, tornando-se local de moradia de luxo, sendo essa nova maneira de se perceber o bairro fruto dos constantes investimentos no local. Um dos primeiros melhoramentos foi a construção de um mercado Público municipal, durante a administração do prefeito Jofre Castelo Branco (31/01/1967 a 10/10/1967), como já mencionamos.

A criação do clube além das margens do rio Poty foi importante para o desenvolvimento do local. A travessia do rio era feita por meio de uma ponte de madeira que ficava onde hoje existe a ponte ferroviária. Por ali da ponte era feita a travessia de pessoas e de mercadorias que vinham de cidades como Campo Maior, Parnaíba e Fortaleza. Havia também barcas conhecidas como pontões, que faziam a travessia de pessoas em outros trechos do rio. A ponte de madeira teve seu fim em 1948, quando uma forte enchente assolou a cidade, elevando as águas dos rios e destruindo a ponte, mas outra foi construída, ligando a avenida Frei Serafim ao lado leste. A ponte Juscelino Kubistchek efetivou, desse modo, o desenvolvimento da área, tornando mais ágil o acesso àquele local.

Atrelados às intervenções espaciais na área, outros agentes começam a desenhar um novo traçado para o local. Embora sem dispor de serviços básicos de abastecimento d'água e energia elétrica, o local começou a receber seus novos moradores provenientes do centro da cidade, os quais destacavam a importância de alguns elementos que tornavam o local ideal para moradia, como o clima ameno, proximidade do centro da cidade, fácil acesso e tranquilidade, haja vista que o centro tornava-se a cada dia mais movimentado.

Há de se lembrar que os loteamentos e deslocamentos ensejaram a convivência diária de moradores de diferentes níveis sociais, considerando que quem residia ali eram pessoas de classe baixa que trabalhavam em terras de moradores do centro. A convivência em alguns momentos foi motivo de discórdias devido à prática que alguns moradores tinham de queimar madeira para produzir carvão usada para consumo doméstico ou para venda. Era comum encontrar notícias nos jornais da época relatando a insatisfação de moradores com o

---

<sup>177</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço – tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

mau cheiro produzido pela fumaça das “caeirás”. Um jornal da época registrou a existência de uma “favela” no bairro:

O Purgal está situado numa área escondida pelo matagal, nas proximidades da Avenida Homero Castelo Branco, no Jockey Clube, é um núcleo populacional recente que já se tornou uma das mais perigosas zonas de meretrício de Teresina. Favela constituída de 30 casas de palhas, chão batido e taipa, no máximo com dois cômodos, a nova favela vem se constituindo no desafio. Para as autoridades sanitárias, porque não existe infra-estrutura urbanística, falta água, luz e as casas são praticamente situadas em terrenos lamacentos... A maioria das casas foi improvisada sem a permissão dos proprietários ou da prefeitura municipal.<sup>178</sup>

Como se pode perceber trata-se de um pequeno aglomerado de famílias compostas quase exclusivamente por mulheres que, segundo a nota, têm uma maneira “desonesta” de ganhar a vida. É evidente que se trata de pessoas bem pobres que residiam em um local desprovido de quaisquer elementos urbanísticos, tornando-se um desafio para as autoridades municipais. Nesse contexto, cabe indagar: o Purgal estava se tornando um problema para as autoridades porque estava localizado em um espaço que estava se configurando como um dos mais nobres da cidade ou por que se tratava de pessoas pobres que estavam ocupando um espaço que estava sendo reconfigurando?

O bairro Jockey Clube vai se tornando o que Roberto Lobato Corrêa denomina de “espaço urbano fragmentado é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, engendrado por agentes que produzem e consomem<sup>179</sup>”. A configuração desse espaço dá-se em consequência da ação dos promotores imobiliários que, movidos pelas possibilidades de povoamento da área, iniciam a venda de terras tanto para a construção de residências como também de estabelecimentos comerciais.

As décadas de 1960 e 1970 foram o período em que o bairro recebeu uma maior quantidade de moradores isso devido como relata a nota seguinte:

Com as mudanças, a capital passou a receber nas décadas de 1960 e 1970 centenas de migrantes oriundos da zona rural e de outros estados da região nordeste, como o Maranhão e o Ceará, provocando, assim, a expansão da cidade para a direção Sul e para a Região leste, com o redeslocamento das populações de alto poder aquisitivo do centro da cidade em direção aos bairros Jockey Clube, Fátima, São Cristóvão, dentre outros.<sup>180</sup>

As mudanças empreendidas principalmente no centro da capital deslocaram um grande contingente de moradores para o Jockey, que não fosse o único foco receptor de novos

<sup>178</sup> AQUI nasce uma favela e zona de meretrício. **Jornal O Dia**. Teresina, 07/08 de ago.1975.

<sup>179</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço Urbano**. 4 ed. São Paulo: 2002.

<sup>180</sup> AUMENTO populacional. **Jornal O Dia**. Teresina, 03 de Nov. 1972.

habitantes, se destacou como um dos bairros que mais concentrou a classe média de Teresina, caracterizando-se dessa maneira como bairro segregado, para onde a elite fugia em razão dos transtornos urbanos. Com o grande número de habitantes, o bairro foi sendo redesenhado desse modo, os loteamentos desordenados deram lugar ao planejamento, isso em decorrência principalmente da entrada em vigor do PET, em 1978. O Município, por meio de ações visando melhorar aquele espaço, também se fazia presente:

Para a pavimentação a prefeitura está primeiramente fazendo a abertura de muitas ruas, totalmente interditadas para o tráfego de veículos e desmatamento e posterior terraplanagem. Também foi iniciado o calçamento de ruas. A pavimentação poliédrica foi iniciada no Jockey Clube ao lado do Mercado Municipal Domingos Monteiro, cujo local ficava alagado no período de chuva<sup>181</sup>.

Destacar que os melhoramentos urbanísticos no Jockey Clube estão atrelados à chegada de seus ilustres moradores não é nada novo, considerando que este é um fenômeno muito comum em nossa sociedade, isso porque o capital tem interesse em construir moradia para a classe média, e para conseguir, não mede esforços quando se trata de transformar áreas desprovidas de elementos urbanísticos. Segundo Lobato Corrêa, “para o seguimento da população que constitui o mercado dos promotores imobiliários, os financiamentos não são difíceis, o mesmo ocorrendo para as incorporadoras de imóveis”<sup>182</sup>. No bairro Jockey isso fica bem evidente nos investimentos, seja em loteamentos, como o já citado loteamento de terra destinado aos sócios do Jockey Clube, seja em condomínios financiados, a exemplo dos conjuntos Cidade Jardim, Residencial Horto e Portal do Jockey, lançados no início da década de 1980. Paralelo à materialização das moradias ocorreu a transformação da área, com a abertura de vias, calçamento e construção de estabelecimentos que vinham atender às necessidades dos moradores no Jockey, com boutiques como a Renove, academias, restaurantes e pequenos shopping center’s, como o Jockey Center, pizzarias, escolas particulares, como o Andreas e o Objetivo, além de agências bancárias: “A caixa forte já está funcionando em suas novas instalações do Jockey clube, no prédio onde esteve por alguns anos o restaurante Vila Rica. Aos poucos o Jockey se transforma num bairro completamente independente do centro da cidade”<sup>183</sup>. Essa agência ficava localizada na avenida Nossa Senhora de Fátima.

<sup>181</sup> INICIADOS os serviços de calçamento da Zona Norte de Teresina. **Jornal O Dia**. Teresina, 17 de mar. 1975.

<sup>182</sup> COORÊA, Roberto Lobato. **Espaço urbano**. 4º Ed. São Paulo, 2002.

<sup>183</sup> CAIXA Forte no Jockey. **Jornal O Dia**. Teresina, ano: XXX, n:7. 482., 17 de fev. 1981

Além da informação sobre a instalação da agência bancária, a nota aborda um detalhe muito importante, que é a independência que o bairro vai adquirindo em relação ao centro da cidade; a agência ficava localizada na Avenida Nossa Senhora de Fátima. A chegada de novos habitantes criou uma nova realidade social pelo fato de coexistirem no mesmo local moradias amplas e luxuosas amplas contrastando com as casas de palhas que ainda se mantiveram no local. Essa multiplicidade habitacional provocou, no Jockey Clube, um espaço segregado para a elite local, deixando-se os pobres que ali habitavam completamente à margem de “seu bairro”, essa presença nova e incômoda provocou o deslocamento de muitos moradores pobres para outras zonas da cidade.

A aludida convivência entre os novos e antigos moradores do bairro Jockey Clube era constantemente noticiada na imprensa local, que, vez por outra, destacava novos conflitos entre os moradores. Essa atenção que a imprensa destinava à temática pode revelar um interesse em materializar um discurso sobre quem deveria residir ou não na nova área onde estava se refugiando a classe média de Teresina:

Vendem-se terrenos para grandes, médias e pequenas construções, e também para qualquer outro tipo de utilização que deseje o interessado. Os terrenos são localizados nas áreas mais destacadas do Jockey para onde se estende o desenvolvimento urbanístico de Teresina. Facilita-se o pagamento e para qualquer entendimento.<sup>184</sup>

Além dos conflitos de convivência entre os moradores, era noticiada também a venda de terras no bairro, podendo-se se perceber, desse modo, a ação dupla dos produtores do espaço naquele local, seja referente à venda de terras, seja noticiando o conflito entre os moradores. Neste caso é claro o interesse do capital em estabelecer quem deveria residir naquele local.

O desenvolvimento tanto do bairro de Fátima como do Jockey Clube foi selado com a instalação do campus da UFPI, como já citamos, e, a partir daí, os promotores imobiliários iniciaram fortes investimentos na construção de condomínios destinados a uma classe de alto poder aquisitivo, na década de 1970. Os investimentos em moradias passaram a ser bem altos, não sendo poupados recursos para deslocar para ali uma nova classe social.

Mesmo com os investimentos particulares e públicos em urbanizar a área do Jockey clube, continuou dificultoso o deslocamento de algumas pessoas, porque o local era distante do centro e possuía muita vegetação. Segundo dona Elizabeth, a alteração para o bairro representou uma mudança muito brusca na sua vida:

---

<sup>184</sup> TERRENOS no Jockey Clube. **Jornal O Dia**. Teresina, p. 5,19 de jan. 1973.

Minha mãe reclamava que a nossa casa (do centro) era pequena. Minha família era grande, sou de uma família de 7 irmãos. Então papai conseguiu uma casa no Residencial Horto Florestal, era um condomínio de casa que era financiado pela Caixa Econômica Federal, então nós nos mudamos, mais foi uma mudança radical porque estávamos acostumados com o centro da cidade, tínhamos tudo perto. E aqui no Jockey as coisas eram mais difíceis. Mais era um lugar tranqüilo para morar; as melhorias demoraram a chegar mais não foi tanto assim. Nos mudamos em 1976, e quando as melhorias chegaram foi rápido, quando mi dei conta, o bairro estava transformado e hoje eu me dei conta que essa transformação aconteceu de maneira imposta porque muita gente que morava aqui teve que vender ou sair da sua casa ou terreno para dar espaço para outras pessoas<sup>185</sup>.

Dona Elizabeth destaca alguns pontos que já enfatizamos, porém ela menciona algo que até então outros entrevistados não haviam abordado, que é o fato de o progresso do bairro ter ocasionando em parte a expulsão dos antigos moradores. Ela diz que não sabe onde essas pessoas foram morar, mas acredita que muitos se deslocaram para o Planalto Ininga ou para o Renascença. Pela fala de dona Elizabeth, percebemos que um espaço que havia sido praticado pela ação dos moradores, aos poucos, foi se transformando em um lugar pensado e planejado para agregar um novo grupo social. A fotografia seguinte traz um anúncio publicitário do lançamento do condomínio Horto Florestal, no qual a família de dona Elizabeth adquiriu uma residência.



Fotografia 15: Residencial Horto.<sup>186</sup>

Fonte: Jornal O Dia

As residências edificadas ali, quando não eram construídas pelos proprietários para residir ou para alugar, eram financiados por algum órgão. No caso do Condomínio Horto, a Caixa Econômica Federal era a financiadora, desse modo podemos concluir que era

<sup>185</sup> BAPTISTA, Elizabeth. **Entrevista concedida à Cristina Cunha de Araújo**. Teresina, fev. 2009.

<sup>186</sup> RESIDENCIAL Horto. **Jornal O Dia**. Teresina, ano. XXXIII n: 6.677, p.11,16 de mar; 1984.

importante ter uma boa renda mensal para poder fazer um financiamento. O interessado poderia optar pelo tamanho da moradia, porque era ofertado mais de um tipo de planta. Se os condomínios não se localizavam exatamente no Jockey ou Fátima, ficavam em outros locais próximos a esses bairros e sempre perto da UFPI. Além de residências, espaços para eventos, como shows musicais, peças teatrais e aniversários infantis, foram construídos. Um exemplo deste tipo de espaço voltado para estas atividades era o “castelo da fantasia”.

O castelo da fantasia, o mundo encantado da criança piauiense onde o sonho vira realidade. O castelo fica situado na Avenida Vilmory, 2461 o bairro Jockey clube lá a criança encontra o mundo encantado que sempre sonhou. E se for o dia do aniversário de seu filho, esse será marcado como o mais importante e inesquecível.<sup>187</sup>

No “Castelo da Fantasia” eram realizadas festas, pois temáticas, o clube tinha uma ampla área de lazer que possibilitava diversas decorações, sendo apropriado para festas de aniversário, principalmente de 15 anos. Esse espaço marcou o imaginário infantil como um “lugar encantado”, estando atualmente está desativado.

Outra obra que demarcou o bairro como nobre foi a inauguração do Jockey Center. Até aquela data a capital ainda não dispunha de um espaço como aquele, onde se concentravam 20 lojas que ofereciam confecção, artigos para perfumaria, presentes, dentre outros. O Jockey Center foi localizado na avenida Homero Castelo Branco, o apoio de lojistas que viram na obra a possibilidade de se criar um espaço novo de compra para um grupo seletivo de consumidores e, ao mesmo tempo, estimular o desenvolvimento do comércio na localidade. Um jornal da época escreveu sobre a inauguração:

Com a presença do governador Hugo Napoleão, autoridades governamentais, empresários e convidados, foi inaugurado ontem o Jockey Center, na Avenida Homero Castelo Branco, empreendimento do engenheiro José Leal proprietário da construtora Joule a obra abrange 20 lojas.<sup>188</sup>

A inauguração do Jockey Center foi um marco no comércio local, porque concentrava um grande número de lojas em um mesmo ponto. Esse empreendimento marcou o início da atividade econômica naquele bairro, onde, além de se investir em habitação voltada para uma determinada classe social, agora se iniciava outra etapa que era criar um comércio com o perfil do grupo social que estava se deslocando para a área. Tal fato também revela o desejo de se efetivar outro espaço comercial fora do centro da cidade.

<sup>187</sup> CASTELO da fantasia. **Jornal O Dia**. Teresina, ano XXXVI. n: 8. 534., p.7,09 de out. 1987.

<sup>188</sup> INAUGURADO o Jockey Center. **Jornal O Dia**. Teresina, ano XXXIII. n: 6.768, p.5, 05 de jul.1984.

Contrastando com o crescimento da atividade comercial do Jockey, tinham-se as constantes especulações, com despejos constantes de famílias que moravam no bairro e não tinham documentos que comprovassem posse da terra ou da residência. Tudo isso estava deixando os moradores do bairro em pânico já que eles não tinham a quem recorrer e o aumento da procura pelo local para morar só piorava a situação daquelas pessoas. Uma das saídas encontradas foi a busca de novos bairros para residir, a exemplo do bairro Satélite que ficava próximo e tinha terrenos mais baratos para vender. Esses moradores também tiveram como destino o bairro Itararé, que, segundo João Batista Sousa do Nascimento<sup>189</sup>, foi caminho certo para os que tiveram que deixar suas casas para trás. Outro bairro citado foi o Saci, construído no final da década de 1970

Outro ponto constatado foi o caráter de seleção dos investimentos em melhoria urbana no local. Em nota jornalística, moradores denunciavam esse problema:

Segundo a estudante (...) residente na Rua Angélica o serviço de saneamento não está sendo feito para atender a todos os habitantes do bairro, e as ruas do bairro estão sendo calçadas ou mesmo asfaltadas de acordo com as condições de seus moradores. (...) Não existe nada mais injusto do que estão fazendo agora com a gente. Que “barra pesada”, exclama o pedreiro José Antônio dos Santos, de 23 anos que desde o ano passado vive em quarto com sua companheira Liza Castelo, grávida de 4 meses (...) mais agora tem um problema: o engenheiro Francisco Monteiro Rosa, proprietário da Imobiliária “Monteiro Rosa”, avisou que dentro de um mês a família de Antônio tem que deixar a casa onde moram, pois garante o engenheiro, aquele terreno será utilizado para a construção de uma nova casa “descendente”<sup>190</sup>

Casos como o do pedreiro José Antônio não foram acontecimentos isolados, sendo considerável a quantidade de indivíduos que tiveram que deixar o Jockey e procurar outros pontos da cidade para residir. O motivo da saída não se restringia à falta de terrenos, pois também havia o alto custo de vida, haja vista que o local estava passando por um processo de extrema mudança não apenas física, mas socialmente com uma nova classe social que aos poucos ia dando uma nova configuração ao bairro. Esse processo ocasionou também o surgimento de cômodos pequenos, mal arejados construídos em “quintais” de outras casas ou em “becos”.

Segundo os dados da Prefeitura de Teresina, a população do Jockey Clube, em 1980, era de 3.098<sup>191</sup> habitantes. Considerando que, no início de 1960, havia um pequeno grupo de pessoas que residiam em casas simples, podemos dizer que o bairro cresceu no

<sup>189</sup> NASCIMENTO, João Batista Sousa do. **Itararé: Um Olhar Histórico e social entre 1976 e 1983**. 2005. Monografia de História. Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2005.

<sup>190</sup> CONSIDERADO o bairro mais rico de Teresina e o mais completo mesmo assim possui muitos problemas. **Jornal O Dia**. Teresina, ano: XXX n: 8023 p.8, 15 de mai. de 1982.

<sup>191</sup> ABREU, Irlane G. de. **O crescimento da zona leste de Teresina - um caso de segregação?** 1983. Tese (mestrado em Geografia) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983

quesito população. Esse aumento deu-se mais em consequência da quantidade de condomínios residenciais, que, no início de 1980, aumentaram constantemente, sendo edificados em vários pontos do bairro. Nas proximidades da avenida João XXIII, foi construído o residencial Boa Vista; entre as avenidas Presidente Kennedy e Dom Severino, o Jardim Jockey <sup>192</sup>. Essas residenciais materializam um novo tecido urbano do bairro, que, já no início de 1980, teve seus limites geográficos definidos.

O Jockey, semelhante ao bairro de Fátima, concentrou uma grande quantidade de estabelecimentos comerciais, como restaurantes, butiques e escolas privadas, porém, não havendo ali igreja o bairro faz parte da paróquia Nossa Senhora de Fátima. Não existe também hospital, sendo que quando existia o posto de atendimento no Centro Social, as pessoas costumavam procurar o estabelecimento para atendimento médico. Consolidado o processo de povoamento do bairro Jockey Clube, as veredas foram substituídas por ruas calçadas e bem definidas, comportando novos e antigos moradores que, a seu modo, constroem suas vivências cotidianas.

---

<sup>192</sup> RESIDENCIAL. **Jornal O Dia**. Teresina, ano. XXXIII. n: 6.677, p.11, 16 de mar. 1984.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de conclusão de um trabalho é um grande desafio, principalmente quando se trata de enumerar possíveis conclusões sobre algo a que deve ser dada continuidade, haja vista que existem diversas maneiras de se perceber e consumir um objeto de estudo tão vasto como aquele que apresentamos no decorrer desta dissertação. Entretanto algumas considerações e conclusões podemos tecer sobre esta pesquisa.

Inicialmente apontamos que o processo de urbanização de Teresina foi fruto dos diferentes projetos de desenvolver o país durante a ditadura militar, quando o projeto de urbanização das cidades brasileiras foi impulsionado pelos diferentes órgãos criados na época, como o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo – SERFHAU, Banco Nacional de Habitação – BNH e as Companhias de Habitação – COHAB. Para financiar a efetiva atuação desses órgãos, havia o apoio financeiro da SUDENE, a qual não conseguia destinar recursos suficientes para tal fim, fato perceptível pela constante demanda de habitação não só em Teresina, mas no Brasil como um todo.

O discurso modernizador e autoritário dos governos federal, estadual e municipal se materializou em Teresina na elaboração do Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI), que, por circunstâncias diversas, não entrou em vigor em sua plenitude, sendo que somente alguns de seus elementos foram postos em prática já na década de 70 por meio do Plano Estrutural de Teresina (PET).

Os diferentes projetos de planejamento do espaço de Teresina demonstram o desejo dos governantes de produzirem uma urbe dotada de lugares estrategicamente planejados, sendo a capital o modelo para as demais, entretanto alguns fatores inviabilizaram a completa efetivação desse projeto: o aumento da população da capital, com pessoas provenientes de outros estados ou do interior do próprio Piauí, as quais vinham para a capital com anseios de novas perspectivas de trabalho. A maneira de conduzir a criação dos lugares dentro da capital fosse pelo Estado ou pelo município, contrastava com a ação cotidiana dos diversos consumidores da cidade, os quais, por meio de suas ações, criaram espaços. Tal contraste fez emergir a cidade visível e a invisível.

Isso significa que edificavam-se diferentes bairros em Teresina, sendo muitos deles fruto de ações dos projetistas da cidade, arquitetos e urbanistas, outros foram surgindo quase pelo acaso, materializados pelos indivíduos que não foram inseridos no projeto da cidade Visível.

O crescimento da área urbana de Teresina na direção leste culminou com o processo de formação dos bairros Fátima e Jockey Clube, que tiveram os primeiros sinais de formação ainda nos anos 1950, materializados pela edificação do primeiro vão de concreto armado sobre o rio Poty, na mesma década. Os bairros tiveram alguns embriões responsáveis pelo seu povoamento: no caso do bairro de Fátima, foi a existência de uma pequena capela, já no Jockey, foi a construção de um hipódromo por um dos proprietários de terras na região, o coronel Otávio Miranda. O olhar empreendedor desses deu sustentação à forte atuação de agentes produtores dos espaços, que passaram a investir fortemente no desenvolvimento da zona, seja em ações particulares, com atuação direta dos proprietários, seja com investimento em propagandas publicitárias veiculadas nos periódicos locais com a finalidade de produzir um discurso que materializasse a zona como sendo nobre, contrastando-a com a imagem de área rural da cidade.

As constantes ações dos agentes produtores do espaço atraíram pouco a pouco novos moradores para os bairros, que viam ali o refúgio para o descanso e a tranquilidade que o centro da cidade não mais oferecia devido ao crescimento do fluxo de veículos e das atividades comerciais. A procura por terras nos bairros, ocasionada pela grande quantidade de moradores, contribuiu diretamente para que seus antigos habitantes vendessem suas terras e migrassem para outros bairros da cidade, sentindo-se muitas vezes, pressionados a deixar o local.

A atuação da igreja foi elemento primordial para o início do povoamento da zona leste, e especificamente do bairro de Fátima, já que a instituição se fez presente não só pela pequena igreja que foi edificada ali, como também pelo Centro social de Fátima, que, por muito tempo prestou serviço aos moradores do bairro e da zona como um todo, especialmente depois que a pequena igreja foi elevada à condição de paróquia, em 1969, pelo Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela.

O processo de desenvolvimento dos bairros de Fátima e Jockey clube foi selado pela implantação do campus da Universidade Federal nas proximidades, sendo que uma das maiores contribuições da instalação do campus naquela zona foi o prolongamento e pavimentação da atual Avenida Nossa Senhora de Fátima, que se tornou uma das principais vias de acesso aos referidos bairros.

A edificação de moradias modernas e obras de grande porte, como o campus da UFPI, fez emergir na região uma nova classe social, que passou a fazer investimentos e a reivindicar junto aos órgãos competentes elementos que materializassem o discurso a cerca de serem os bairros Fátima e Jockey a nova zona nobre da capital. A presença desse novo perfil

habitacional acelerou o processo de modificação da arquitetura local, que, em substituição às antigas casas de palha, concentraram moradias espaçosas e de concreto. Entretanto essa nova configuração que os bairros adquiriram substituiu as “antigas veredas” e “caminhos tortuosos” que permitiam o trânsito de pessoas nos bairros, dando-lhe aspecto de zona rural fato que não parecia incomodar os primeiros moradores da região, os quais revelam, por meio de suas memórias, as dificuldades e alegrias vividas nos bairros. A materialização do desenvolvimento urbano terminou forçando os poucos antigos moradores que resistiram e permaneceram nos bairros a modificar suas moradias com materiais e outros elementos que caracterizam as modernas construções arquitetônicas do pós - 1945 conforme destaca Montanet.<sup>193</sup>

Ao “findar” este trabalho, esperamos ter contribuído para a história dos bairros Fátima e Jockey Clube e também que nosso trabalho possa suscitar outras pesquisas.

---

<sup>193</sup> MONTANET, Josep Maria. **Depois do movimento moderno:** arquitetura da segunda metade do século XX. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.

## REFERÊNCIAS E FONTES

ABREU, Irlane Gonçalves de. **O crescimento da zona leste de Teresina.** Um caso de Segregação? 1983. Tese (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. **Dom Avelar Brandão Vilela entre o texto e o contexto:** trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956-1971). Tese mestrado em História- Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2008.

ALBERT, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes históricas.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BARROS, José D` Assunção. **Cidade e História.** Petrópolis: Vozes, 2007.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar** – a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLOCH, Adolpho. **Cinquenta Anos em Cinco.** 3º volume de meu caminho para Brasília. 1 ed. Rio de Janeiro: 1978.

BRANCO, Pedro Vilarinho Castelo. Desejos, Tramas e Impasses da Modernização. (Teresina 1900-1930) In: **Scientia et spes:** revista do Instituto Camilo Filho, ICF. Teresina, v. 1, n.2, 2002.

CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLO, Ginzburg, **O Fio e os rastros:** verdadeiro, Falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço – tempo na MetrÓpole:** a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano:** 1 artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994

\_\_\_\_\_. **A invenção do Cotidiano.** 2 morar e cozinhar; tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço urbano**. 4 ed. São Paulo: 2002.

CRISANTO, Nelimária de Macedo Silveira. **A Política Habitacional para a população de baixa renda em Teresina**. (monografia de Especialização em Educação de Direitos Humanos) Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2002.

DIAS, Cid de Castro. **Piauí Projetos Estruturantes**. Teresina: Alínea publicações, 2006.

DOBAL, H. **Obra Completa II. Prosa**. 2 ed. Teresina: Plug, 2007.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 11. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003

FILHO, A. **Memorial da Cidade de Verde**. Teresina: 1978.

KNAUSE, Paulo. **O desafio de fazer história**. IN: Artcultura, Uberlândia, v.8, n.12, p.97-115, jan.-jun. 2006.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa; Revisão da Tradução Maria Estela Heider Cavalheiro; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LE FEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LIMA, Antônia jesuíta de. **Favela COHEBE: uma história de luta por habitação popular**. Teresina: EDUFPI, 1996

\_\_\_\_\_. **As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas Dos pobres urbanos**. Teresina: Halley, 2003.

LIMA, Francisca Lidiane de Sousa. **Rupturas, permanências e vivências cotidianas: o bairro Mafuá de 1970 a 1990**. Tese ( Mestrado em História) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé. et all .**Teresina Tempo e Espaço**. Teresina: 1997.

\_\_\_\_\_. Teresina: urbanização e meio ambiente. IN: **Scientia. Scientia et spes**: Revista do Instituto Camilo Filho, Teresina: ICF, v. 1, n.º 2, 2002.

MARTINS, Agenor de Sousa et. al. **Piauí**: evolução e desenvolvimento. Teresina: Fundação CEPRO, 2003.

MONTE, Regianny Lima. **Teresina sob os anos de chumbo**: as interfaces de uma modernização autoritária e excludente. (Monografia de História) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Mini Aurélio**. Escolar, FNDE. Ministério da Educação. São Paulo: Nova Fronteira. 2001.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

\_\_\_\_\_. As Comemorações do Centenário de Teresina: Novas sensibilidades do Viver Urbano In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL, 2008, Teresina. **Anais**, P.4.

\_\_\_\_\_. Cajuína e Cristalina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 195-214, 2007.

NASCIMENTO, João Batista Sousa do. **Itararé**: Um Olhar Histórico e social entre 1976 e 1983. (Monografia de História) Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2005. UESPI, 2005.

NORA, Pierre. Entre Memória e História a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós- Graduação em História e do departamento de História da PUC – SP**. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, 1981.

OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: ed. da UFPR, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p.279-290, 1995.

PINSKY, Carla Bassanezi, (org.). **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2,n.3, p.3-15, 1989.

REIS, Eudã Soares dos. **A política habitacional no Piauí e a construção do Itararé (1975-1982)** (Monografia de História). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2006.

ROLINK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1995.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**: Tradução Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. 5 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil de Castelo e Tancredo, 1964-1985**. Tradução Mario Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

VELHO, Gilberto. **Antropologia Urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, 1992, 1995, 1998.

VIANA, Bartira Araújo da Silva. O sentido da Cidade: Entre a Evolução Urbana e o Processo de Verticalização. In: **Carta Cepro**, v.23, n.1, 2005

**FONTES**

Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina. **Financiamento:** Ministério do Interior SERFHAU FIPLAN BNH.

MARTINS, Edilberto. **Guia Turístico de Teresina 1959.** Teresina: Gráfica do IBGE, 1959.

LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé et al. **Paróquia de Fátima Sua História, Sua gente.** Teresina: Halley S.A, 2003.

Prefeitura Municipal de Teresina, Secretaria Municipal de Planejamento, Departamento de Projetos e Urbanismo. Prefeito Municipal Dep. José Raimundo Bona Medeiros.

Relatório – Prefeitura Municipal Teresina – Piauí p. 9. Administração Wall Ferraz. 1976  
Plano Estrutural de Teresina ( PET). Teresina 1976.

Censo Demográfico 2000. Fundação IBGE.

Mensagem Apresentada à Assembléia Legislativa, em 21 de abril de 1953. ( governador Pedro de Almendra Freitas)

ANIMAIS causam perigo. **Jornal o Dia.** Teresina, 27 de fevereiro de 1975.

AQUI nasce uma favela e zona de meretrício. **Jornal O Dia,** Teresina, 07/08 de ago.1975.

AUMENTO populacional. **Jornal O Dia.** Teresina, 03 de nov. 1972.

BAIRRO Tabuleta. **Folha da Manhã.** Teresina 23 de jan. de 1964.

BAR e Restaurante do “ Jockey clube” do Piauí. **Folha da Manhã.** Teresina. 04 de fev. 1958

CALÇAMENTO. **Jornal O Dia.** Teresina, 19/20 ago. de 1971.

ZONA Lestes cresce e aumenta especulação imobiliária. **Jornal O Dia.** Teresina, 24 de abr 1975.

CASTELO da Fantasia. **Jornal O Dia.** Teresina, ano XXXVI, n: 8. 534, p.7, 09 de out. 1987.

CENTRO social de Fátima. **Jornal O Dominical**. Teresina, ano XXXV. 15 mar. de 1967.

CONDOMÍNIO Cidade jardim. **Jornal O Dia**. Teresina, ano. XXX. n: 7.369, p.5, 29 ago. 1981.

CONSIDERADO o bairro mais rico de Teresina e o mais completo mesmo assim possui muitos problemas. **Jornal O Dia**. Teresina, ano: XXX n: 8023 p.8, 15 mai. 1982.

DOM Avelar e Seu Trabalho. **Jornal do Comércio**. Teresina, ano VIII, n: 1160 p.1 e 6, 25 de fev. 1956.

EIS que a cidade cresce. **Folha da Manhã**. Teresina, 20 fev. 1958

EMBELEZAMENTO da cidade. **Jornal O Dia**. Teresina, n: 3.278. 29 abr. 1971

ESSE Clube chamado River. **Jornal O Dia**. Teresina, n: 3.314, p. 7, 13/14 de junho 1971.

FREI SERAFIM será a mais bela Avenida do Nordeste. **Jornal O Dia**, Teresina 04 dez. 1971.

HABITAÇÃO Popular. **Jornal O Dia**. Teresina, ano: XIV n: 1172, p.6, 19 fev 1964.

IMOBILIÁRIA Rural. Terrenos à venda. **Folha da Manhã**. Teresina, ano VI, n: 1.618, p. 2, 01 out.1963.

INAUGURADO o Jockey Center. **Jornal O Dia**. Teresina, ano XXXIII. n: 6.768, p.5, 05 de jul. 1984.

INICIADOS os serviços de calçamento da Zona Norte de Teresina. **Jornal O Dia**. Teresina, 17 de mar. 1975.

JÓCKEY Clube do Piauí. **Jornal do Comércio**. Teresina, ano: VI n: 983. 08 de ago. 1952.

JÓCKEY clube. **Jornal do Comércio**. Teresina, ano: VI,n: 983, p.1, 28 dez. 1952.

JÓCKEY Clube. **Jornal O Dominical**. Teresina, ano: XVI, p. 51 e 52, 24 dez. 1952.

LOTES de terra à venda. **Folha da Manhã**. Teresina, ano: VI, n: 1.618. p.2, 01 de out. 1963.

MERCADO do Jockey Clube. **Jornal O Dominical**. Teresina, ano: XXXV. 15 de mar. 1967.

MULHERES despejadas. **Jornal O Dia**. Teresina, 28 out. 1971.

NOSSA SENHORA de Fátima em Teresina. **Jornal O Dominical**. Teresina, ano XVII. 04 out. 1953.

NOVOS lotes de Terra. **Folha da Manhã**. Teresina, ano: V, n: 1103, p. 4, 27 out. 1961.

O JÓCKEY Clube de Teresina será localizado à margem do Rio Poty. **Jornal do Comércio**. Teresina, ano VI, n.972, p. 09 de out 1952.

POÇO não soluciona problema. **Jornal O Dia**. Teresina, 03 de jul. de 19670.

PONTE Juscelino Kubtschek. **Jornal O Dia**. Teresina, 27 jul. 1974

PRAÇA Pedro II. **Jornal O Dia**. Teresina, o8 fev. 1964

RESIDENCIAL Horto. **Jornal O Dia**. Teresina, ano: XXXIII n: 6.677, p.11, 16 mar.1984.

RESTAURANTES. **Folha da Manhã**. Teresina, ano VII:n: 1626, p.2, 09 out.1963.

SAUNA. **Jornal O Dia**. Teresina, 12 mar. 1970.

SEDE Social do Jockey clube. **Jornal O Dia**. Teresina, n: 7.769., ano: XXX, p. 1, 07, 08 fev. 1982.

SURGE um novo bairro: Fátima. **Folha da Manhã**. Teresina, ano: VI, p. 2, 01 out. 1963.

TERRENOS à venda. **Folha da Manhã**. Teresina, ano: V.27, p. 4, out. 1961. 1103.

TERRENOS no Jockey Clube. **Jornal O Dia**. Teresina, p.5, 19 de jan. 1973.

VENDEM-SE terrenos. **Jornal O DIA**. Teresina, 19 fev. 1973.

## **DEPOIMENTOS.**

BAPTISTA, Elizabeth. **Depoimento concedido à Cristina Cunha de Araújo**. Teresina, fev. 2009.

FERREIRA, Teresinha Gomes. **Depoimento concedido à Cristina Cunha de Araújo**. Teresina, nov. 2005.

GONZAGA, **Francisco Luiz**. **Depoimento concedido à Cristina Cunha de Araújo**. Teresina, ago. 2008.

MORAIS, Maria de Lima. **Depoimento concedido à Cristina Cunha de Araújo**. Teresina, junho, 2008.

PAZ, Maria do Desterro Oliveira. **Depoimento concedido à Cristina Cunha de Araújo**. Teresina, jul.2008.

RIBEIRO, Joel da Silva. **Depoimento Concedido a Francisco Alcides do Nascimento, Laércio Barros Dias e a Regianny Lima Monte**. Teresina, 2006.

SILVA, Alberto Tavares. **Entrevista concedida a Elivaldo Barbosa no Jornal do Piauí TV Cidade Verde**. No dia 11/04/08.

SILVA, Estefânia Pereira da. **Depoimento concedido à Cristina Cunha de Araújo**. Teresina, junho. 2008.

SILVA, Francisca Luiza da. **Depoimento concedido à Cristina Cunha de Araújo**. Teresina, jan. 2008.